

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
Setor de Artes, Comunicação e Design

FLORA NASCIMENTO MARTINS

**TÃO LONGE, TÃO PERTO: A LEITURA DA TELENVELA “EM FAMÍLIA” EM
GUARAQUEÇABA**

CURITIBA
2015

FLORA NASCIMENTO MARTINS

**TÃO LONGE, TÃO PERTO: A LEITURA DA TELENOVELA “EM FAMÍLIA” EM
GUARAQUEÇABA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linha de Pesquisa Comunicação, Educação e Formações Socioculturais, Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Irene de Quadros

CURITIBA

2015

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Martins, Flora Nascimento

Tão longe, tão perto: a leitura da telenovela "Em Família" em
Guaraqueçaba / Flora Nascimento Martins – Curitiba, 2015.
160 f.

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Irene de Quadros

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Setor de Artes, Comunicação
e Design da Universidade Federal do Paraná.

1. Comunicação - Educação. 2. Comunicação e cultura. 3. Audiências
de televisão. 4. Telenovelas - Brasil. 5. Telenovelas – Aspectos sociais.
I. Título.

CDD 791.45



ATA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata da Sessão Pública, de defesa de dissertação para obtenção do Título de Mestre em Comunicação. No dia 31 de março de 2015, às 16h00min, nas dependências do Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná, reuniu-se a banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, composta pelos Professores Doutores Sandra Fischer (UTP), Regiane Regina Ribeiro e Claudia Irene de Quadros, orientadora e presidente da Banca Examinadora, com a finalidade de julgar a dissertação da candidata Flora Nascimento Martins, intitulada “**TÃO LONGE TÃO PERTO A LEITURA DA TELENOVELA “EM FAMÍLIA” EM GUARAQUEÇABA**”, para obtenção do grau de mestre em Comunicação. O desenvolvimento dos trabalhos seguiu o roteiro de sessão de defesa estabelecido pela coordenação do curso, com abertura, condução e encerramento da sessão solene de defesa feito pela orientadora Dra. Claudia Irene de Quadros. Após haver analisado o referido trabalho e arguido a candidata, os membros da banca examinadora deliberaram pela “.....aprovação.....” da acadêmica, habilitando-a ao título de Mestre em Comunicação, linha de pesquisa “Comunicação, Educação e Formações Socioculturais” da área de concentração em “Comunicação e Sociedade”, desde que apresente a versão definitiva da dissertação conforme regimento interno do programa. Curitiba, 31 de março 2015.

Profa. Dra. Sandra Fischer (UTP)

Profa. Dra. Regiane Regina Ribeiro

Profa. Dra. Claudia Irene de Quadros
Orientadora e presidente da banca examinadora

À minha mãe, Eloisa,
que tornou tudo isso possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, que sempre me apoia, independente dos caminhos que siga. Em especial à minha mãe que colaborou sobremaneira para a elaboração deste trabalho e ao meu irmão que me emprestou seu dote linguístico nos momentos que mais precisei.

Agradeço à minha companheira, Adriana, pela paciência e compreensão durante o processo deste trabalho.

À minha orientadora, que apesar do pouco tempo, demonstrou interesse nesta pesquisa, e acreditou que poderíamos chegar lá.

Aos colegas do mestrado, que cada um de sua forma colaborou com meu crescimento durante este processo. Em especial ao Humberto que colaborou não só na realização desta dissertação, mas se mostrou um amigo de bons e maus bocados.

Preciso ainda fazer um agradecimento especial, aos moradores de Guaraqueçaba, que tão bem me acolheram. Em especial, à Ruth Liberatto, que me guiou pelos bairros da cidade me abrindo as portas no primeiro contato, a Vilma, e a Eva pela colaboração nas pesquisas. E finalmente ao professor José Muniz que me cedeu material sobre a cidade, e nos recebeu tão gentilmente em seu grupo.

A CAPES pela bolsa.

Vem conhecer nosso fandango
E venha na beira da praia
Venha ver saia rodada
Que vira gira pelo ar

Venha ver que essa gente
Tem história pra contar
E vem ouvir que essa gente
Tem história pra contar

Venha minha gente vem
Chega bem perto, chega para cá
Bota um tamanco no pé
Veja como é que é
Pisa forte para lá
Dá mais espaço pra lá pra cá
E nesse plac, plac,plec,plac,plein
E no fandango você está também
Ó maré braba, maré mansa
Chega, chega para cá
Esse mar vira criança
Ele também aproveita
E no balanço do fandango
Ele quer se embalar.
Homero Reboli e Cláudio Ribeiro

RESUMO

O presente trabalho busca apreender como a telenovela “Em família”, exibida pela rede Globo de Televisão, no horário das 21 horas, é incorporada e resignificada pelos moradores de Guaraqueçaba. Sobre a ótica dos Estudos Culturais Latino-americanos, entende-se a comunicação como um processo no qual o receptor é parte ativa. Desse modo, a sua compreensão se dá a partir da leitura do público que imprime diferentes sentidos a uma mensagem, de acordo com o contexto cultural no qual se insere. Ele ressalta ainda a telenovela no Brasil hoje, caracterizada como uma veiculadora de valores, atitudes e comportamentos de distintos segmentos sociais, enquanto um instrumento de educação informal. O potencial educador-democratizador desse gênero encontra-se em sua capacidade de difundir questões sociais por meio da linguagem coloquial, aderida ao cotidiano. Assim, ela é objeto de reflexão em um contexto em que a população de baixa renda e escolaridade se encontra limitada em relação ao acesso a outros meios de comunicação. O encontro entre uma cultura marcada por valores tradicionais e a telenovela enquanto portadora de padrões que questionam os modelos de família pautados por relações hierárquicas é a principal tensão que emerge e se apresenta no decorrer deste trabalho.

Palavras-chave: Comunicação e cultura. Educomunicação. Telenovela.

ABSTRACT

The primary goal of this study is to learn how the soap opera titled “Em Família”, which was broadcasted by Globo Television Network in the 21 hours slot, is incorporated and resignified by the populace of Guaraqueçaba. According the concepts of the Latin-American Cultural Studies, we understand communication as a process in which the receiver plays an active part. Therefore, its comprehension comes from its reception, which imprints different meanings on a message depending on the cultural context in which it is inserted. It also highlights soap operas, as characterized today in Brazil, as programs that convey values, attitudes and behaviours of distinct segments of society, an instrument of informal education. The democratizing and educating potential of soap operas lies in its ability to convey social issues through colloquial speech, as in people’s daily lives. Thus, they are an object of reflection in a context in which the populace with low income and education levels finds itself restricted regarding their access to other media outlets. The meeting of a society marred by traditional values and soap operas while bearers of standards that question the family template guided by hierarchic relations is the main tension that emerges and makes itself known throughout this study.

Key words: Communication and culture. Communication and education. Soap opera.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - PROTAGONISTAS DA 2ª FASE (LAERTE, HELENA E VIRGÍLIO).....	45
FIGURA 2 - PROTAGONISTAS DA 3ª FASE (VIRGÍLIO, HELENA E LAERTE).....	45
FIGURA 3 - O PERSONAGEM ALCOÓLATRA - FELIPE - TIAGO MENDONÇA.....	46
FIGURA 4 - FAMÍLIA DE CLARA.....	47
FIGURA 5 - CASAMENTO DE CLARA E MARINA.....	47
FIGURA 6 - JAIRO, JULIANA E FERNANDO.....	48
FIGURA 7 - CASAMENTO DE NEIDINHA E ALICE.....	49
FIGURA 8 - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE GUARAQUEÇABA-PR.....	59
FIGURA 9 - BRASÃO DO MUNICÍPIO DE GUARAQUEÇABA-PR.....	59
FIGURA 10 - BANDEIRA DE GUARAQUEÇABA-PR.....	60
FIGURA 11 - GUARAQUEÇABA EM 1860.....	62
FIGURA 12 - GUARAQUEÇABA EM 1926.....	63
FIGURA 13 - RUA DA PRAIA, ATUAL RUA PAULA MIRANDA, GUARAQUEÇABA 1955.....	64
FIGURA 14 - VISTA DO MIRANTE DE SERRA NEGRA - PR 405.....	66
FIGURA 15 - GUARAQUEÇABA HOJE (2014).....	68

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - EXPANSÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL	36
QUADRO 2 - SÍNTESE DA HISTÓRIA DA TELEVISÃO NO BRASIL	37

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - TABELA.....	70
TABELA 2 - POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA, POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA E POPULAÇÃO OCUPADA - HOMENS.....	72
TABELA 3 - POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA, POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA E POPULAÇÃO OCUPADA - MULHERES.....	73
TABELA 4 - ATIVIDADE DESENVOLVIDA POR FAIXA ETÁRIA- HOMENS.....	74
TABELA 5 - ATIVIDADE DESENVOLVIDA POR FAIXA ETÁRIA - MULHERES.....	74
TABELA 6 - ESCOLARIDADE POR FAIXA ETÁRIA - ESTÁ ESTUDANDO	76
TABELA 7 - ESCOLARIDADE POR FAIXA ETÁRIA - NÃO ESTÁ ESTUDANDO....	76
TABELA 8 - HÁBITOS DE LAZER POR FAIXA ETÁRIA - MULHERES	77
TABELA 9 - HÁBITOS DE LAZER POR FAIXA ETÁRIA - HOMENS	78
TABELA 10 - HÁBITOS DE LAZER POR FAIXA ETÁRIA - MULHERES	79
TABELA 11 - HÁBITOS DE LAZER POR FAIXA ETÁRIA - HOMENS	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 SOCIEDADE E CULTURA.....	17
2.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO INFORMAL: O CASO DA TELEVISÃO	22
3 A TELENOVELA COMO RECURSO COMUNICATIVO E EDUCATIVO	28
3.1 A EXPANSÃO E CONSOLIDAÇÃO DA TELEVISÃO NO BRASIL	29
3.2. A TELENOVELA	38
3.2 A TELENOVELA “EM FAMÍLIA”	44
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	51
4.1 A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: DA ESCOLHA DO OBJETO AOS MÉTODOS UTILIZADOS	53
4.2 PERFIL DE GUARAQUEÇABA.....	58
4.2.1 Um pouco de história	61
4.2.2 Guaraqueçaba hoje	67
4.2.3 Contexto socioeconômico de Guaraqueçaba.....	69
4.2.4 Primeira fase da pesquisa: dados quantitativos	71
5 TÃO LONGE, TÃO PERTO, A TELENOVELA NO DIA A DIA DE GUARAQUEÇABA	83
5.1 MORAL E SEXO	90
5.2 FAMÍLIA	92
5.3 HOMOSSEXUALIDADE E PRECONCEITO	95
5.4 EDUCAÇÃO	99
5.5 SAÚDE – ALCOOLISMO, DOAÇÃO DE ÓRGÃOS, TRANSPLANTE, MAL DE PARKINSON	101
5.6 A VIDA NA NOVELA E A VIDA EM GUARAQUEÇABA	103
5.7 GRUPO DE DISCUSSÃO – MULHERES	106
5.8 GRUPO DE DISCUSSÃO: JOVENS.....	108
5.9 APONTAMENTOS GERAIS.....	112
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS.....	119
APÊNDICE I - QUESTIONÁRIOS.....	122
APÊNDICE II – ENTREVISTAS	124
APÊNDICE III – GRUPOS.....	148

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação nasce de uma experiência de três anos vividos em Guaraqueçaba - um núcleo urbano com pouco mais de 2500 habitantes, encravado no meio das montanhas do litoral do Paraná. A partir dessa vivência surgiram muitas perguntas sobre a vida tão distante e ao mesmo tempo, tão próxima da capital. Os hábitos, as relações políticas, as relações pessoais e a intensa religiosidade, por vezes, davam a sensação de voltar no tempo. Esse processo de estranhamento cultural motivou a realização desta pesquisa.

Apesar de ficar muito próxima da capital do Estado, Guaraqueçaba possui um cotidiano diferente das cidades de grande e de médio porte. Nesse cenário, observou-se a relação de seus cidadãos com a informação e o entretenimento. Em Guaraqueçaba, não há bancas de jornal, cinema ou livraria. Para comprar um jornal impresso, por exemplo, é necessário viajar pelo menos duas horas e meia até Paranaguá, a cidade mais próxima. A ida ao cinema ou ainda, a uma livraria exige o mesmo esforço. São alguns motivos que levam muitas pessoas que lá chegam ao estranhamento cultural, como denominado por Nestor Canclini (2006b).

A maioria de seus habitantes faz uso da comunicação oral para se informar sobre os fatos públicos e privados de Guaraqueçaba. Não há na cidade jornal, rádio e/ou televisão para divulgar as notícias locais. Desse modo, o “boca a boca”, na maior parte das vezes, é utilizado tanto para informações da vida pública quanto da privada. Concursos públicos, festas, mortes, nascimentos, enfim, toda e qualquer notícia referente ao município sobe e desce ladeiras, anda quilômetros e é repassada conforme a interpretação de seu interlocutor.

A internet começa a delinear um papel importante na comunicação local, mas de forma incipiente. Afinal, o número de moradores conectados ainda era muito pequeno em 2014. Não há pesquisas oficiais sobre o uso da internet em Guaraqueçaba, mas há acesso em pousadas e órgãos públicos. A maioria da população de quase 8 mil habitantes no total, com renda média de R\$ 304,67 (IBGE/IPARDES, 2010), não tem acesso à internet em casa. No entanto, há algumas comunidades criadas no *Facebook* - maior rede social digital no mundo-, sobre o município. A “Guaraqueçaba Blog” era a mais seguida em julho de 2014, com um pouco mais de duas mil pessoas. Entre as comunidades, estão iniciativas

da administração do município, de apreciadores da região e de moradores da cidade.

Neste estudo, no entanto, o meio de comunicação em foco é a televisão e o gênero telenovela. Por meio desse veículo, os moradores de Guaraqueçaba recebem informações que não fazem parte do seu cotidiano, bem como discussões que refletem uma complexidade de mobilização e de pressão social diferentes de sua realidade. Por isso, parte-se da seguinte questão: De que forma essa população tão peculiar, morando em cidade com características tão particulares, vivencia a televisão, em especial, a telenovela?

Partindo dos Estudos Culturais da Escola Latino Americana, como Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini e Guillermo Orozco Gómez, procura-se equacionar a relação das particularidades locais em um mundo globalizado. Para isso, se observa a comunicação como um processo, no qual o público é participante ativo e imprescindível na construção do sentido das mensagens midiáticas. Pretende-se ainda compreender como é o processo de educação informal na televisão.

Entre a programação televisiva, neste estudo, elegeu-se a telenovela em decorrência de suas características: linguagem coloquial, fácil compreensão, discussão de temas presentes na sociedade e pretensa representatividade da realidade do povo brasileiro.

Em Guaraqueçaba, uma parcela significativa da população acompanha os capítulos da telenovela, os quais trazem questões que pautam discussões do dia-a-dia. Aqui se optou em observar a telenovela “Em família” por ser a trama em exibição no período da pesquisa, o que possibilitou provocar e captar diferentes perspectivas sobre as temáticas abordadas.

Esta dissertação adota a perspectiva de Maria Immacolatta Vassalo Lopes (2002) que a chama de **narrativa nacional**, destacando que o público identifica no seu enredo, os seus problemas que nem sempre encontram espaço em outras programações televisivas. Isso, aliado à forma de apresentação que se aproxima das expressões cotidianas, a torna um produto midiático de significativa repercussão nacional.

Nessa perspectiva relacionam-se os principais temas elencados pelos entrevistados que foram abordados pela telenovela “Em família”, exibida pela rede Globo às 21 horas, no período de 3 de fevereiro a 18 de julho de 2014. Esse roteiro

de observação serviu de suporte para as entrevistas. Procurou-se assimilar como os entrevistados percebiam e valorizavam ou não, as diferentes temáticas, procurando compreender essas leituras particulares a partir de elementos que delineavam sua vivência. Os temas relacionados foram: família, moral, sexo, homossexualidade, preconceito e saúde. O objetivo foi apreender como os entrevistados faziam o contraponto entre o que era mostrado pela telenovela e a sua realidade.

Como base para efetivação desta pesquisa efetivou-se um levantamento estatístico preliminar para relacionar condições socioeconômicas, vivências fora do município, hábitos de lazer e de leitura, formas de acesso às informações e particularmente, preferências e frequência de acesso às diferentes programações televisivas.

A referida pesquisa mostrou que da amostra de, aproximadamente 9% da população que vive na sede do município, uma parcela significativa tem, quando muito, uma vivência esporádica fora do município. A principal fonte de informação é a televisão, aparecendo de forma incipiente, o acesso à internet e o hábito de ouvir rádio. A leitura é um hábito pouco citado e nos raros casos em que aparece, abrange a leitura bíblica. Entretanto, o consumo televisivo é o destaque como forma de lazer e, entre os programas preferenciais, a telenovela é o de maior frequência.

Nesse contexto, para inúmeros pesquisados, a realidade nacional só ganha sentido por meio da experiência televisiva como se percebeu em alguns comentários: “isto é um café de novela” ou “shopping só conheço pela novela”. São declarações que causam estranhamento, mas que tornam patente o confronto entre duas realidades estruturadas de forma distintas, a vivida e a representada pela telenovela.

Esse primeiro levantamento serviu de referência para a seleção de uma amostra de algumas famílias para a realização das entrevistas em profundidade. Essas entrevistas, em número de 16, cessaram quando as respostas começaram a ser repetitivas. A indagação serviu para abarcar a sua percepção da telenovela, a inserção de temas na dinâmica social local, a influência das questões colocadas na formação de opiniões, a interação de discussões ali veiculadas com outros referenciais culturais.

A entrevista inicial foi do tipo aberta, permitindo que as pessoas expressassem sua percepção e a importância das temáticas abordadas. Num segundo momento, a partir do cenário construído inicialmente, buscou-se um

aprofundamento das discussões. Finalmente, focou-se a discussão na novela “Em família.” A ênfase nessa novela permitiu avaliar, de modo claro, o impacto de diferentes questões e sua forma de apresentação. No período da aplicação dos questionários e, depois, quando das entrevistas em profundidade, a telenovela “Em família” pautava conversas em filas de supermercado, nos bancos das igrejas, nas salas de aula e, principalmente, no ambiente familiar. De certo modo, se salientaram assuntos que, muitas vezes, não têm espaços nesses ambientes. A introdução de temáticas que não pareciam incorporar o cotidiano dos entrevistados, suscitando discussões e reflexões, chamou a atenção para o papel da televisão, ao se incorporar aos mecanismos de educação informal e viabilizar a relativização de valores, a reflexão sobre ideais, direitos e deveres.

Esta dissertação se estrutura em quatro capítulos. No primeiro, concebe-se a televisão como fonte de cultura, informação e educação informal, destacando a discussão de estudos culturais latino-americanos.

O segundo capítulo discute a telenovela como narrativa nacional, como proposto Lopes (2002). Também se apresenta um breve histórico desse gênero televisivo no Brasil e a relação da telenovela com a educação. Além disso, traça-se um perfil conciso da novela, “Em Família”, baseado primordialmente nas questões levantadas pelos entrevistados no decorrer da pesquisa, que serve de mote para este estudo.

O terceiro capítulo traz a descrição dos procedimentos metodológicos, o percurso percorrido, bem como uma descrição dos instrumentos utilizados na pesquisa. Delineiam-se ainda as características do município de Guaraqueçaba, contextualizando o objeto de estudo.

O quarto capítulo aponta o resultado das fases da pesquisa efetivando uma análise embasada nas teorias apresentadas. Procura-se demonstrar de que forma esse público em específico, recebe as temáticas transmitidas pela telenovela “Em família” e como se efetua a apropriação e a decodificação dessas questões.

2 SOCIEDADE E CULTURA

Com ou sem a presença física de aparelhos de mídia, todos da cultura que os meios de comunicação ajudam a construir.
Baccega

A comunicação é um elemento central na análise de qualquer processo social, o que não desvaloriza sua importância em outros momentos da história. Na contemporaneidade, falar em sociabilidade, em cultura, em identidade e em conhecimento, é falar em comunicação.

Pensar a comunicação como uma esfera que impacta os diferentes espaços sociais é considerá-la como um processo que rompe com o dualismo emissor-receptor. É também tomar essa relação como parte constitutiva dos conflitos e negociações sociais.

Se entendermos por leitura “a atividade por meio da qual os significados são organizados num sentido”, resulta que na leitura – como no consumo – não existe apenas reprodução, mas também produção, uma produção que questiona a centralidade atribuída ao texto-rei e à mensagem entendida como lugar da verdade que circularia na comunicação. Levar a centralidade do texto e da mensagem à crise implica assumir como constitutiva a assimetria de demandas e competências encontradas e negociadas a partir do texto. Um texto que já não será máquina unificadora da heterogeneidade, um texto já não-cheio, e sim espaço globular perpassado por diversas trajetórias de sentido (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 293).

Assim, a comunicação é atravessada por contradições sociais que exprimem um jogo de forças. Nessa sociedade de contradições e conflitos há diferentes agentes sociais portadores de paradigmas culturais distintos e as demandas reconfiguram os sentidos dos produtos midiáticos. Desse modo, rompe-se com a concepção do poder manipulatório absoluto dos meios de comunicação. Ainda que a produção implique na predominância de uma perspectiva dos dominadores, ela não é consumida e assimilada passivamente, pelo contrário, a própria produção é tensionada pelos diferentes interesses em jogo.

Isso significa que a investigação da cultura midiática, incluindo tanto os meios, os produtos e as práticas culturais – ou seja, refere-se tanto à natureza e à forma dos produtos simbólicos quanto ao circuito de produção, distribuição e consumo – está inserida em uma concepção mais abrangente de sociedade vista como o terreno contraditório de dominação e resistência onde a cultura tanto se engaja na reprodução das relações sociais quanto na abertura de possíveis espaços para a mudança (ESCOSTEGUY, 2001, p.16).

Nessa perspectiva, pensar a comunicação é pensar a sociedade e suas contradições. É, além disso, entender a cultura como a construção de sentido nas diferentes práticas sociais. “A comunicação é ruptura e ponte: mediação. Entre dois sujeitos, por mais próximos que se sintam, está o mundo em sua dupla figura de natureza e história” (MARTÍN-BABERO, 2014, p. 30).

Assim, para apreender o sentido social da comunicação é necessário que ela seja percebida também pelo olhar do receptor, o que implica entender as especificidades da sociedade em que está inserida, sua posição social, as particularidades de sua trajetória, enfim, sua cultura. A cultura é pensada não como reposição e conservação de tradições, ou uma unidade a preservar, mas como coloca Martín-Barbero:

Quer dizer que frente a toda tendência culturalista, o valor do popular não reside em sua autenticidade ou em sua beleza, mas sim em sua representatividade sociocultural, em sua capacidade de materializar e de expressar o modo de viver e pensar das classes subalternas, as formas como sobrevivem e as estratégias através das quais filtram, reorganizam o que vem da cultura hegemônica, e o integram e fundem com o que vem de sua memória histórica (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.113).

Essa concepção de cultura torna-se ainda mais complexa quando se considera o atual processo de interconexão global. Ao mesmo tempo em que os meios de comunicação interconectam realidades distintas, o processo de expansão econômica amplia o mercado, seja ao viabilizar o fluxo de mercadorias, seja de pessoas, ao configurar uma realidade em que as fronteiras ganham aparência mais fluída.

Os processos globalizadores acentuam a interculturalidade moderna quando criam mercados mundiais de bens materiais e dinheiro, mensagens e migrantes. Os fluxos e as interações que ocorrem nesses processos diminuíram fronteiras e alfândegas, assim como a autonomia das tradições locais; propiciam mais formas de hibridação produtiva, comunicacional e nos estilos de consumo do que no passado (CANCLINI, 2006a, p. 26).

A televisão traz conflitos mundiais em filmes de horror ou shows pirotécnicos, apresentando o drama de países dos quais muitas pessoas sequer ouviram falar. Galerias de arte, antes espaço reservado às elites, podem ser visitadas, via internet, sem custos adicionais. Acompanha-se o casamento do

príncipe da Inglaterra sem se ter noção exata do que é uma Monarquia. Os movimentos periféricos assimilam músicas de origem norte-americana como forma de afirmar sua identidade. Esse processo de interconexão mundial ganha sentidos e valores distintos conforme se articulam a diferentes realidades socioculturais.

Ao operar segundo a lógica de mercado, os meios de comunicação difundem ainda modelos de vida e comportamento que geram expectativas de consumo e novos parâmetros para se situar e se identificar. Nesse processo, as diferenças se acentuam e, muitas vezes, vem à tona o sentimento de exclusão. Surgem também respostas contraditórias, ao mesmo tempo em que se configuram posturas de conformismo e identificação, com respostas de reafirmação e valorização da diferença.

Nesse sentido, Canclini afirma: “Ao estudar movimentos recentes de globalização, advertimos que estes não só integram e geram mestiçagens; também segregam, produzem novas desigualdades e estimulam reações diferenciadoras” (CANCLINI, 2006b, p. XXXI).

Dessa maneira, não se compreende mais a cultura a partir unicamente da história de cada país, cada sociedade, cada grupo, segundo sua inserção social. Ela tem necessariamente de ser pensada por meio dessa conexão global que gera novas identidades, novos comportamentos, novos valores, novas fobias e novas aversões.

A proposta não é demonstrar que as características culturais vão desaparecer ou devem ser menosprezadas e esquecidas em detrimento de uma cultura global e homogênea, mas sim, que as mudanças culturais decorrem hoje, em grande medida, dessa interconexão global. Nessa situação contraditória, há a reafirmação de aspectos tradicionais, revalorização de comportamentos e parâmetros que perdiam força, agregados às alterações profundas em expectativas e modos de vida.

A partir desse contexto, emergem novas identidades que esfacelam uma perspectiva de unidade pensada, seja a partir do local ou de uma posição estrutural na sociedade.

Dois processos estão transformando radicalmente o lugar da cultura em nossas sociedades: a revitalização das identidades e a revolução das tecnicidades. Os processos de globalização econômica e informacional estão reavivando a questão das identidades culturais – étnicas, raciais, locais, regionais – até o ponto de convertê-las em dimensão protagônica de muitos dos mais ferozes e complexos conflitos internacionais dos últimos anos, ao mesmo tempo em que essas mesmas identidades, mais as de gênero e as de idade, estão reconfigurando a força e o sentido dos laços sociais, e as possibilidades de convivência no nacional e ainda no local (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54).

Atualmente, portanto, não se pode falar das diferentes culturas como unidades, cada qual com sua identidade particular. Na verdade, pensar a cultura como uma entidade à parte nunca foi possível, salvo como uma ideiação.

No caso da América Latina, os referidos processos de globalização econômica e informacional ganham especificidades e complexidade.

Conforme Martín-Barbero, é fundamental resgatar essas particularidades para apreender o sentido particular que ele ganha nesse continente.

A fim de compreender tanto o que o atraso representou em termos de diferença histórica, mas não de um tempo detido, e sim relativamente a um atraso que foi historicamente produzido (crianças que morrem diariamente por desnutrição ou desidratação, milhões de analfabetos, déficit de calorias básicas na alimentação das maiorias, queda nas expectativas de vida da população etc.), quanto o que apesar do atraso existe em termos de diferença, de heterogeneidade cultural, na multiplicidade de temporalidades do índio, do branco e do tempo decorrente de sua mestiçagem. Só a partir desta tensão é pensável uma modernidade que não se reduza a imitação e uma diferença que não se esgote no atraso (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 218-219).

Expressão de uma história de dominação, exploração e exclusão, cujo desenvolvimento econômico se realiza com a reposição das diferenças e desigualdades. Na América Latina, os meios de comunicação desempenham um papel chave para criar uma unidade ou identidade nacional.

Quando se observa a tentativa de construir uma identidade nacional, no caso do Brasil, é possível dizer que o país segue a trajetória dominante na América Latina.

Renato Ortiz, em seu livro “Cultura brasileira e identidade nacional” (1998), afirma que devido às transformações econômicas, particularmente da industrialização, através de um Estado autoritário e centralizador busca-se construir uma unidade nacional.

O nacionalismo ganha ímpeto e o Estado se firma. De fato, é ele que toma a si a tarefa de constituir a nação. Essa tendência acentua-se com a implantação da ditadura do Estado Novo (1937-1945), ocasião em que os governos eleitos são substituídos por interventores e as milícias estaduais perdem força, medidas que aumentam a centralidade política e administrativa. No plano da cultura e da ideologia, a proibição do ensino em línguas estrangeiras, a introdução da disciplina Moral e Cívica, a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (que tinha a seu cargo, além da censura a exaltação das virtudes do trabalho) ajudam a criar um modelo de nacionalidade centralizado a partir do Estado (OLIVEN, 2002, p. 31).

Igualmente a busca pela construção de uma identidade nacional sobre as desigualdades e diferenças, emprega basicamente dois instrumentos: a educação e os meios de comunicação de massa (ORTIZ, 1988). Essa ação continuou ao longo da história nacional e se aprofundou com a Ditadura Militar, iniciada em 1964. Foram os militares que criaram a infraestrutura que permitiu a expansão da televisão para todo o território nacional. Objeto de uma censura rigorosa, a televisão foi estimulada enquanto mecanismo de unificação sobre uma realidade fracionada por diferenças econômicas e culturais.

No entanto, à medida que o poder do Estado se esvaía frente ao poder das instituições financeiras transnacionais, em que as identidades se fragmentaram, os meios de comunicação desempenharam um papel de enfraquecimento nas já debilitadas identidades nacionais.

Assim como, num primeiro momento, as indústrias culturais desempenharam um papel integrador e organizador, hoje, embora elas continuem interpelando os sujeitos, atuam mais como desorganizadoras e reorganizadoras da experiência social (ESCOSTEGUY, 2001, p. 157).

Quando o propósito é pensar a comunicação pela ótica do receptor, faz-se necessário considerar essas diferentes identidades que se colocam como mediações no processo de decodificação e recriação da mensagem. Da mesma forma, é forçoso considerar que essas identidades se constroem no confronto, não servindo, portanto, como referências constantes, mas principalmente, situacionais. Melhor dizendo: as identidades não são únicas, elas se sobrepõem. Assim, é viável um sujeito se identificar em uma determinada situação como negro, mulher, jovem ou trabalhador. Não são identidades que se excluem, elas convivem e emergem frente aos diferentes confrontos sociais ou culturais. **COLOCAR NO PÉ DE PÁGINA UMA NOTA SOBRE IDENTIDADE**

O problema reside no fato de que a maioria das situações de interculturalidade se configura, hoje, não só através das diferenças entre culturas desenvolvidas separadamente, mas também pelas maneiras desiguais com que os grupos se apropriam de elementos de várias sociedades, combinando-os e transformando-os. Quando a circulação cada vez mais livre e frequente de pessoas, capitais e mensagens nos relacionam cotidianamente com muitas culturas, nossa identidade já não pode ser definida pela associação exclusiva a uma comunidade nacional. O objeto de estudo não deve ser então, apenas a diferença, mas também a hibridização (CANCLINI, 2006a, p. 131).

As observações anteriores são absolutamente pertinentes para se pensar o processo de recepção, pois, ele não é individualizado e se esgota na relação entre receptor e mensagens recebidas. Também é social e se prolonga em diferentes ambientes e por meio de distintas relações em que o conteúdo é ressignificado.

Apresentam-se essas considerações teóricas para delinear a linha de análise deste trabalho, embasadas nos chamados Estudos Culturais.

Os Estudos Culturais não estão mais confinados à Inglaterra nem aos Estados Unidos, espalhando-se para a Austrália, Canadá, África, América Latina, entre outros territórios. Isto não significa, no entanto, que exista um corpo fixo de conceitos que possa ser transportado de um lugar para o outro e que opere de forma similar em contextos nacionais ou regionais diversos (ESCOSTEGUY, 2006, p. 136).

Na pista do raciocínio colocado por Escosteguy, é importante realçar que a linha de abordagem desta pesquisa busca suporte, particularmente, nos Estudos Latino Americanos que permitem um diálogo mais preciso com a realidade a ser compreendida.

2.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO INFORMAL: O CASO DA TELEVISÃO

Como parte integrante da cultura, a comunicação é impactada pelas diferentes esferas do social. Na medida em que difunde ideias, valores, posturas, concepções de mundo, a comunicação interage de forma direta com a educação. Ou, como se mostrará a seguir, a comunicação integra o processo de educação de diferentes segmentos sociais.

Desde seus primórdios, a comunicação transformou o campo da educação. No início, foram os meios impressos, depois os audiovisuais e na contemporaneidade, as tecnologias digitais.

Segundo Martín-Barbero (2014), o rádio e, em alguns países latino-americanos, o cinema, foram os responsáveis pela mediação entre as culturas rurais tradicionais e a nova cultura urbana da sociedade de massa.

O lugar da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para espessar-se, adensar-se e converter-se em estrutural. Pois a tecnologia remete hoje não à novidade de uns aparatos, mas sim a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escrituras (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 79).

Essa relação entre cultura e comunicação, quando implica em novos modos de percepção e de linguagem, remete diretamente ao processo de educação informal. Segundo Ruiz (1992), entende-se o processo educativo por meio de três situações: a educação formal, a educação não formal e finalmente, a educação informal. A educação formal se refere ao sistema educativo institucionalizado, como a escola e a universidade. A educação não formal é qualquer atividade educativa, organizada e sistemática que ocorre fora dos espaços institucionalizados. E, a educação informal, segundo interpretação de Baccega do *The MacBride Report*¹, pode ser assim definida:

O processo de toda a vida pelo qual cada pessoa adquire e acumula conhecimentos, habilidades, atitudes e compreensão (insight) a partir da experiência diária e mediante a exposição ao meio ambiente – em casa, no trabalho, no jogo; de exemplos e atitudes da família e amigos; de viagens, leitura de jornais e livros; escuta de rádio ou assistindo cinema e televisão. Geralmente, a educação informal é desorganizada e com frequência, assistemática; sem embargo, esta dá conta da grande maioria da aprendizagem total de qualquer pessoa no transcurso de sua vida – até de uma pessoa altamente “escolarizada” (BACCEGA, 2000, p. 22, tradução nossa).

Como enfatiza a própria Baccega, é preciso observar o mundo proporcionado pelos meios de comunicação (1999, p. 9): “Retomando Paulo Freire, diríamos que ‘o estar no mundo e com o mundo’, inclui, obrigatoriamente, hoje, no conceito de mundo a mediação, a leitura do mundo que nos é oferecida pelos meios de comunicação”.

¹ UNESCO (*The MacBride Report*). *Many voices, one world. Towards a new, more just and more efficient world information and communication order*. London: Kogan Page, 1980. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0004/000400/040066eb.pdf>>. Acesso em: 13/06/2014.

Diferentes autores como Canclini (2006a, 2006b), Gómez (2014), Martín-Barbero (2006), Baccega (2000), entre outros, realçam que hoje, as pessoas conhecem e se situam no mundo a partir dos meios de comunicação. Nas grandes cidades há ainda, ao mesmo tempo, um esfacelamento das relações diretas por causa da interconexão virtual das pessoas. Nos locais mais isolados, a sensação de pertencimento a uma totalidade maior, país ou mundo, também é influenciada pelos meios de comunicação. Portanto, essa construção virtual da realidade, que cada vez mais pauta a percepção e prática das diferentes pessoas, é uma fonte de inquietação de teóricos e educadores.

As aprendizagens estão em concorrência, e as instituições que buscam influenciar a educação também. O resultado é uma luta para formar os cidadãos. Às vezes ganha a escola, outras vezes a família, outras ainda a religião. Contudo, faz tempo que quase sempre ganham os meios de comunicação (GÓMEZ, 2014, p. 25).

Essa “vitória” dos meios de comunicação parece expressar, na verdade, a dominância de novas formas de aprender. Os conhecimentos adquiridos pelos meios de comunicação, na atualidade, aliam a compreensão puramente racional, a sensibilidade, a fantasia e o ócio.

Gómez chama a atenção para uma potencial interatividade criativa, viabilizada pelos meios de comunicação digitais. Contudo, ao mesmo tempo, mostra que atualmente, principalmente na América Latina, coloca-se como perspectiva, em detrimento da realidade, para a maior parte da população.

Acima de tudo, porém é necessário advertir que, embora haja uma mutação crescente nos sujeitos e em suas interações, eles são uma porcentagem variável da totalidade, e elas ainda são uma minoria dentro do cúmulo de interações que permanecem sem alterações substantivas; razão pela qual grande parte dessa possível mutação ainda está por tornar-se realidade (FUNDACIÓN TELEFÓNICA, 2009).

A forma como cada cidadão interage com os meios tem relação direta com o acesso e com o uso que cada um faz das tecnologias existentes.

Por exemplo, pode-se ser um internauta multitarefa e videogador simultaneamente, incluindo, na gama de situações que se experimentam, posições e interações de todo tipo, desde as mais rudimentares de ser meros espectadores do que acontece na tela, até outras muito criativas, a partir das quais se possibilita uma produção distintiva própria, a partir de desconstruções de produtos recepcionados (GÓMEZ, 2014, p.70).

Gómez afirma que, diferente de muitas preocupações manifestadas socialmente em relação ao computador e aos videogames que desconectariam as pessoas da realidade, ele vê um potencial educativo e criativo nessas tecnologias, viabilizando a passagem do mero espectador ao produtor. Por mais polêmicas que sejam essas questões, não é objeto deste trabalho aprofundá-las, mesmo porque, como diferentes autores, entre eles, Gómez (2014), Martín-Barbero (2014), Baccega (2000), Fuenzalida (2012), apontam a televisão como o meio de comunicação dominante, especialmente, na América Latina. A afirmação dos teóricos corrobora com o número de telespectadores que assistem à televisão. No Brasil, segundo pesquisa do IBOPE² (2014), divulgada pelo Portal UOL, o brasileiro passa 1/4 do seu tempo em frente ao televisor, ou seja, 3 meses por ano.

Portanto, entre os meios de comunicação, a televisão cumpre um papel fundamental na educação informal. O atrativo da televisão estaria ligado, segundo Martín-Barbero (2006, p. 254), à capacidade de conectar o espetáculo com a cotidianidade. A familiarização, ainda que na exploração de semelhanças superficiais, convence que até as populações mais distantes no espaço e no tempo, se parecem. Há ainda um distanciamento ou exotização que converte o outro, na estranheza mais radical e absoluta.

Em um país de acentuadas desigualdades socioeconômicas, com um número significativo de analfabetos, a televisão torna-se o principal veículo de comunicação. Assim, a aprendizagem se torna acessível e prazerosa quando a forma de apresentação dessas informações liga o lúdico ao real. Nesse contexto, a televisão incorpora o cotidiano da maior parte da população e se apresenta como um espaço privilegiado de lazer para parcela significativa dos trabalhadores.

Outro fator que reforça a presença da televisão é o seu local de acesso, pois, na maior parte das vezes, a audiência acontece no lar, o que não exige deslocamentos e custos adicionais, além de permitir um relaxamento e uma maior intimidade.

² Cf. <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/brasileiro-passa-tres-meses-por-ano-na-frente-da-televisao-diz-ibope-6302>>.

Aparece aqui uma expectativa de aprendizagem através da TV por parte do público, com duas diferenças em relação ao agente escolar: primeiramente, os conteúdos valorizados estão relacionados a situações existenciais e problemas da vida cotidiana; em segundo lugar, esta aprendizagem ocorre no âmbito da situação espaço temporal de recepção-entretenimento em casa, mais por meio de identificação emocional com histórias cotidianas e experiências pessoais que por raciocínio conceitual para obtenção de leis abstratas. Diferentemente do ensino escolar e da capacitação para o trabalho, estas expectativas educacionais situacionais são tramadas por meio de formas televisivas de entretenimento, e não do raciocínio conceitual, da abstração generalizante e de um currículo para o aprendizado sistemático (FUENZALIDA, 2012, p. 76).

É inegável que a presença da TV nos lares tem um forte significado enquanto potencial agente democratizador. Muitos grupos sociais aos quais sempre foi negado o acesso às informações, hoje estão conectados com o mundo. Contudo esse potencial democratizador é relativizado pelo histórico dos próprios receptores. Melhor dizendo, nem toda oferta de informação é necessariamente assimilada, criticada ou incorporada. Tudo isso vai depender da presença de referências culturais anteriores que viabilizem e predisponham para sua plena recepção, ou seja, ao que Pierre Bourdieu chama de “*habitus*”:

O *habitus*, como se diz a palavra, é aquilo que se adquiriu, mas se encarnou no corpo de forma durável sob a forma de disposições permanente. Essa noção lembra então, de maneira constante, que se refere a algo de histórico, que é ligado à história individual, e que se inscreve num modo de pensamento genético, por oposição a modos de pensamento essencialistas (BOURDIEU, 1983, p. 105).

Esse primeiro limite em termos do potencial democratizador da televisão se relaciona diretamente, às características de uma sociedade em que o desenvolvimento econômico desigual se concretizou a partir das diferenças, desigualdades e desconexões, para usar as expressões de Canclini (2005). Nesse contexto, muitas diferenças culturais são concebidas como desigualdades e até, como incapacidades, fazendo com que os receptores não se sintam aptos a criticar alguns conteúdos veiculados.

Além disso, a leitura do mundo não se dá como mera reprodução da realidade.

Hoje, o mundo é trazido até o horizonte de nossa percepção, até o universo de nosso conhecimento. Como não podemos estar presentes em todos os acontecimentos, em todos os lugares, temos que confiar nos relatos. O mundo que nos é trazido pelos relatos, que assim conhecemos e a partir do qual refletimos, é um mundo que nos chega editado, ou seja, ele é redesenhado, num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares de mediações, até que se manifeste no rádio, na televisão, no jornal. Ou na fala do vizinho e nas conversas dos alunos. São essas mediações – instituições e pessoas – que selecionam o que vamos ouvir, ver ou ler; que fazem a montagem do mundo que conhecemos (BACCEGA, 2000, p. 20).

Essas questões se constituem o cerne da preocupação dos estudos culturais e principalmente, daqueles relacionados à Educomunicação. Esses estudos, como já destacado anteriormente, apontam que o processo de audiência não é passivo. Isso, por que o processo de recriação se constitui a partir de referenciais culturais distintos daqueles onde o produto consumido foi concebido. Além disso, não se configura como um processo isolado, mas, se realiza nos diferentes grupos de referência ou identidade do espectador. Esse fato, embora implique em uma resistência à padronização, não anula as contradições apontadas.

Entre os meios de comunicação existentes hoje, a televisão permanece como um dos mais populares, com entrada no maior número de lares brasileiros. Segundo o IBGE, em 2009, 96,9% (Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar – PNAD, 2009), dos domicílios possuía ao menos, um aparelho de televisão. Entre a grade de programação televisiva, a telenovela continua se destacando como um dos programas de maior audiência da TV aberta brasileira.

Pelo sétimo ano consecutivo, os títulos da Globo ocupam inteiramente a lista das dez ficções mais vistas, com produções nacionais e roteiros originais. Nos dois primeiros lugares estão duas telenovelas do horário das 21 horas, *Salve Jorge* e *Amor à Vida* (LOPES; MUNGIOLI, 2014, p. 137).

Essas constatações, bem como aquelas referentes à importância da televisão e particularmente da telenovela como mecanismos de educação informal, estão na base da decisão de eleger essa programação como mote para o desenvolvimento da pesquisa em Guaraqueçaba. Recuperar brevemente a história da televisão e da telenovela no Brasil é o tema do próximo capítulo.

3 A TELENOVELA COMO RECURSO COMUNICATIVO E EDUCATIVO

Este capítulo tem a intenção de refletir sobre a expansão dos meios de comunicação no Brasil, em especial a televisão, como um instrumento com potencial democratizador da realidade social na medida em que os meios de comunicação desempenham um papel fundamental na construção de concepções do mundo, questionamento e criação de valores e atitudes. No entanto, devido a essas características, não é possível considerar apenas sua dimensão positiva. Utilizado historicamente no Brasil, pelo poder político e econômico como um instrumento de conformação da população, de manipulação das contradições, esse meio de comunicação guarda e reproduz as contradições presentes na sociedade.

Enquanto o foco do presente trabalho é pensar na dimensão educativa da televisão, volta-se à análise da telenovela, devido à sua grande penetração nas diferentes camadas sociais a qual se explica, em parte, por suas propriedades: a linguagem coloquial, a apresentação de questões do cotidiano, a temporalidade e a serialidade.

Considerando o processo de transformação econômica, particularmente acentuado na década de 1970, que se concretiza com o aumento considerável dos índices de urbanização e a concomitante consolidação da televisão, no mesmo período no país, tem-se uma ideia do papel desse meio de comunicação e principalmente, da telenovela.

Como observa Hamburger:

[...] televisão, principalmente por meio das novelas, capta, expressa e alimenta as angústias e ambivalências que caracterizam essas mudanças, se constituindo em veículo privilegiado da imaginação nacional, capaz de propiciar a expressão de dramas privados em termos públicos e dramas públicos em termos privados (HAMBURGER, 1998, p. 458).

Dado o imenso potencial dialógico da telenovela com a população em geral é que foi escolhida como mote para apreender a relação que os moradores de Guaraqueçaba estabelecem com a televisão e por meio dela, com o Brasil e o mundo.

Assim, a segunda parte do presente capítulo recupera a trajetória da telenovela nacional, bem como os vínculos explicativos com o contexto político e econômico de cada momento histórico, além dos aportes tecnológicos.

Finalmente, apresenta-se a sinopse da telenovela “Em Família” que se constituiu na referência para as entrevistas com as pessoas pesquisadas.

3.1 A EXPANSÃO E CONSOLIDAÇÃO DA TELEVISÃO NO BRASIL

A televisão chegou ao Brasil na década de 1950, propagando que “o mundo ficaria ao alcance do público em imagens.”, relata Barbosa (2010, p.16). Embora na época essa afirmação fosse exagerada, hoje ela parece ter se tornado potencialmente verdadeira. Na primeira década, a televisão estava restrita a um público seletivo, não somente pelo preço dos aparelhos, mas também pelas características das emissões que atingiam um máximo de 100 Km, restringindo o seu alcance a algumas centenas de pessoas.

Sua implantação, no início da década de 1950, foi influenciada pelo movimento econômico, quando o televisor era um luxo ao qual apenas a elite tinha acesso e a programação, procurando atender a esse público a partir do que se acreditava ser sua preferência, era constituída por musicais e teleteatros (CUNHA, TONDATO e CASTILHO, 2013, p. 41).

Enquanto em outros países a indústria cinematográfica contribuiu para o desenvolvimento da televisão, nos primeiros anos, no Brasil, a influência foi do rádio – meio de comunicação mais popular do período. Assim, no início, a TV incorporou profissionais (técnicos, artistas, autores) oriundos das emissoras de rádio.

Segundo Hamburger (2005), no começo, a televisão se apresentava como um canal de comunicação bastante restrito, com sinal limitado a uma pequena região geográfica e a um reduzido número de aparelhos.

Os dados sobre a presença de aparelhos nos domicílios carregam as marcas da desigualdade social, inscrita na geografia brasileira desde os primórdios coloniais. O número de aparelhos aumenta em períodos de crescimento econômico – como os chamados anos do “milagre”, na década de 1970, e a era do real, nos anos 1990 -, quando os televisores encabeçaram a lista dos eletrodomésticos mais vendidos. A distribuição de aparelhos no território nacional acompanhou o crescimento urbano: em 1960, dez anos após a inauguração da TV, de acordo com dados do Censo, apenas 4,6% dos domicílios brasileiros possuíam um aparelho; esse número subiu para 22,8% em 1970 e para 56,1% em 1980. Apenas na segunda metade da década de 1980, os sinais televisivos se tornaram disponíveis na maior parte do território nacional, mas ainda em 1991, apenas 71% dos domicílios possuíam pelo menos um aparelho (HAMBURGER, 2005 p. 22).

Na década de 1960, os militares brasileiros inauguraram a EMBRATEL, responsável por ampliar o alcance da televisão, que começou a se consolidar como um veículo de comunicação massivo no Brasil. A improvisação cedeu lugar a uma maior profissionalização e houve um direcionamento mais claro para diferentes públicos.

Não foi casual o investimento do poder militar na infraestrutura que viabilizou a expansão da televisão para todo o território nacional. A exemplo do Estado Novo, o poder repressor recorreu à educação formal e informal como mecanismos para criar uma “mentalidade nacional”, sob controle. Nas escolas se introduziam as disciplinas de Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil. Os meios de comunicação foram viabilizados através de pesados incentivos governamentais, tanto em infraestrutura, quanto por meio de propagandas pagas pelo Estado, ao mesmo tempo, que eram submetidos a uma rígida censura.

Segundo Ortiz:

Reconhece-se ainda a importância dos meios de comunicação de massa, sua capacidade de difundir ideias, de se comunicar diretamente com as massas, e, sobretudo, a possibilidade que têm em criar estados emocionais coletivos. Com relação a esses meios, um manual militar se pronuncia de maneira inequívoca: “bem utilizados pelas elites constituir-se-ão em fator muito importante para o aprimoramento dos componentes da Expressão Política; utilizados tendenciosamente podem gerar e incrementar inconformismo.”³ O Estado deve, portanto, ser repressor e incentivador das atividades culturais (ORTIZ, 1988, p. 116).

Em um país marcado por desigualdades sociais e regionais profundas, potenciais desencadeadoras de conflitos sociais, o controle unicamente repressivo não se mostrava suficiente. A necessidade de controle exigia mecanismos políticos e ideológicos mais eficientes, como bem coloca Ortiz:

De uma certa forma, o que a Ideologia de Segurança Nacional se propõe é substituir o papel que as religiões desempenhavam nas “sociedades tradicionais”; Nessas sociedades, o universo religioso soldava organicamente os diferentes níveis sociais, gerando uma solidariedade orgânica entre as partes, assegurando a realização de determinados objetivos (ORTIZ, 1988, p. 115).

A televisão, que passou a fazer parte do cotidiano das pessoas ao entrar nos lares brasileiros, logo se mostrou como um instrumento com imenso potencial de

³ Manual Básico da Escola Superior de Guerra, Departamento de Estudos MB-75, ESG, 1975, p. 121.

consolidar uma identidade nacional. Para que essa identidade se sobrepusesse aos conflitos sociais, ela foi vinculada a uma moral conservadora para que questões políticas e sociais fossem convertidas em questões morais. Desse modo, estabeleceu-se um estreito vínculo entre poder político e meios de comunicação, com particular ênfase à televisão. Por esse motivo, houve a necessidade de incorporar os hábitos cotidianos das famílias à estrutura das programações.

A ideia de que a família era o público por excelência da televisão, por exemplo, ainda que fosse uma herança do rádio, adquire feições, nos anos 1960, que são diferentes das antecedentes. A televisão se incorpora à rotina das famílias de forma diferente do rádio. A própria ideia de adaptação da programação da televisão à rotina de uma casa traz, em si mesma, um germe modificador dessa rotina, pois dela precisa fazer parte a televisão (BERGAMO, 2010, p. 1).

Nesse sentido, a televisão se mostrou como um mecanismo particularmente poderoso no sentido de alterar estilos de vida e relações sociais. A combinação de interesses empresariais e aliança ao poder político configura a implantação e expansão da TV brasileira.

O período que se inicia em 1970 e vai até 1989 marca a expansão da indústria da televisão no Brasil. A Rede Globo praticamente exerceu o monopólio durante esse período, também caracterizado por intensa interferência política e econômica do regime militar nas emissoras, e alcançou a posição dominante com uma grade de programação que tinha o “sanduíche” de novelas e o noticiário como ingredientes básicos. (HAMBURGER, 2005, p. 30).

A Rede Globo, que estreou em 1965, trouxe uma série de programas “populares”. Naquele período, a emissora consolidou uma estreita relação com o Regime Militar. Ainda que a censura representasse uma contradição com os interesses comerciais das emissoras, a aliança com o Regime Militar, bem como a unidade ideológica, permitiu que elas optassem por internalizar a censura.

Quando a autocensura em 1973, procurando controlar o conteúdo de suas programações, o que essas emissoras estão fazendo é circunscrever a vontade de se conquistar o mercado a qualquer preço, aceitando-se cumprir os compromissos adquiridos anteriormente junto ao Estado militar. Se elas cortam ou redimensionam determinados programas popularescos (Chacrinha, Derci Gonçalves, etc.) é porque é necessário garantir o pacto com os militares, que veem esse tipo de espetáculo como “degradante” para a formação do homem brasileiro definido segundo a ideologia de Segurança Nacional (ORTIZ, 1988, p. 120).

Assim, esse movimento contra o “grotesco na TV” impulsionou algumas mudanças em relação à programação, o que alterou consideravelmente, o perfil da televisão brasileira. Os programas ao vivo perderam espaço, o videoteipe foi mais usado, evitando o risco de perder o controle relacionado aos padrões considerados legítimos pelo poder político.

Era preciso ter uma programação que formasse o cidadão segundo a doutrina de Segurança Nacional, baseada em valores ligados a um cristianismo conservador, tendo a família, a religião católica, a pátria, o trabalho, a moral e os bons costumes como pilares da conduta (RIBEIRO, SACRAMENTO, ROXO, 2010, p. 116).

Nesse sentido, a visão do homem brasileiro deveria ser construída segundo os padrões mais conservadores da sociedade urbana.

A década seguinte foi considerada uma época de consolidação da televisão brasileira em vários aspectos: a programação que antes se dirigia ao popular perdeu espaço, os programas de auditórios normalmente centrados no apresentador, cederam lugar a programas elaborados, com produção especializada. A televisão em cores chegou ao Brasil por volta de 1973, trazida pela Rede Globo, que naquela época procurava consolidar o chamado “padrão Globo de qualidade”.

[...] nas décadas de 1970 e 1980, durante a fase de consolidação da indústria televisiva, sob o domínio da Rede Globo, as novelas passaram a ocupar a posição de um dos programas mais populares e lucrativos da televisão brasileira, e é por seu intermédio que as emissoras competem pela audiência (HAMBURGER, 2005, p. 30).

Nesse período a televisão finalmente se consolidou como o veículo de comunicação hegemônico no país. As transformações dessa década a consolidaram como um veículo popular e de fácil acesso, um meio de difusão de ideias e uma poderosa ferramenta de informação\formação social. As telenovelas abordavam temas sociais, retratavam assuntos atuais e exploravam o cenário nacional. Assim, a identificação com o público cresceu e o sentimento de pertencimento a uma nação se fortificou.

No caso da moderna sociedade brasileira, popular se reveste de outro significado, e se identifica ao que é mais consumido, podendo-se inclusive estabelecer uma hierarquia de popularidade entre diversos produtos ofertados no mercado. Um disco, uma novela, uma peça de teatro, serão considerados populares somente no caso de atingirem um grande público (ORTIZ, 1988, p. 164).

Dessa forma, orientada pela lógica de mercado, a televisão adequou sua programação, não apenas à elite econômica, mas também, às camadas de menor poder aquisitivo que se constituíram em parte significativa de seu público. Na década de 1980, o SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) entrou no mercado televisivo e trouxe a retomada da receita dos programas de auditório. A emissora é de propriedade do apresentador Sílvio Santos, que havia consolidado seu estilo na, agora concorrente, Rede Globo. Inicialmente, passou por dificuldades, pois, os anunciantes, grandes mantenedores das empresas de mídia, não queriam seus produtos vinculado à considerada programação popular, o “grotesco”. Contudo, sem abandonar a fórmula inicial, a emissora passou por um processo de readequação, conseguiu ampliar sua presença e se consolidou como uma alternativa com significativos índices de audiência.

Os programas considerados populares, que haviam perdido espaço, ganharam força. Não apenas se multiplicaram os programas de auditório, mas o jornalismo marrom ⁴ressurgiu nas telas do Brasil.

Esse processo se desencadeou sobre forte censura federal e mesmo, pela autocensura praticada pelas emissoras televisivas. Contudo, a década de 1980 teve como característica, profundas mudanças no contexto socioeconômico nacional. O país atravessava uma intensa crise econômica que se refletia na retomada dos movimentos sociais. O poder militar recuava e teve início um processo de democratização. “A censura ao jornalismo foi mantida até 1980 e às novelas, até 1988, quando a nova Constituição, que aboliu qualquer tipo de censura, foi aprovada” (HAMBURGER, 2005, p.35).

Entretanto, embora o processo de redemocratização do país tenha arrefecido a censura, não é possível dizer que ela foi eliminada dos meios de comunicação e, em particular, da televisão.

⁴ O jornalismo marrom é o exercício antiético da profissão do jornalista, homem ou mulher, no desenvolvimento da comunicação veiculada pela mídia escrita, falada, televisionada ou *interneteira*, atacando desonestamente pessoas, neoideias, instituições e governos, a fim de obter lucros marginais ou condições de status social, político, econômico, espúrio e sensacionalista.

Enquanto permanece como um espaço de estratégia política, a TV é alvo de disputas, mantendo-a como um canal de construção de perspectivas de mundo adequado aos interesses políticos de diferentes agentes do poder.

Ironicamente, o fim do regime militar, a posse do primeiro governo civil, em 1985, e a eleição de uma Assembleia Nacional Constituinte, em 1988, não significaram a diminuição da ingerência política sobre as emissoras de televisão. Embora a nova Constituição houvesse eliminado a censura, o sistema de concessão e controle das emissoras de televisão continuou sob a alçada política, passando do Executivo para o Legislativo (HAMBURGER, 2005, p.36).

Já na década de 1990, o período foi marcado pela mudança no panorama televisivo nacional, com o aparecimento das televisões a cabo e a consequente aparição dos canais de programação segmentada.

Segundo Brittos (2010), o primeiro foi o canal MTV, inaugurado em 1990. Ele mantinha uma programação claramente voltada ao público jovem, baseada praticamente, na exibição de videoclipes.

Os anos 90 do século XX constituíram-se como momento destacado da fragilização da percepção sobre as fronteiras nacionais, resultante dos movimentos de globalização capitalista. O prenúncio era de uma mídia sem amarras, desvinculada de vontades do Estado, mas o que se consolidou foi o princípio da livre concorrência, com a ampliação no número de emissoras televisivas e o acirramento de lógicas mercadológicas (BRITTOS; SIMÕES, 2010, p. 220).

A entrada da TV a cabo no mercado intensificou a concorrência entre as emissoras de TV aberta, frente à maior variedade de canais disponíveis e à migração principalmente, dos extratos socioeconômicos mais elevados. A TV aberta retomou o investimento em programas mais populares, levando novamente, à queda na qualidade da programação e à proliferação de programas que trabalhavam com a exploração da miséria humana.

A transformação de programas de televisão em mercadoria que precisaria ser adquirida levou à criação de uma programação diferenciada nesse nicho do mercado. A consequente migração do telespectador das classes A e B (ou parte de sua atenção) para esse tipo de TV (TV por assinatura) se refletiu também nas emissoras abertas, que se viram diante de um duplo processo de mutação. Em um movimento, perde-se uma considerável fatia de telespectadores com poder aquisitivo alto. Em outro, é incluída uma fatia de telespectadores com poder aquisitivo mais popular, muitos dos quais pouco identificados com os produtos televisivos apresentados até então (MENDONÇA, 2010, p. 264).

A década seguinte foi marcada pelo acelerado desenvolvimento das tecnologias e à intensificação dos fluxos midiáticos transnacionais. A televisão absorveu rapidamente essas mudanças readequando a programação, à medida que incorporou os modelos e padrões transnacionais. O melhor exemplo são os realities shows, reproduzidos em várias línguas com poucas diferenças (FECHINE, 2010, p. 281).

Outra mudança significativa foi a digitalização da televisão brasileira. A convergência midiática se mostrou agora potente, as emissoras de televisão criaram conteúdos exclusivos para web com a possibilidade de interagir com a programação da emissora em portais na internet.

Fechine e Figuerôa afirmam que:

Nessa mesma década, as emissoras de televisão começam a apostar mais assumidamente na convergência entre televisão e internet, lançando portais que integram sua programação tanto com conteúdos exclusivos para a web quanto com a produção de outros meios (jornais, rádio). Os melhores exemplos disso são o portal Globo.com, lançado em março de 2000, que integra todo o conteúdo das empresas das Organizações Globo, e o R7.com, um grande portal de jornalismo e entretenimento da Record, no ar desde setembro de 2009 (FECHINE; FIGUERÔA, 2010, p. 282).

Sem dúvida, a convergência midiática significa um potencial de maior democratização desses meios de comunicação. A audiência se torna mais ativa, passando a interagir com as emissoras, influenciando as programações.

Contudo, é importante que se considere que esse processo de desenvolvimento tecnológico não acontece de forma crescentemente inclusiva. As distinções de classe e mesmo de regiões mais ou menos desenvolvidas, mais ou menos industrializadas, significam um acesso diferencial a essa gama de recursos. Com isso, ao mesmo tempo em que se potencializa uma maior informação, se potencializa uma maior exclusão e diferenciação social, ou seja, longe de se homogeneizar, se consolidam diferenças e vêm à tona novos tipos de contradição.

Acima de tudo, porém, é necessário advertir que, embora haja uma mutação crescente nos sujeitos e em suas interações, eles são uma porcentagem variável da totalidade, e elas ainda são uma minoria dentro do cúmulo de interações que permanecem sem alterações substantivas; razão pela qual grande parte dessa possível mutação ainda está por tornar-se realidade (*Fundación Telefónica*, 2009, *apud* GÓMEZ, 2014, p. 70).

Na América Latina como um todo, o chamado processo de modernização foi muito mais lento e tortuoso. A industrialização aconteceu de maneira concentrada, preservando e reproduzindo um grande setor rural que funciona com relações de trabalho arcaicas que mantêm uma parcela significativa da população à margem de qualquer conquista viabilizada pelo desenvolvimento industrial e tecnológico.

Canclini (2005) alerta que, embora o processo de urbanização, acentuado a partir da década de 1970, com a concomitante expansão dos meios de comunicação, particularmente da televisão, tenha significado uma maior homogeneização das populações, ele não anulou as diferenças, que se reproduzem até hoje.

Embora a “modernização” econômica, escolar e comunicacional tenha conseguido aumentar a homogeneidade, coexistem capitais culturais diversos; os pré-colombianos, o colonial espanhol e o português, em alguns a presença afro-norte-americana e as modalidades contemporâneas de desenvolvimento capitalista (CANCLINI, 2005, p. 87).

Consoante com o raciocínio anterior pode-se dizer que em alguns casos essas diferenças são inclusive aprofundadas, principalmente, ao se pensar em termos de consolidação da cidadania. No Brasil, há uma expansão significativa dos meios de comunicação nos últimos anos, inclusive da internet, como se pode observar no quadro abaixo:

QUADRO 1 - EXPANSÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL

Quadro 2.10 - domicílios com acesso a bens duráveis (%)										
Ano	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011
Acesso à rede elétrica	96,0	96,7	97,0	96,8	97,2	97,6	98,1	98,6	98,9	99,3
Abastecimento de água	87,3	88,7	89,2	89,3	90,0	91,0	91,7	92,6	93,0	94,2
Acesso à rede coletora de esgoto	43,1	43,9	45,5	45,3	45,5	45,7	48,4	50,2	50,2	52,7
Fossa Séptica ou Rudimentar	21,1	21,5	20,9	20,7	21,5	22,1	22,6	21,1	21,8	17,7
Coleta de lixo direta	75,5	76,4	78,0	77,0	78,6	79,3	79,6	79,4	82,0	83,6
Fogão	97,6	97,7	97,6	97,5	97,5	97,6	98,1	98,2	98,4	98,6
Rádio	88,0	87,9	87,8	87,7	88,0	87,8	88,0	88,9	87,8	83,4
Televisão	89,0	89,9	90,0	90,2	91,3	92,9	94,3	95,1	95,6	96,9
Geladeira	85,1	86,6	87,3	87,3	87,9	89,0	90,6	92,1	93,3	95,8
Freezer	18,7	18,5	17,6	17,1	16,6	16,4	16,3	16,1	15,3	16,4
Máquina de lavar roupa	33,6	33,9	34,3	34,3	35,6	37,3	39,2	41,5	44,3	51,0
Microcomputador	ND	ND	15,2	16,3	18,5	22,0	26,5	31,2	34,6	42,9
Microcomputador com acesso à internet	ND	ND	11,4	12,2	13,6	16,7	20,0	23,8	27,4	36,5
Telefone	58,9	61,6	61,9	66,0	72,2	75,1	77,5	82,7	84,9	90,6
Telefone Celular Somente	7,8	8,8	11,2	16,5	23,6	27,8	31,7	37,6	41,2	49,8
Telefone Fixo Somente	27,9	27,0	23,4	17,8	12,4	11,0	9,4	6,7	5,8	3,5
Telefone Fixo e Celular	23,2	25,8	27,3	31,7	36,2	36,2	36,4	38,4	37,9	37,2

FONTE: ELABORADO PELO IETS, A PARTIR DOS MICRODADOS DA PNAD/IBGE (2011)⁵.

No entanto, a expansão dos meios de comunicação continua. Contudo, se configura como uma expansão seletiva, ou seja, está concentrada em alguns segmentos da população, além da concentração regional. Assim, em relação aos dados anteriores é preciso considerar que o levantamento sistemático do PNAD se concentra nas regiões metropolitanas das capitais (IBGE, 2011). Não reflete portanto, a realidade dos municípios mais afastados e, via de regra com condições econômicas mais precárias.

Essas considerações pautaram a escolha do objeto, bem como as observações feitas no decorrer da pesquisa.

QUADRO 2 - SÍNTESE DA HISTÓRIA DA TELEVISÃO NO BRASIL

DÉCADA	A TELEVISÃO
ANOS 50	Marco Inaugural da televisão no Brasil – ainda com caráter experimental iniciaram as primeiras transmissões nacionais.
ANOS 60	Inicia-se a popularização do novo veículo no país, juntamente com a especialização de sua produção e de seu pessoal. Caracteriza ainda o prenúncio da massificação e a formatação da indústria cultural no Brasil.
ANOS 70	“A consolidação da televisão como meio de comunicação de massa convive, então, com intensos debates acerca do papel social desse meio e o seu eterno dilema entre entreter e conscientizar as massas”. (RIBEIRO, SACRAMENTO, ROXO, 2010, p. 107).
ANOS 80	A década é marcada pelo retorno da democracia ao país, com uma nova popularização da televisão, que trabalha livre da presença da censura. Marca ainda, o retorno dos programas populares e a entrada do SBT no mercado televisivo.
ANOS 90	Essa década é marcada pela entrada no mercado das redes de TV por assinatura, os videocassetes e as primeiras experiências de interatividade e digitalização que contribuem notadamente, para uma reconfiguração do mercado televisivo.
ANOS 2000	Marcada fortemente pela convergência midiática, processo que teve início na década anterior se consolida, modificando tanto os modos de se ver televisão, como as formas de se produzir televisão.

⁵ Cf. <<http://www.abert.org.br/web/index.php/dados-do-setor/estatisticas/radiodifusao-socioeconomico>>.

FONTE: RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO (2010)

As transformações da televisão desde sua implantação no país modificaram de muitas maneiras os modos de ver TV, assim como os processos econômicos e profissionalizantes envolvidos. Porém, uma característica permanece desde muito cedo nesse veículo, a hegemonia da telenovela como programa campeão de audiência, desde a década de 1960. Obviamente, ela também sofreu drásticas transformações durante o tempo, as quais se discutirão no capítulo a seguir.

3.2. A TELENOVELA

A telenovela tem seus primórdios na França, no século XIX, com o surgimento do folhetim. Os folhetins apresentavam histórias românticas publicadas em periódicos de baixo custo. Isso os tornava acessíveis e com potencial de alto consumo, com penetração principalmente entre a população de baixa renda.

O gênero rapidamente se tornou popular entre uma população que se alfabetizava e buscava se integrar à realidade urbana. Vale lembrar que na época registrava-se um processo migratório intenso campo-cidade.

No rádio, as músicas populares começavam a ganhar espaço na programação, divulgando em seus intervalos recados dos mais variados assuntos dos ouvintes em forma de informes. Era uma espécie de conexão entre os que permaneciam no interior e os que na cidade grande tentavam a sorte. Essas transformações incessantes foram refletidas posteriormente por Martín-Barbero:

... o que esta mudando não se situa no âmbito da política, mas no da cultura, e não entendida aristocraticamente, mas como “os códigos de conduta de um grupo ou um povo. (MARTÍN-BARBERO,2006,P.66)

Com o grande sucesso das rádios entre a população, os folhetins logo foram adaptados a essa nova tecnologia, dando origem as radionovelas, que surgem inicialmente nos EUA nos anos 30 (Cabral, 2008, p.16), patrocinadas por empresas ligadas ao ramo de produtos de higiene, as radionovelas logo caem no gosto popular e tornam-se um produto de grande alcance, principalmente entre as donas-de-casa.

Concebida originalmente como veículo de propaganda das “fábricas de sabão”, ela visava aumentar o volume de vendas de produtos de limpeza e toalete, comprados principalmente pelas mulheres. Com a expansão das empresas americanas na América Latina (Colgate, Lever) buscou-se aclimatar a *american-soap* ao interesse folhetinesco das mulheres latino-americanas. Nasce assim as radionovelas, que primeiramente florescem em Cuba sob o patrocínio dos produtores de sabão, e são em seguida exportadas para o resto do continente como técnica de venda e comercialização de produtos. (ORTIZ, 1988, p.44-45)

Ao aprofundamento do processo de industrialização segue-se naturalmente um aprofundamento nas transformações tecnológicas, impactando inclusive os meios de comunicação. Se o rádio representou um veículo mais acessível à comunicação, quebrando a barreira que excluía os analfabetos do público em potencial, a televisão apresenta um potencial de inclusão ainda maior na medida em que alia o som à imagem.

É dos gêneros que fazem o tecido, o texto da televisão, em nenhum é tão visível a trama de modernidade e anacronia como na telenovela, essa modalidade latino-americana de melodrama na qual se resolvem e mestiçam a narrativa popular e a serialidade televisiva. Marcas e indicadores da narrativa na telenovela são de uma parte, suas relações com a cultura dos contos e lendas do medo e do mistério nos quais está em jogo o enigma do nascimento dos irmãos gêmeos, tão presente na narração recolhida pela “literatura de cordel” brasileira, as crônicas dos corridos mexicanos ou dos *vallenatos* colombianos. Dominada pela estrutura do contar a – com que isso implica de presença constante do narrador estabelecendo dia após dia a continuidade dramática -, a telenovela conserva a abertura do relato no tempo – sabe-se quando começa, mas não quando acabará – e sua porosidade à atualidade do que acontece enquanto dura o relato, abertura às próprias condições de efetivação, ligadas à produção, mas também ao reconhecimento. Porque a telenovela é um texto dialógico ou, segundo uma proposta brasileira que se baseia na *bahktiniana*, um texto carnavalesco, “onde ator, leitor e personagens intercambiam constantemente suas posições” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 171-172)

No Brasil a telenovela tem início quase que junto à chegada da televisão, inicialmente as tramas eram produzidas por profissionais oriundos das rádios, e tinham um formato um pouco diferente do atual, sendo transmitidas em dias alternados. Em 1963, segundo Fernandes, surge a primeira telenovela diária, “2-5499 Ocupado”, transmitida pela extinta TV Tupi, a cotidianidade, porém não foi a única inovação, segundo, KLAGSBRUNN (ANO), “2-5499 Ocupado”, foi ainda a

primeira telenovela brasileira a ser gravada em videoteipe. Ainda segundo Fernandes:

O que os homens da tevê daquela época não sabiam – nem o idealizador, já falecido, Edson Leite – é que estavam lançando a maior produção de arte popular da nossa televisão. E o grande fenômeno de massa depois do futebol. Além disso, acabavam de encontrar um grande produto televisivo, chegando a ponto de ser exportado para mais de 50 países, inclusive os Estados Unidos. (FERNANDES, 1987 p.35)

Neste início, porém, a telenovela brasileira trazia adaptações de outros países latino-americanos com enredos centrados em tradições e cultura de outros povos. A matriz melodramática se mantinha, porém tratando de problemas ambientados em locais estranhos à nossa cultura. Fernandes (1987) afirma que essas características se deviam em parte, a ligação das telenovelas as empresas patrocinadoras, que até então financiavam as tramas.

A linguagem refletia exatamente o universo folhetinesco, em que o drama e as inverossimilhanças conduziam os conflitos dos personagens. É o momento máximo das *soap-operas* (expressão inglesa de duplo sentido: óperas de sabão e óperas de má qualidade), com as telenovelas vendendo, através do patrocinador, uma infinidade de produtos ligados à higiene pessoal e do lar. (FERNANDES, 1987, p.66)

As telenovelas surgem ao mesmo tempo como estratégia de propaganda de produtos de higiene e limpeza e como uma tentativa de ampliar o público televisivo. No entanto, como ressalta Ortiz (1988), ainda na década de 60 iniciam-se tentativas de romper com esse padrão folhetinesco. O autor cita quatro telenovelas que teriam tentado alterar a temática e as referências de linguagem: Ninguém crê em mim, de Lauro César Muniz, na rede Excelsior; Os rebeldes, de Geraldo Vietri, na rede Tupi; Os Tigres, de Marcos Rey, na TV Excelsior e Beto Rockefeller, de Bráulio Pedroso, na rede Tupi. No entanto, elas não tiveram aceitação pelo público, acostumado ao estilo melodramático dominante até então. Segundo o autor, Beto Rockefeller, que acaba por ser considerado um marco no rompimento dos padrões vigentes mostrava-se como:

Uma novela que rompe com os diálogos formais, propondo uma narrativa de cunho coloquial, repleta de gírias e de expressões populares. Reproduzindo fatos e fofocas retiradas de notícias de revistas e jornais da época, o enredo procurava reproduzir o ritmo dos acontecimentos no interior da própria narrativa. A preocupação central de Bráulio Pedroso era trazer o cotidiano vivido para o vídeo, o que significava “escrever uma novela com uma proposta realista”, trabalhando inclusive a representação dos atores o

mais próximo possível da realidade. (ORTIZ, BORELLI e RAMOS, 1988, p.78)

Nesse sentido essas tentativas antecipavam o formato de novela que iria predominar a partir da década de 70. Nesta fase a linguagem coloquial, os cenários urbanos contemporâneos, o uso de externas nas gravações, enfim uma gama de características que a aproximada realidade do povo brasileiro, fazendo, com que ele se veja pela telenovela e a realidade virtual passe cada vez mais a tomar lugar da realidade concreta.

Havia uma preocupação em se aproximar do cotidiano do público e abordar questões relacionadas à sociedade brasileira. Esse foi o momento que alguns autores chamam de “abrasileiramento” da telenovela, caracterizado pela nacionalização dos textos, das temáticas e dos procedimentos de linguagem televisiva. (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 124)

Contudo, a telenovela, como a programação televisiva em geral são, durante a ditadura militar, alvo de severa censura. Segundo Hamburger (2005), em 1970 o General Médici baixou um decreto proibindo publicações e programações consideradas “ofensivas à moral e aos bons costumes”. O modelo de família nuclear deveria ser apresentado e valorizado.

Mesmo algumas emissoras tendo internalizado a censura, ainda assim, a arbitrariedade e conservadorismo das posições dominantes causavam constrangimentos às emissoras.

Em 1975, a censura proibiu, em cima da hora, a exibição da novela Roque Santeiro, que, pronta para ir ao ar, já possuía cenários, figurinos, elenco contratado e cerca de 30 capítulos gravados. Em 1977, a novela Despedida de Casado, de Walter George Durst, pronta para estreiar no horário das 20 h, também na Rede Globo, foi proibida.(HAMBURGER, 2005, P.34)

Dessa forma, os constrangimentos legais não viabilizavam a expressão dos conflitos e dissensos presentes na sociedade, assim como não permitiam as manifestações sociais tencionando a estabilidade social.

A década de 1980 marcada pelo processo de redemocratização traz à tona a emergência de movimentos sociais até então sufocados pelo processo de repressão e viabiliza uma maior abertura na produção midiática. Ao mesmo tempo, os movimentos sociais enquanto agentes presentes passam a interagir com os meios

de comunicação no sentido de que suas reivindicações, perspectivas e visão de mundo sejam adequadamente retratadas. Valendo-se dos canais disponíveis, seja as próprias pesquisas de opinião, seja as publicações em revistas e jornais, se acentua um processo de interação do público com as emissoras, interferindo nos rumos da programação.

As telenovelas, até mesmo pelo seu formato de um produto não acabado, que se adequa às opiniões sociais, além de sua pretensão de representar a realidade brasileira, são um alvo privilegiado nesse processo de interação.

Nesse novo contexto a telenovela se abre ainda mais para a inserção de conflitos sociais.

Outra característica vista com muito mais ênfase no Brasil é o fato de ela ser escrita na mesma época que vai ao ar, caracterizando claramente o que se chama de “obra em aberto” (Lopes, 2003; Pallotini, 1998), permitindo forte relação de interatividade do autor com o público. A telenovela conquistou mecanismos de interatividade que fazem com que a sua assistência se transforme numa experiência não apenas cultural, mas de sociabilidade, uma vez que ativa um “repertório compartilhado” e faz circular discussões que se entrecruzam com o que se divulga na imprensa escrita, nos vários programas de televisão e de rádio, pesquisas de audiência, conversas domésticas, entre vizinhos, em ambientes de trabalho e escolares.

A crítica social é tratada através dos núcleos familiares, dos desencontros amorosos. A telenovela trata do preconceito racial, da condição feminina, da ascensão social, das relações familiares, da sexualidade e de tantos outros temas por meio de seus personagens que cativam o público por muitos meses. Desta forma, a nação é representada na telenovela e acompanhada e criticada por milhões de pessoas que interagem com a produção. (MOGADOURO, 2007, p. 92)

As décadas de 1990 e 2000 são marcadas pela emergência da tecnologia digital no país. O processo de comunicação impactado pela tecnologia digital, articulando as diferentes culturas no espaço mundial representa uma mudança substancial nos parâmetros de identidade, de conhecimento e de demandas. Os meios de comunicação de massa estão no centro desse processo. Nos interessa aqui, particularmente a perspectiva de convergência entre os diferentes meios e seu impacto na elaboração das telenovelas. Não temos aqui a pretensão de explorar uma questão tão complexa, mas apenas de refletir sobre as possibilidades abertas

para uma postura mais crítica e os impactos na elaboração de um produto que se propõe espelhar a realidade nacional, como a telenovela.

La comunicación permite la visibilidad en la medida en que abre espacio de la deliberación pública, resalta el perfil y los puntos de vista de los diversos actores, expone los temas en controversia y sus diferentes interpretaciones y aumenta la cantidad y sobre todo la calidad de las formas de acceso al debate social. (MARTÍN-BARBERO; REY, 1999, p.68-69) ⁶

A mundialização da cultura traz, principalmente através da telenovela, para o espaço de discussão social, temas e questões antes restritas às minorias que tinham acesso a uma informação mais especializada. O mundo chega aos mais diferentes espaços do país, retratado através da vivência de famílias. A multiplicidade das culturas não é tematizada teoricamente, mas apresentada através do retrato de cotidianos os mais distintos, permitindo que as pessoas se identifiquem através dos dramas do dia a dia com questões sociais e culturais de grande amplitude e absolutamente distantes de sua vivência ou possibilidade de vivência.

É claro que há uma triagem dos aspectos a serem apresentados dado que as questões sociais estão sendo veiculadas por empresas privadas com interesses políticos e econômicos a serem preservados. No entanto, é o próprio caráter de mercado que termina por flexibilizar a imposição desses interesses frente às pressões sociais.

Em que medida a moral final correspondente a modelos convencionais ou liberalizantes tem a ver com uma negociação simbólica ou dos significados em jogo, negociação cheia de mediações que envolvem autores, produtores, pesquisadores de mercado, instituições como a censura, a igreja, os movimentos negro, feminista, gay, ONGs e os diferentes públicos que veem novelas. (LOPES, 2009, p. 28)

Nesse sentido, a telenovela brasileira se constitui hoje, mais do que nunca, em um instrumento de educação informal, pautando discussões e reflexões sobre os mais diversos temas, mesmo entre aqueles, como lembra Lopes (2009) que não a assistem. Isso porque a interlocução da novela com o público não se esgota no ato de assistir, mas se prolonga nas conversas em diferentes espaços de vivência.

⁶ Tradução da autora: A comunicação permite a visibilidade na medida em que abre espaço na deliberação pública, resalta o perfil e os pontos de vista dos diversos atores, expõem temas em controvérsia e suas diferentes interpretações e aumenta a quantidade e sobretudo a qualidade das formas de acesso ao debate social.

O próximo ponto a ser apresentado é a sinopse da telenovela “Em Família” que se constituiu no mote das entrevistas para captar a percepção das pessoas entrevistadas em Guaraqueçaba.

3.3 A TELENOVELA “EM FAMÍLIA”

A telenovela “Em família” foi exibida pela Rede Globo de Televisão no horário das 21 horas, entre 03 de fevereiro e 18 de julho de 2014, tendo como autor principal, Manuel Carlos.

A sinopse aqui apresentada está baseada principalmente nos temas abordados pelos entrevistados, tentamos, porém trazer um panorama central da trama, para que o leitor possa compreender as abordagens dos entrevistados.

A trama se divide em três fases, todas em torno da família de Helena (nome de diversas protagonistas de novelas do mesmo autor). Nesse contexto, o amor dos primos - Laerte e Helena - é o mote principal. Trata-se de uma relação amorosa tensionada pelo ciúme. Em torno desse ponto central, abre-se um leque de situações que envolvem outros personagens da família.

A família de Helena se compõe de três irmãos - Helena, Felipe e Clara - e os pais, Chica e Ramiro. Já Laerte é filho único do casal Selma e Itamar. Esses personagens, em maior ou menor grau, desenvolvem tramas paralelas à principal, que são trazidas à tona no decorrer desse capítulo. A terceira família integrante da trama principal é a de Virgílio, composta por ele, seus pais - Benjamin e Maria - e sua meia irmã, Neidinha

A primeira fase da novela, que se desenrola no interior de Goiás, apresenta os protagonistas - Laerte, Helena e Virgílio - ainda crianças. O trio já configura um triângulo amoroso, Laerte e Helena trocam juras de amor e Virgílio, demonstra sua afeição por Helena. Nesse início, há algumas cenas que serão retomadas e imprimirão significado à relação dos três.

A segunda fase da trama é marcada por episódios de ciúmes, de Laerte em relação à Helena, especialmente, de Virgílio. A relação dos jovens sofre interferência de outro personagem da trama, um amigo Virgílio que os acompanha desde o primeiro momento, e é alvo frequente dos ataques de ciúmes do jovem amante.

Essa fase tem um desfecho trágico, quando no casamento de Laerte e Helena descobre-se que ele tentou matar o amigo devido ao ciúme doentio. Laerte é preso e Helena dá um novo rumo à sua vida, mudando-se para o Rio de Janeiro.



FIGURA 1 - PROTAGONISTAS DA 2ª FASE (LAERTE, HELENA E VIRGÍLIO)
FONTE: GOOGLE (2014)

A terceira fase acontece 20 anos depois dos fatos narrados anteriormente. Morando no Rio de Janeiro, Helena - Júlia Lemmertz - está casada com Virgílio - Humberto Martins. O casal tem uma filha adolescente, Luiza - Bruna Marquezine. A jovem filha do casal, em viagem à Europa, assiste a um concerto de um famoso flautista, no caso, Laerte - Gabriel Braga Nunes- o par romântico de sua mãe nas duas primeiras fases da trama. Ao ver a jovem, Laerte relembra sua paixão de infância/ adolescência e retorna ao Brasil, encantado por Luíza.



FIGURA 2 - PROTAGONISTAS DA 3ª FASE (VIRGÍLIO, HELENA E LAERTE)
FONTE: GOOGLE (2014)

O retorno de Laerte para o Brasil desperta uma série de sentimentos adormecidos na família. Então, reaproximações e crises surgem e acontece a principal questão construtora da telenovela, a paixão entre Laerte e a filha de Helena.

Obviamente, outras tramas se descortinam relacionadas à família de Laerte e Helena. O irmão de Helena, Felipe - Tiago Mendonça - é um médico que sofre de alcoolismo. Durante o desenrolar da história o tema surge de várias maneiras: os problemas causados em sua vida profissional, as dificuldades de tratamento, os sinais da doença apresentados pelo personagem, desde a segunda fase, os problemas de relacionamento associados, enfim, uma gama de transtornos e de possíveis caminhos a descortinar.



FIGURA 3 - O PERSONAGEM ALCOÓLATRA - FELIPE - TIAGO MENDONÇA
FONTE: GOOGLE (2014)

Ainda na família de Helena, sua irmã mais nova, Clara -Giovanna Antonelli -, casada com Cadú - Reynaldo Gianecchine - e mãe de Ivan - Vitor Figueiredo -, vive um casamento estável. Porém, o casal passa por problemas financeiros. Clara casualmente, conhece Marina - Tainá Muller - que a convida para trabalhar mas, elas se envolvem sentimentalmente. Em torno desse fato, a novela apresenta os conflitos vivenciados por quem vive uma relação homoafetiva. Clara hesita em assumir essa relação. Nesse interim, Cadú descobre uma grave cardiopatia e precisa fazer um transplante de coração.

O transplante foi um dos pontos relevantes da trama, demonstrando a dificuldade de encontrar doadores e a importância da doação de órgãos. Após o

êxito do transplante do personagem, o casal se separa. Marina e Clara assumem o relacionamento. Cadú se envolve com outras mulheres, até se relacionar com Verônica - Helena Ranaldi -, que inicialmente, era par romântico de Laerte, quando vivia na Europa.



FIGURA 4 - FAMÍLIA DE CLARA
FONTE: GOOGLE (2014)



FIGURA 5 - CASAMENTO DE CLARA E MARINA
FONTE: GOOGLE (2014)

Um dos pontos altos da trama dessa telenovela foi a discussão em relação a uma união homoafetiva, em especial, por envolver a separação de um casal heteronormativo, com filhos. A problemática foi mostrada de forma superficial e procurava resguardar, ao máximo, a criança. O filho do casal, Ivan, mostra nos

últimos capítulos, compreender e aceitar a situação de modo natural e sem preconceitos.

Vários outros dramas fazem parte da telenovela. Por exemplo, a tia de Helena, Juliana - Vanessa Gerbelli -, sofre por não ter realizado seu maior sonho, ser mãe. Casada com um advogado, Fernando - Leonardo Medeiros – Juliana tem uma empregada doméstica, Gorete - Carol Macedo- que tem uma filha, Bia - Bruna Faria. Juliana estabelece uma ligação muito forte com a menina, chamando-a de filha.

Após um acidente que mata Gorete, Juliana briga pela guarda da menina com o pai, Jairo - Marcello Mello Jr. - e a avó, Guiomar - Jéssika Alves. Para assegurar a guarda da criança, ela se separa de Fernando e se envolve com Jairo. No desenrolar desse relacionamento, os conflitos de classe se apresentam. Juliana vive em um bairro da zona sul carioca e Jairo, no morro. O ex-marido Fernando, se empenha para reconquistar a mulher. No desfecho da trama, Juliana tem um filho de Jairo e descobre que, na verdade, a pequena Bia é fruto de uma relação extraconjugal de Fernando com Gorete. Juliana termina só, contudo, preserva a relação com os pais de seus filhos.



FIGURA 6 - JAIRO, JULIANA E FERNANDO
FONTE: GOOGLE (2014)

Outro ponto da trama que merece destaque é o vivido por Neidinha -Elina de Souza -, irmã de Virgílio. A personagem sofre um estupro múltiplo logo após sua mudança para o Rio de Janeiro, ainda na segunda fase da trama, do qual engravida e nasce Alice - Erika Januza. A menina cresce desconhecendo a identidade do pai e

não entende o enclausuramento da mãe que não consegue se relacionar com nenhum homem. Ao ouvir uma conversa entre Helena e sua mãe, a moça descobre a verdade e procura por justiça. Nessa busca, Alice envolve-se com a polícia e se torna uma policial. Aí ela conhece seu futuro marido e finalmente, consegue fazer justiça. Equacionada a questão, Neidinha aparentemente, supera seu trauma e se envolve com um colega de trabalho, casando-se ao mesmo tempo que sua filha.



FIGURA 7 - CASAMENTO DE NEIDINHA E ALICE
FONTE: GOOGLE (2014)

Outras dificuldades aparecem durante a telenovela, como o problema de saúde de Benjamin - Paulo José -, pai de Virgílio, que sofre do Mal de Parkinson. Ele volta a viver com a família, após anos, distante e a necessidade de respeitar o idoso e a saúde se destaca nessa situação. Apresenta ainda, o trabalho de Neidinha, que é enfermeira em uma casa de idosos onde se desenvolvem conflitos decorrentes do tratamento dispensado aos moradores.

A novela também enfoca a adoção inter-racial através de André - Bruno Gissoni - branco, e filho adotivo de uma professora universitária negra, Dulce - Lica Oliveira. O rapaz interpreta o namorado de Luiza - Bruna Marquezine-, antes de se envolver com Laerte. O tema desse núcleo é a relação, de certa forma conflituosa, que se desenrola entre mãe e filho devido à busca do rapaz por seus pais biológicos.

A questão do alcoolismo é discutida através de outros personagens. Shirley - Viviane Pasmanter -, apaixonada por Laerte, desde muito cedo, vive com seu pai

Viriato - Antonio Petrin -, que é alcoólatra, e seus dois filhos, um dos quais, de Laerte. Ela mantém uma relação agressiva com seu pai, humilhando-o seguidamente, em função de sua doença. Essa personagem se apresenta como uma moça rica que usa de todos os meios para conquistar Laerte, bem como, para alcançar seus objetivos. Ela atravessa a trama tensionado por ciúme, todas as relações de Laerte.

Laerte é outro personagem contraditório. Seu comportamento exacerbadamente ciumento o levou a tentar matar Virgílio, no início da novela e também, o ex- namorado de Luísa. Além disso, mostra-se um sedutor irresponsável, o que ocasiona sua morte no final da novela.

O conflito de Luísa com sua mãe, decorrente da relação das duas com Laerte, é resolvido e se recompõe uma família feliz.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*La producción de sentido que realiza la audiencia, por tanto, es siempre una interrogante abierta para la investigación*⁷.
Guillermo Orozco Gómez

A questão principal desta pesquisa é: como a novela “Em família”, exibida pela Rede Globo, de 03 de fevereiro a 18 de julho de 2014, contribuiu, enquanto forma de educação informal, para a discussão de alguns temas, como saúde, homossexualidade, preconceito, família, entre os moradores de Guaraqueçaba.

Como passo inicial procurou-se um aporte teórico que orientasse a formulação e compreensão da pesquisa de campo. Optou-se pelos Estudos Culturais Latino-Americanos – corrente teórica que norteia esta investigação, proveniente de um desdobramento dos Estudos, oriundos da Inglaterra.

Para Edson Dalmonete (2002), na relação dos meios de comunicação e o seu público, os Estudos Culturais trazem uma visão importante ao “lançar um olhar sobre as diversas culturas que compõem o tecido social.” (DALMONTE, 2002, p.68). Logo, esses estudos representam um aporte significativo tanto no que tange à concepção de cultura quanto em relação aos estudos de comunicação, entendidos nessa ótica, como uma dimensão da cultura.

A cultura é concebida como uma dimensão do social, o sentido construído nas diferentes práticas sociais. Desse modo, a cultura teria, ao mesmo tempo, um sentido de conformação e de resistência, pois, como uma prática social participa das contradições e dos conflitos.

A cultura não é uma prática; nem apenas a soma descritiva dos costumes e culturas populares [*folkways*] das sociedades, como ela tende a ser tornar em certos tipos de antropologia. Está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas (HALL, 2011, p. 128).

Na ótica de Stuart Hall (2011), a cultura se engendra na prática social por que o homem transforma o mundo e o transforma imprimindo sentido.

⁷ “A produção de sentido que realiza a audiência, portanto, é sempre uma interrogação aberta à investigação” (tradução nossa).

Ele se opõe ao papel residual e de mero reflexo atribuído ao 'cultural'. Em suas várias formas, ele conceitua a cultura como algo que se entrelaça a todas as práticas sociais; e essas práticas, por sua vez, como uma forma comum de atividade humana: como práxis sensual humana, como a atividade através da qual homens e mulheres fazem sua história (HALL, 2011, p. 133).

Nessa perspectiva, a comunicação midiática, como parte da prática social, adquire diferentes sentidos segundo sua inserção em diferentes realidades. Em outras palavras, a comunicação mediática não é viável enquanto uma prática compreensível nela mesma, mas precisa ser inserida nas diferentes relações sociais. O processo de recepção é o de interpretação que se articula com as diferentes esferas as quais concorrem para que o homem atribua sentido à realidade na qual está inserida.

Isso exige que, para se captar o sentido de uma dada mensagem em um contexto particular, se busque referências sobre as relações sociais dominantes, a história vivida por essa população, seus hábitos, suas crenças e suas perspectivas.

O fato de alargar o conceito de cultura, incluindo práticas e sentidos do cotidiano, propiciou, por sua vez, uma segunda mudança importante: todas as expressões culturais devem ser vistas em relação ao contexto social das instituições, das relações de poder e da história (ESCOSTEGUY, 2001, p. 26).

Essa opção se dá em consonância com as particularidades do processo de desenvolvimento e configuração social presentes na América Latina. Segundo Martín-Barbero (2006), uma diferença que não se restringe ao atraso.

Esse modo dependente de acesso à modernidade, contudo, tornará visível não só o "desenvolvimento desigual, a desigualdade em que apóia o desenvolvimento do capitalismo, mas também a 'descontinuidade simultânea' a partir da qual a América Latina vive e leva a cabo sua modernização. Descontinuidade em três planos: no descompasso ente Estado e Nação; (...), no modo desviado com que as classes populares se incorporam ao sistema políticos e ao processo de formação dos Estados nacionais – e no papel político e não só ideológico que os meios de comunicação desempenham na nacionalização das massas populares (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 218).

A percepção de como diferentes grupos sociais se apropriam das mensagens veiculadas possibilita articular o contexto à compreensão da leitura. Implica em perceber como eles se veem enquanto parte de uma comunidade nacional a partir do diálogo que estabelecem com os meios de comunicação.

Os sujeitos, individuais na qualidade de membros de uma audiência, concretizam “estratégias televisivas” inspiradas em primeiro lugar no lhes é característico como indivíduos para, em seguida, concretizar também “contratos de recepção” (leitura ou escuta) a partir de onde se conectam com os de outros, formando “comunidades de apropriação e de tão interlocução (de apoio, de referência, de identificação, etc.), em cuja ressonância se experimenta e qualifica a experiência (GÓMEZ, 2014, p. 37).

Essa perspectiva teórica trabalha, portanto, para recuperar as contradições, tanto aquelas construídas no cotidiano dos diferentes grupos sociais, quanto na leitura das mensagens recebidas. Mesmo que sejam construídas na perspectiva dos dominantes, essas mensagens explicitam as tensões sociais da realidade retratada. Os Estudos Culturais também observam como essa apropriação acontece, levando em conta que aqui não se consideram os veículos de comunicação de massa, em especial a televisão, somente como entretenimento, mas sim, como importantes fontes de informação e educação. “O processo do conhecimento é estimulado não só por aquilo que geneticamente o sujeito é capaz de conhecer. mas também, por aquilo que socioculturalmente se considera relevante para ser conhecido” (GÓMEZ, 1996, p. 36, tradução nossa).

Nesse aspecto, é importante considerar que em um município como Guaraqueçaba, que vive em uma situação de relativo isolamento, com acesso extremamente limitado à imprensa escrita, bem como à internet, a televisão se constitui em um mecanismo particularmente poderoso para pautar as prioridades sociais daquilo que merece ser conhecido. Ao mesmo tempo, ela fala de um espaço urbano interconectado e globalizado a uma realidade que se vincula marginalmente às grandes questões nacionais e internacionais. Por isso, esta pesquisa procura resultados desse encontro.

4.1 A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: DA ESCOLHA DO OBJETO AOS MÉTODOS UTILIZADOS

Parte-se da premissa de que os veículos de comunicação, hoje, são partes indissociáveis e imprescindíveis da sociedade. Por meio da televisão, das páginas de um jornal, de um livro, de uma revista ou da tela de um celular, a audiência, seja de uma grande cidade ou de um recanto longínquo, está ligada nas últimas notícias, tendências e entretenimento.

Os meios de comunicação de massa representam um importante agente de transformação, uma vez que introduzem informações e padrões de comportamento, desenvolvem motivação e criam expectativas, ideais de atuação e modos de vida. A televisão, em especial propicia a formação de novos padrões culturais, muitas vezes conflitivos com aqueles que até então vinham sendo construídos pelos canais de comunicação oral e familiar, assim como pelas diferentes tradições que envolvem a cultura escrita. Em outras palavras, em menos de 50 anos, desenvolveu-se uma vivência cultural predominantemente baseada na imagem e não apenas na escrita (MALCHER, 2003, p. 48-49).

A facilidade de acesso aos veículos de comunicação transforma em vários aspectos os modos de relacionamento, de aprendizagem e de oportunidades. E, de certa forma, os veículos encurtam, cada vez mais, as distâncias. A versão digital de uma revista, por exemplo, pode ser acessada por meio da internet de qualquer lugar do planeta. Há alguns anos era necessário fazer uma assinatura para receber a revista em casa ou comprá-la em uma banca de jornal.

A internet, por meio dos dispositivos móveis, como o telefone celular, amplia o número de pessoas conectadas em todo o mundo. Em Guaraqueçaba, como destacado anteriormente, o acesso ainda é limitado. Mas, a tecnologia móvel, provavelmente, vai trazer muitas transformações para aquela comunidade. Afinal, o telefone celular pode ser comprado em várias prestações e a conexão à internet possibilita um acesso irrestrito a um mundo de conteúdos. Por esse motivo, acredita-se que, em pouco tempo, a relação da população de Guaraqueçaba e os dispositivos móveis será um interessante objeto de estudo. Nesta dissertação, opta-se em trabalhar com a televisão – veículo de comunicação preferido dos moradores de Guaraqueçaba, como aponta a pesquisa preliminar deste estudo.

Da grade de programação da televisão aberta, selecionou-se a telenovela como objeto de análise. Entre os critérios para escolha, considerou-se o produto telenovela por ter uma grande aceitação do público por sua linguagem coloquial e por abordar temas relacionados ao cotidiano. Essas duas características fazem com as pessoas incorporem facilmente no dia-a-dia, questões que muitas vezes, ganham relevância nacional.

Os novos hábitos e comportamentos ainda pouco percebidos na vida cotidiana de partes significativas da audiência estão articulados na ficção antes mesmo que sejam aceitos e transformados em conhecimento sobre a realidade (MOTTER, 2001, p. 86).

Maria Lourdes Motter (2001) ressalta que a televisão também pode induzir o cidadão a refletir sobre muitas questões. Por exemplo, moradores de Guaraqueçaba entrevistados para esta pesquisa, refletiram sobre vários temas da telenovela “Em Família”. Para Motter (2001), essa ação proporcionada pela telenovela pode resultar até mesmo na transformação das pessoas.

Uma crítica muito comum feita à televisão é que esta, ao contrário dos demais meios de comunicação (rádio, jornal, cinema), apresenta a realidade “pronta” para ser absorvida, não estimulando, dessa forma, o espírito crítico e criativo do telespectador. Entretanto, a televisão, em muitos momentos, pode questionar, propor ou introduzir, no imaginário do telespectador, novos modelos ou imagens, estereotipadas ou não, consolidando-o ou transformando-os (MOTTER, 2001, p. 57).

Para estabelecer um roteiro de observação para este estudo, anotaram-se as questões sociais veiculadas pela telenovela “Em Família”. Normalmente, os pontos polêmicos de uma telenovela se sobressaem em revistas especializadas, em outros programas televisivos ou em sites de entretenimento. Ao considerar o contexto de Guaraqueçaba, com pouco acesso a essas informações e com uma realidade diferente do cotidiano dos grandes centros, buscou-se compreender como os moradores da região central de Guaraqueçaba interpretam esses assuntos levantados pela telenovela.

Pesquisas secundárias sobre a população de Guaraqueçaba, como a disponível no site do IPARDES e IBGE - Censo Demográfico de 2010 contribuíram para verificar a realidade socioeconômica da região. No entanto, era preciso aprofundar o conhecimento sobre a cultura local e hábitos de consumo dos meios de comunicação para a compreensão da televidência⁸. A referida pesquisa permitiu relacionar condições econômicas, nível de escolaridade, oportunidades de contato com outras realidades sociais e culturais, religiosidade, hábitos de lazer e acesso às informações. É importante ressaltar, como consta no apêndice desta dissertação, que a pesquisa quantitativa enfatizou o hábito de assistir à TV, correlacionando-o à idade, ao sexo e às preferências por determinados programas. Com os resultados da pesquisa quantitativa, foi possível vislumbrar um desenho atualizado da realidade social e cultural de Guaraqueçaba.

⁸ Segundo Gómez (2014), televidência implica na pretensão de fazer evidente ou evidenciar os processos de ver televisão.

A população urbana do município é de 2.683 pessoas (IBGE, 2010), sendo que parte desse total mora nos distritos de Ararapira e Serra Negra. Infelizmente, não há informações sobre a distribuição desses habitantes entre a sede e os distritos. O foco desta pesquisa é a sede municipal, onde se concentra a maior parte da população. Por esse motivo, para o cálculo da amostra⁹ considerou-se 90% da população urbana. O referido cálculo apontou uma amostra necessária de 132 pessoas.

Contudo, desenvolveu-se a pesquisa preliminar em 61 domicílios da sede, totalizando 219 pessoas. A amostra foi ampliada, pois não havia informações disponíveis em dados secundários. A referida amostra também serviu para sondar a disposição das pessoas em participar de uma segunda etapa da investigação, que consistiu em entrevistas em profundidade. Essa disponibilidade caracterizou o principal critério da seleção para a segunda fase.

A entrevista em profundidade é de suma importância nesse tipo de pesquisa. “Entrevista aberta em profundidade’, que permite ganhar muita profundidade no discurso, abarcar os distintos aspectos de uma mesma representação e deixar que o sujeito eleja o que lhe pareça mais significativo” (GÓMEZ; REYES, 2011, p. 57, tradução nossa).

As entrevistas foram conduzidas procurando intervir o mínimo no discurso do entrevistado, deixando-o à vontade para expor sua opinião, as perguntas sempre se relacionavam aos personagens e comentários sobre o autor. Algumas vezes, entrevistados mencionaram a questão que envolvia determinado personagem. A maioria dos entrevistados sequer mencionou alguns assuntos veiculados pela telenovela.

É importante destacar que a pesquisadora fez um acompanhamento diário da telenovela em questão, procurando identificar os principais temas e a forma como foram tratados. Constatou-se que a leitura realizada pela pesquisadora desta dissertação é bem diversa da dos entrevistados. No momento em que se buscava compreender o discurso dos entrevistados tinha-se sempre presente as mediações percebidas, porém, não foi possível trabalhá-las.

Outro ponto que se enfatiza nesta pesquisa é a relação entre os telespectadores assíduos e os demais moradores da residência. Buscamos perceber

⁹ O cálculo amostral pode ser feito no site: <http://www.publicacoesdeturismo.com.br/calculoamostral/>

se existia uma interação entre os moradores e/ou outros ambientes frequentados pelos entrevistados, em torno da trama exibida. Assim, tentou-se apreender o papel da telenovela, na busca de sua relevância na medida em que se pautava conversas e discussões. Desse modo, observou-se a telenovela como uma maneira de atualização e de informação sobre os mais diversos temas.

O desafio pedagógico que as diversas medições institucionais apresentam às sociedades contemporâneas ultrapassa o âmbito estritamente escolar ou instrumental e se situa em todo o espectro cultural-educativo-comunicacional-político. Os partidos, as organizações culturais, perante essa macromediação das instituições, encontram uma arena de conflito e de debate, de redesenho das políticas sociais (GÓMEZ, 2014, p.51).

A visão das crianças em relação à telenovela foi outro ponto de destaque na entrevista. Procurou-se detectar se as crianças da residência assistiam à telenovela. Em caso positivo, investigou-se qual a relação delas com a telenovela e qual a posição dos pais quanto a essa prática. Nesse sentido, a intenção era verificar se a televisão, particularmente a telenovela, era concebida como instrumento educativo, pelos pais.

Contudo, como não houve tempo suficiente para se efetuar uma pesquisa etnográfica, as mediações foram necessariamente, parciais. Correlacionou-se os dados com gênero, idade, grau de instrução, acesso a outras fontes de informação, religiosidade e experiências vividas fora de Guaraqueçaba.

No processo de televidência e em particular nas interações específicas que realiza a audiência com algum programa televisivo entra em jogo uma série de referentes que se constituem em mediação. A própria cosmovisão familiar ou a orientação da educação são de fato referentes importantes para a atuação do sujeito quando não está no cenário familiar ou escolar. Os referentes culturais da audiência, contudo, não se circunscrevem aos referentes dos seus cenários mais comuns. O ser homem ou mulher, o gênero, constitui uma mediação de referência importante na interação com a TV. [...] A etnia a qual a audiência pertence é outro referente que delimita certas ênfases no desenvolvimento de destrezas e capacidades, que por sua vez influenciam em gostos, maneiras de ver TV e formas de compreender e dar sentido a programação. A idade é também uma referência importante, sobretudo, nos estágios de infância e adolescência, já que essas audiências são as que mais veem TV e por que a idade põe limites específicos ao tipo de interação que se estabelece com a tela (GÓMEZ, 1996, p. 42, tradução nossa).

Gómez (1996) cita ainda a questão da localização geográfica como referente importante na medida em que viabiliza ou inibe o acesso às informações e vivências

diferenciadas. Esse ponto foi contemplado na própria escolha do objeto. Considerando o curto espaço de tempo para viabilizar uma resposta precisa para a questão central deste trabalho, a pesquisa quantitativa se tornou um instrumento fundamental para relacionar condição econômica, idade e sexo aos hábitos de assistir à TV.

O desafio pedagógico que as diversas medições institucionais apresentam às sociedades contemporâneas ultrapassa o âmbito estritamente escolar ou instrumental e se situa em todo o espectro cultural-educativo-comunicacional-político. Os partidos, as organizações culturais, perante essa macromediação das instituições, encontram uma arena de conflito e de debate, de redesenho das políticas sociais (GÓMEZ, 2014, p. 51).

As populações tradicionais da APA de Guaraqueçaba, no transcorrer destas últimas três décadas, vêm sendo permanentemente atingidas por processos de transformações econômicas, sociais e culturais. Têm vivenciado a decadência e o esfacelamento de suas tradicionais atividades produtivas, impostas principalmente por agentes externos à região que se apropriaram da terra, e secundariamente (no transcorrer da década de oitenta) decorrentes das restrições ambientais. Como consequência há um acentuado e sistemático processo de desagregação das relações econômicas e produtivas, sócio organizacionais, de parentesco, compadrio e vizinhança, e culturais, expressas pela mitologia, folclore e artesanato. De outro lado há o espraiamento e o estreitamento dos vínculos com a sociedade urbano-industrial, com a influência direta dos seus meios de comunicação e produção de cultura de massa, especialmente a televisão e o rádio; dos contatos com a atividade turística e seus usuários, portadores da cultura urbano-industrial, consumidores do ambiente como uma mercadoria; bem como a proliferação de conceitos morais e éticos disseminados por várias religiões, especialmente as pentecostais, que rompem com traços que foram importantes na cultura local (IPARDES, 2001, p. 85).

Para compreender as transformações de Guaraqueçaba é importante conhecer um pouco o perfil da região e de seus habitantes.

4.2 PERFIL DE GUARAQUEÇABA

Banhada pelas águas do Oceano Atlântico, Guaraqueçaba limita-se ao norte com o Estado de São Paulo, a oeste com os municípios de Antonina, Campina Grande e Paranaguá. Segundo dados apresentados por Júlio Alvar e Janine Alvar (1979):

O Paraná representa 4,2% da superfície do Brasil, e o município de Guaraqueçaba 1% daquela do Estado do Paraná. A população paranaense constitui cerca de 8% daquela do país; a de Guaraqueçaba, apenas 0,15% da população do Estado. (ALVAR, Júlio; ALVAR, Janine, 1979, p. 5).

O município tem, portanto, uma baixíssima densidade demográfica.



FIGURA 8 - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE GUARAQUEÇABA-PR
FONTE: GOOGLE (2014)

Segundo Alvar e Alvar (1979), o nome da cidade está relacionado com a língua tupi e significa “lugar de guarás”. Na fauna de Guaraqueçaba dois animais podem ser referência ao nome do município: uma pequena ave aquática de plumagem avermelhada e um pequeno mamífero semelhante ao lobo, com pelagem avermelhada. O nome do município, portanto, pode significar “ninho de guarás” ou “refúgio de guarás”. Atualmente, a população e o poder público local dão ênfase ao pássaro. Na bandeira da cidade há um ninho do pássaro guará e até pouco tempo atrás, na fonte da principal praça da cidade, havia duas estátuas da referida ave.



FIGURA 9 - BRASÃO DO MUNICÍPIO DE GUARAQUEÇABA-PR
FONTE: GOOGLE (2014)



FIGURA 10 - BANDEIRA DE GUARAQUEÇABA-PR
FONTE: GOOGLE (2014)

O município possui ainda várias ilhas, entre as principais citam-se: Superagui, Gamelas, Benedito, Grande, Peças, Rasa, Laranjeiras, Poruquara, Pavoça, Pinto, Retiro e Pontal. Pequenos povoados crescem, em sua maioria, às margens da PR-404, como: Ipanema, Rio Verde, Batuva, Pedra Chata, Serra Negra, Tagaçaba e Potinga. Em uma área de 2.020.090 km² reside uma população de 7.871 pessoas, o que dá uma densidade demográfica de 3,90 habitantes por km², enquanto na região Sul, como um todo, a densidade é de 48,58 hab./km². (IBGE, 2010).

A biodiversidade da região é muito rica por possuir a maior reserva de Mata Atlântica remanescente. Essas características renderam ao município, segundo a Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental - SPVS, o título de primeira Reserva da Biosfera criada no Brasil, concedido pela UNESCO.

Dada a importância e distinção em termos de diversidade genética de espécies e de ecossistemas que abriga, além de intensa e criativa beleza, Guaraqueçaba encontra-se protegida por leis federais e estaduais que definem Unidades de Conservação na região (TOLEDO, 1994, p. 13).

Em 1985, pelo Decreto Nº 90.883, de 31 de janeiro de 1985, foi criada a APA (Área de Proteção Ambiental) de Guaraqueçaba, onde, segundo o Instituto Chico Mendes, habitam pelo menos 8 espécies ameaçadas de extinção, entre elas, o mico-leão de cara preta e o papagaio de cara-roxa. A área da APA é de aproximadamente 282.444,0200 hectares, englobando ainda parte dos municípios de Antonina e Paranaguá.

Segundo o Decreto de criação, um dos principais objetivos é:

[...] com o objetivo de assegurar a proteção de uma das últimas áreas representativas da Floresta Pluvial Atlântica, onde encontram-se espécies raras e ameaçadas de extinção, o complexo estuarino da Baía de Paranaguá, os sítios arqueológicos (sambaquis), as comunidades caiçaras integradas no ecossistema regional, bem como controlar o uso de agrotóxicos e demais substâncias químicas e estabelecer critérios racionais de uso e ocupação do solo na região (DECRETO Nº 90.883)

Infelizmente, a criação da APA trouxe sérios transtornos aos moradores da região, como a proibição da caça e da extração do palmito, fazendo com que muitos moradores perdessem o sustento, deixando o município em busca de melhores condições de trabalho.

4.2.1 Um pouco de história¹⁰

Toda gente abandonaram
A terra de seu nascimento
A procura de víveres
Alguns passando tormento
Heróis os que aqui ficaram
Sem ter arrependimento.
Pedro Nilo Do Nascimento

O povoamento do Paraná, consoante a ocupação do território nacional, teve início no litoral.

O município de Guaraqueçaba pode orgulhar-se de haver sido a primeira terra do Paraná povoada por portugueses. Em 1545, quando a expedição de Senabrio naufragou nas costas do Superaguí, encontrou ali dois colonos portugueses de São Vicente (ALVAR; ALVAR, 1979, p. 6).

Segundo estudo do IPARDES, sobre a APA de Guaraqueçaba, as populações indígenas da região encontravam-se assim distribuídas:

A parte norte do litoral, ou seja, Guaraqueçaba era habitada pelos tupiniquins, enquanto mais ao sul, dominando o restante do litoral paranaense e catarinense, estavam os carijós, considerados bastante numerosos e hostis (IPARDES, 1989).

¹⁰ Informações históricas extraídas fundamentalmente de ALVAR, Júlio; ALVAR, Janine (1979).

Entre 1606 e 1640 surgiu a Casa das Missões Jesuítas na Ilha de Superagui, com o propósito de catequizar os índios e os demais habitantes da região (ESPIRAIS DO TEMPO, 2006, p. 318).



FIGURA 11 - GUARAQUEÇABA EM 1860
FONTE: GOOGLE (2014)

Partindo da capitania de São Vicente, os bandeirantes adentraram a região para capturar índios e torná-los mão-de-obra escrava. Esse procedimento provocou o declínio dessa população em todo o litoral. Ao mesmo tempo, essas expedições escravagistas descobriram ouro em alguns rios, fato responsável pela intensificação do fluxo migratório de portugueses nessa direção. No final do século XVII, o ciclo do ouro se esgotou. Ainda que a extração do ouro, segundo o referido estudo, não tenha sido economicamente expressiva, ela respondeu pela atração e fixação de um número considerável de migrantes que se fixaram em função da produção rural.

Vale lembrar que as vias de comunicação, no período, eram essencialmente fluviais, o que em uma região costeira, entrecortada de rios, facilitava sobremaneira, o escoamento dos excedentes da produção.

Já no século XVII, ocorreu a instalação de grandes fazendas, que produziam principalmente: arroz, cana-de-açúcar, mandioca, banana, café, milho e feijão, utilizando para tanto, a mão-de-obra escrava. Produtos derivados, como a farinha e a cachaça também eram produzidos e junto com a madeira, eram exportados para a Argentina e o Paraguai. Esses produtores reivindicaram então a sede de uma futura povoação.



FIGURA 12 - GUARAQUEÇABA EM 1926
FONTE: GOOGLE (2014)

A partir daquele movimento se instalou, em 1838, o primeiro núcleo urbano, nas terras de Guaraqueçaba, aos pés do morro do Quitumbê. Porém ela só viria a se tornar município independente pela Lei nº 557, de 11 de março de 1880, com sede na freguesia do Bom Jesus dos Perdões de Guaraqueçaba. (IPARDES, 1989).

O século XIX marcou o fim do trabalho escravo, o que resultou em um grande impacto na economia da região, causando uma crise no setor agrícola e o abandono das terras, pelos agricultores.

Foi ainda no final do século XIX que o incentivo aos meios de comunicação terrestre impactaram econômica e socialmente a região. Naquele período foi construída a estrada da Graciosa que liga Curitiba à Antonina e a estrada de ferro que liga Curitiba à Paranaguá. Com o fim do predomínio do transporte fluvial ocorreu um relativo isolamento da região e uma acentuada decadência econômica. **Embora toda a área litorânea fosse afetada por esse processo, o isolamento de Guaraqueçaba, que não dispunha de ligação terrestre com os demais municípios, foi particularmente, impactada. Esse isolamento se rompeu quase um século depois, em 1970, com a construção da PR-405, ligando Guaraqueçaba a Antonina.**

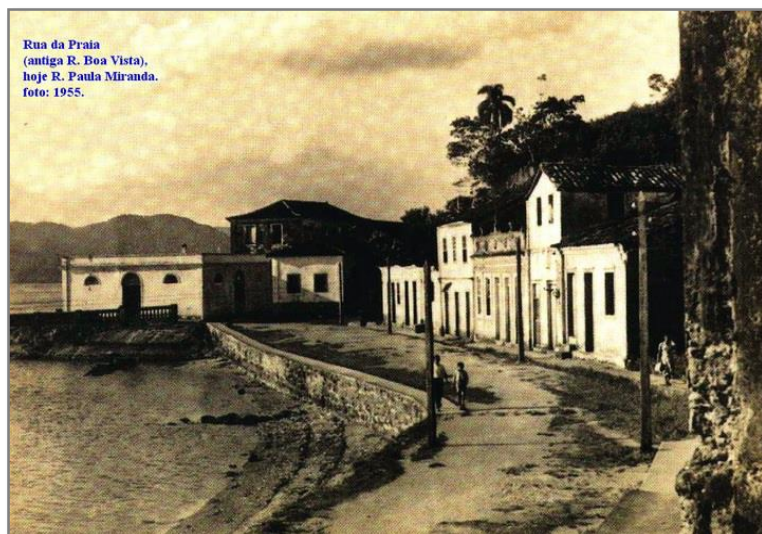


FIGURA 13 - RUA DA PRAIA, ATUAL RUA PAULA MIRANDA, GUARAQUEÇABA 1955
 FONTE: GOOGLE (2014)

Ainda assim, no século XX, o então município passou por um momento de prosperidade, com as exportações de madeira e de produtos agrícolas, gerando um ótimo retorno financeiro para a cidade. Existiam dois jornais em circulação, um clube músico literário e um telégrafo, entre outras atrações para os moradores da região. O preço e a fertilidade das terras atraíam migrantes, principalmente do Vale do Ribeira, em São Paulo e alemães, que deram origem à comunidade de Batuva, Pedra Chata e Serra Negra, respectivamente. A crise econômica na década de 1930 provocou a queda no setor agrícola e extrativista, base econômica municipal, ocasionando assim, o fechamento dos jornais, do telégrafo e do clube que existiam até então.

Naquele tempo se elegia miss, publicava-se um jornal e havia telégrafo. Chegou o carnaval de 1936 e, com a euforia da festa, as autoridades organizaram uma procissão pagã, vestindo-se com paramentos religiosos, ou imitando esses paramentos. Cada um assumiu uma posição que melhor lhe convinha. a comitiva era presidida por uma cruz com garrafas de cachaça em seus braços, como para desviar o mau olhado do céu. A mão implacável da justiça divina, contudo, caiu sobre Guaraqueçaba e as pessoas que tomaram parte em tal sacrilégio foram morrendo, uma atrás da outra, e o município naufragou com seu mar e seu mato, retrocedendo até voltar as costas ao jornal, às misses, ao telégrafo e aos barcos argentinos (ALVAR, Júlio; ALVAR, Janine, 1979, p. 7).

Essa história permanece até hoje em Guaraqueçaba, contada por muitos moradores, como a “praga do padre”, segundo os moradores o responsável pela ruína socioeconômica do município.

A década de 1950 foi marcada pela entrada de produtos agrícolas de outras regiões, dificultando ainda mais a vida dos produtores, que mantiveram uma produção de subsistência. Outros deixaram a zona rural para viver de pesca, na sede do município. O êxodo de moradores em busca de melhores condições de vida, e principalmente, à procura de melhores condições de trabalho determinaram a migração rumo a Paranaguá e outras cidades da região. Esse movimento culminou na década de 1970, com a entrada de grandes fazendeiros e empresas impulsionados pelos incentivos fiscais do governo e a recente abertura da PR-405, ligando Guaraqueçaba a Antonina. Nesse contexto, as perspectivas econômicas do município eram extremamente restritas.

Segundo pesquisa do IPARDES (1989),

Muito embora a economia local ainda dependa de atividades tradicionais – como pesca artesanal e pequena produção rural, quando se considera a absorção de mão-de-obra -, algumas mudanças vêm-se produzindo nessa região, principalmente intensa ocupação de terras, por grandes grupos empresariais com efeito desestabilizador sobre essas atividades. Importa ressaltar que a este processo não tem correspondido um incremento da produção agropecuária (IPARDES, 1989, p 14).

O Decreto 90.883, de 1985, da criação da APA (Área de Proteção Ambiental), o que gerou maiores limitações ao desenvolvimento de atividades agrícolas. Assim, com restritas opções ocupacionais, a mão-de-obra local se direcionou preferencialmente, à pesca. Contudo, ela se mostrou uma atividade igualmente limitada quanto ao seu potencial de reprodução.

A escassez dos pescados vem se fazendo notar progressivamente. Segundo os pescadores locais, há mais ou menos cinco anos, quando saíam para a pescaria, em 2 ou 3 horas, enchiam a capacidade da embarcação; atualmente passam de 6 a 7 horas lanceando e muitas vezes não conseguem completar a carga prevista. Nesta área é fundamental ressaltar os danos produzidos pela pescaria dos barcos industriais através de arrastos praticados próximos à costa paranaense, ocasionando perdas irreversíveis para a reprodução e maturação das diversas espécies (IPARDES, 1995, p. 104).

As duas últimas décadas não registraram transformações significativas que apontassem para uma mudança dessa realidade. As atividades produtivas continuam a se estreitar, restringindo as oportunidades de trabalho e sobrevivência da população.

No estudo “Zoneamento da APA de Guaraqueçaba” do Ipardes, 1986, encontra-se a seguinte afirmação, no que se refere à ocupação da mão-de-obra:

Dentre as principais atividades econômicas desenvolvidas pela população ativa da região estão a pesca, a pequena lavoura, a prestação dos serviços temporários locais (pedreiro, servente, canoeiro e afins), e mais recentemente, também prestado para os turistas (caseiros, construção civil, reparos, serviços para pesca turística), o pequeno comércio e uma remanescente prática de artesanato, basicamente cestaria. É crescente o número de aposentados nas comunidades. Nos núcleos urbanos, o serviço público e o emprego no comércio e na rede de serviços voltada ao turismo são as fontes de renda da população, especialmente na cidade de Guaraqueçaba e atualmente no distrito de Tagaçaba (IPARDES, 2001, p. 86).

Entretanto, em relação às limitações econômicas, Guaraqueçaba experimentou nas últimas décadas um processo de urbanização considerável, principalmente, pelo fato de se estruturar uma sede municipal, prestadora de serviços essenciais à população, como educação e saúde. Essa urbanização decorre da estruturação de uma infraestrutura mínima o que permite certa “modernização” local. A energia elétrica está presente 24 horas diárias, a televisão e a internet, ainda que limitadas a poucas pessoas, já estão presentes no município. Também, a ligação com os outros municípios já é feita por uma linha de ônibus da Viação Graciosa.



FIGURA 14 - VISTA DO MIRANTE DE SERRA NEGRA - PR 405
FONTE: GOOGLE (2014)

Atualmente, a televisão faz parte do dia-a-dia dos moradores de Guaraqueçaba. Mas, nem sempre foi assim. Não existem registros oficiais de quando a TV chegou ao município, entretanto, os moradores mais antigos comentam sobre os primeiros aparelhos de Guaraqueçaba. Ailton Liberato

(entrevista realizada em 18 de julho de 2014), conta que foi o segundo morador a ter televisão no município, no diálogo ao tentar resgatar um pouco da história:

Foi em 63 que eu cheguei aqui. Aí em 65 comprei uma televisão. [*O senhor foi o primeiro da cidade a comprar televisão?*] O segundo, mas, no município todo ninguém tinha. Aí, quando eu comprei televisão, na hora de assistir novela, fazia aquela fila de gente assim. Entrava todos pra dentro, sentava no chão, sentava em qualquer lugar. [*Depois que o senhor comprou a televisão, demorou muito para que comprassem outros aparelhos na cidade?*] Demorou. Começaram a aparecer foi em 70 (informação verbal)¹¹.

Em uma reportagem da revista *Veja*, de 10 de setembro de 1975, encontra-se a seguinte observação: “Em Guaraqueçaba, cidade que só possui 18 aparelhos de televisão, o pescador Manoel desabafa: Eu não aguento mais, a filharada, a mulher e os vizinhos ficam reclamando comigo que a televisão tem uns chuviscos” (VEJA, 1975). (disponível em....)

Apesar da imprecisão das informações sobre a chegada da televisão à Guaraqueçaba, fazem-se algumas considerações com base em pesquisas secundárias. Guaraqueçaba se incorpora ao mundo virtual de forma relativamente prematura, considerando que, segundo o Censo Demográfico do IBGE, em 1970 apenas 27% dos lares brasileiros dispunham de televisão, sendo que a expressiva maioria, 75% estavam concentradas no eixo Rio – São Paulo. Contudo, não foi possível inferir o significado da televisão no cotidiano da população local no referido período. Antes de junho de 1975, quando o município de Guaraqueçaba recebeu energia de uma usina hidroelétrica 24 horas por dia, a luz, viabilizada por gerador, era desligada às 22 horas e religada apenas às 07 da manhã. Os relatos permitem deduzir que o acesso à TV era valorizado, se delineava a preferência pelas telenovelas, e assisti-la, era um ponto de encontro e fruição coletiva.

4.2.2 GUARAQUEÇABA HOJE

Para traçar um perfil da situação dos moradores de Guaraqueçaba hoje, recorre-se a dados e estudos disponibilizados pelo IPARDES e IBGE e da pesquisa realizada.

¹¹ Entrevista concedida por LIBERATO, Ailton. Entrevista. [jul. 2014]. Entrevistador: Flora Martins. Guaraqueçaba, 2014. 1 arquivo .mp3 (10 min.).

A vida dos moradores da região não teve um grande salto qualitativo nas últimas décadas, como ficou claro no item anterior, porém, apontam-se algumas mudanças que ocorreram e continuam a marcar a vida dessa população.



FIGURA 15 - GUARAQUEÇABA HOJE (2014)
FONTE: GOOGLE (2014)

Conforme já se realçou, Guaraqueçaba vive agora um impasse na perspectiva econômica. Com a desarticulação das tradicionais atividades de agricultura e pesca, frente a um isolamento geográfico, o município não encontra alternativas para sua redinamização. Isso se reflete em uma infraestrutura precária, tanto nos serviços de saúde quanto de educação. A infraestrutura urbana de lazer limita-se a duas praças, uma das quais com um pequeno parque. Não há biblioteca pública, cinema, teatro ou clube.

O acesso aos meios de comunicação impressos - jornais, revistas, livros- é muito difícil, só podem ser adquiridos nas cidades mais próximas: Antonina, Morretes e Paranaguá. Levando-se em conta o baixo poder aquisitivo da população local, infere-se que esses produtos são raramente consumidos. Alguns moradores de poder socioeconômico mais elevado possuem assinaturas de jornais e revistas, mas, os exemplares chegam com atraso às mãos dos poucos assinantes de Guaraqueçaba. No município, há um grupo cultural denominado “Fâmulos de Bonifrates”, formado, em sua maioria, por jovens e adolescentes. Esse grupo fabrica fantoches, máscaras e indumentárias para suas peças teatrais sobre lendas e folclore local, tendo como inspiração o fandango caiçara. Por falta de apoio do poder público local, os “Fâmulos de Bonifrates” dificilmente se apresenta em Guaraqueçaba.

Já há TV por assinatura, mas são poucos os moradores que têm acesso. A internet também está presente em algumas residências, com acesso um pouco mais significativo que do telefone celular. A qualidade da conexão é ruim e em alguns bairros, o sinal da telefonia móvel e da internet é inexistente.

Em Guaraqueçaba faltam também veículos de comunicação próprios para divulgar as notícias da região. Há uma página na web da prefeitura municipal, mas as informações não são atualizadas constantemente e não existe a supervisão de um profissional de comunicação. O grupo cultural “Fâmulos de Bonifrates” mantém o blog informativo “Nosso Pixurim”¹², escrito por alguns de seus integrantes de forma esporádica por conta de suas atividades profissionais e do próprio grupo.

No Facebook, rede social digital com maior número de seguidores no Brasil, há algumas comunidades, como “Guaraqueçaba Blog”, com 2644 membros de Guaraqueçaba. Algumas páginas referentes ao município se encontram na rede social, porém, se constata que não é um canal formal de comunicação. Fica patente a contradição e a falta de seriedade das notícias ali veiculadas, a página é alimentada por um *fake*¹³, os posts, na maioria das vezes, trazem assuntos polêmicos que são debatidos calorosamente pelos escassos participantes.

4.2.3 CONTEXTO SOCIOECONÔMICO DE GUARAQUEÇABA

A população de Guaraqueçaba decresce. De 2000 a 2010, segundo o Censo Demográfico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), havia 417 habitantes a menos na cidade do litoral do Paraná. Em 2000, eram 8.288 e, em 2010, 7.871 habitantes. Isso está ligado principalmente, ao processo migratório, sobretudo, para as cidades de Paranaguá e Curitiba, fato fortemente associado à falta de oportunidade para a população economicamente ativa.

Em toda a cidade de Guaraqueçaba, zonas urbana e rural, de acordo com o censo de 2010 do IBGE, havia 3.398 pessoas empregadas¹⁴. A maior parte, 2.018

¹² Cf. <<http://informativo-nossopixurim.blogspot.com.br/>>.

¹³ Palavra em inglês que significa falso, se refere entre os usuários das redes sociais a um personagem fictício criado por um usuário, procurando desta forma, manter-se no anonimato.

¹⁴ No núcleo urbano, foco desta pesquisa, a população economicamente ativa é de 1.169 pessoas, destas, 1.095 declararam no último Censo (IBGE, 2010), exercer alguma função remunerada.

peças, trabalhava nas atividades de agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura. Na administração pública, foram registrados 295 funcionários. Os sessenta estabelecimentos locais, distribuídos por todo o município, geram 570 empregos diretos, mas, a maioria deles é constituída de pequenos comércios administrados pelos próprios proprietários e sua família.

O índice de pobreza do município é de 46,47%, o quarto menor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Estado. Em 2013, de acordo com os dados do SICON (Sistema de Gestão das Condicionalidades), ligado ao Ministério de Desenvolvimento Social do governo brasileiro, 1.125 famílias de Guaraqueçaba foram beneficiadas com o Programa Bolsa Família. Esse programa visa atender famílias com renda per capita entre R\$70,00 e R\$140,00 mensais, ou seja, que vivem em condições de pobreza.

Outro dado preocupante é o índice de analfabetismo, como mostra a tabela a seguir. A população de 50 anos e mais, por exemplo, registrava, no Censo Demográfico do IBGE (2010), uma taxa de analfabetismo de 32,10%. O número declinou nos últimos anos, entretanto, continua muito acima da taxa do país que está em torno de 8,7% (PNAD, 2012).

Abaixo, a alta taxa de analfabetismo de acordo com as faixas etárias.

TABELA 1 - TABELA

FAIXA ETÁRIA (ANOS)	TAXA (%)
15 anos e menos	14,7
15 A 19	2,3
20 A 24	6,7
25 A 29	7,1
30 A 39	6,8
40 A 49	13,9
50 e mais	32,1

FONTE: IBGE (2010)

De acordo com Censo do IBGE (2010), na área urbana de Guaraqueçaba havia 794 domicílios, destes, 244 possuía microcomputadores, 165 tinham acesso à internet, 630 rádios, 604 celulares e 723 televisores. Chama a atenção o fato de que

entre os eletrodomésticos como um todo, a televisão é o que apresenta o número mais expressivo (CENSO, IBGE, 2010).

4.2.4 Primeira fase da pesquisa: dados quantitativos

Partindo dos dados coletados, inicialmente em sites do IBGE e IPARDES, aplicou-se uma pesquisa com uma parte da população, visando selecionar os entrevistados da segunda etapa da investigação. A escolha das casas para a aplicação dos questionários se deu de forma aleatória, concentrando-se nos bairros de famílias de baixa renda, porque esse é o perfil dominante em Guaraqueçaba, como mostram os dados secundários. Ainda assim, não há uma uniformidade completa, mesmo porque, em um município pequeno, essa distribuição espacial da população não é claramente configurada. Essa situação se deve ao fato de que a valorização imobiliária ainda não é um fator de pressão para levar a uma clara estratificação da cidade em bairros, com concentração de estratos de renda diferenciados. Dessa forma, selecionou-se uma parcela representativa da realidade local.

O objetivo principal desta pesquisa foi correlacionar condições socioeconômicas com hábitos de lazer e consumo midiático. Para tanto, elaborou-se um questionário (ver em apêndice), aplicado em 8,12% da população do núcleo urbano de Guaraqueçaba, totalizando 61 domicílios e 219 pessoas.

Esta primeira fase da pesquisa consistiu em um questionário semi-estruturado. Entrevistou-se um morador de cada domicílio, questionando sobre as características de todos os demais. Um dos principais pontos eram as perguntas específicas relativas ao hábito de assistir à televisão, suas preferências e posterior conversa sobre a possibilidade de participar de uma segunda etapa em que se conversaria mais especificamente sobre a telenovela, “Em Família”. Muitas pessoas se mostravam solícitas e interessadas durante a primeira pesquisa, porém, se tornaram arredias e pouco confortáveis em relação à segunda etapa onde deveriam falar abertamente sobre a telenovela.

Assim, essa etapa serviu como uma forma de seleção das pessoas para entrevistá-las na segunda fase da pesquisa, pois, muitas não se mostraram confortáveis em relação à sua participação. Muitas vezes se ouvia, “mas se a senhora estuda isso, o que eu posso falar?”, ou ainda “eu não tenho nada pra dizer”.

Como era fundamental que as pessoas se sentissem minimamente à vontade para expressar a sua opinião, esse grupo que se manteve arredo, após a conversa inicial, foi descartado como potencial entrevistado.

A pesquisa quantitativa possibilitou ainda, estabelecer uma relação precisa entre condições socioeconômicas, hábitos de lazer e consumo midiático. Nesse sentido, ela aponta primeiro, para o fato de que as restritas oportunidades de trabalho retratadas pelos estudos do IPARDES (2001), não foram ampliadas, confirmando a realidade de uma população com poucas oportunidades de consumo, seja de bens materiais, seja de bens culturais.

A seguir, se apresenta o quadro de inserção da população no mercado de trabalho:

TABELA 2 - POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA, POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA E POPULAÇÃO OCUPADA - HOMENS.

FAIXA ETÁRIA	POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA	POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA	POPULAÇÃO OCUPADA
10 A 14	14	0	0
15 A 20	13	3	3
21 A 30	9	8	7
31 A 40	21	21	21
41 A 50	12	12	11
51 A 60	6	6	6
61 A 70	4	4	4
71 A 80	2	2	2
81 E MAIS	1	1	1
TOTAL	82	57	55

FONTE: A AUTORA (2014)

TABELA 3 - POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA, POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA E POPULAÇÃO OCUPADA - MULHERES

FAIXA ETÁRIA	POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA	POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA	POPULAÇÃO OCUPADA
10 A 14	12	1	1
15 A 20	15	6	6
21 A 30	14	9	9
31 A 40	20	16	16
41 A 50	10	9	9
51 A 60	10	6	6
61 A 70	10	7	7
71 A 80	4	4	4
81 E MAIS	2	2	2
TOTAL	94	57	57

FONTE: A AUTORA (2014)

Um primeiro elemento relevante na observação dos dados anteriores é a pequena inserção infantil no mercado de trabalho. Das vinte e seis crianças (entre 10 e 15 anos) registradas na pesquisa, apenas uma desenvolve atividade remunerada. Isso, talvez se explique pelo acesso aos auxílios governamentais, que exigem a frequência das crianças à escola. Chama ainda a atenção o percentual relativamente baixo de jovens entre 15 a 20 anos voltados ao mercado de trabalho: 40% das mulheres nessa faixa etária e 10,% dos homens, o que reflete a objetiva limitação de oportunidades existente no município.

Quando se observa a distribuição da população ocupada por atividade, novamente se encontra consonância com a análise dos dados secundários, apresentada anteriormente.

TABELA 4 - ATIVIDADE DESENVOLVIDA POR FAIXA ETÁRIA- HOMENS

Faixa Etária	Construção Civil	Prestador de serviço	Pesca	Motorista	Aposentado	Funcionário Público	Balconista	Mecânico	Marítimo	Garçom	Recepcionista	Empresa de ônibus	Sem Informação
10 a 14	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15 a 20	0	2	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
21 a 30	2	1	2	0	0	5	1	0	1	0	0	0	0
31 a 40	2	5	6	0	0	4	0	1	1	0	1	0	0
41 a 50	2	1	3	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0
51 a 60	0	0	2	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1
61 a 70	0	0	1	0	2	0	0	1	0	0	0	0	0
71 a 80	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0
81 e mais	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	6	9	14	1	6	11	1	2	2	1	1	1	1

FONTE: A AUTORA (2014)

TABELA 5 - ATIVIDADE DESENVOLVIDA POR FAIXA ETÁRIA - MULHERES

Faixa Etária	Auxiliar de serviços gerais	Autônoma	Costureira	Aposentada	Auxiliar enfermagem	Balconista	Funcionária Pública	Pesca	Doméstica	Operária da Indústria	Pequeno Empreendedor
10 a 14	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15 a 20	0	0	0	0	0	2	2	0	2	0	0
21 a 30	0	1	0	0	1	1	2	1	1	1	1
31 a 40	4	4	0	0	0	0	4	2	1	0	1
41 a 50	2	1	0	0	1	0	4	0	0	0	1
51 a 60	0	0	1	2	0	0	2	1	0	0	0
61 a 70	0	0	1	5	0	0	0	0	0	0	0
71 a 80	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0
81 e mais	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0
Total	6	7	2	13	2	3	14	4	4	1	3

FONTE: A AUTORA (2014)

Entre os homens, a expressiva maioria tem como ocupação principal a pesca, aproximadamente – 25,45%; em seguida, de funcionário público – 20%; a seguir, autônomo – 16,36%; depois, construção civil -10,90 e aposentados – 10,90%. Duas observações se fazem pertinentes. Primeira: os aposentados foram computados como população ocupada porque interessava fundamentalmente saber

a origem dos recursos financeiros da família; segunda: os chamados autônomos ocupam-se em atividades diversas, ou o que muitos deles denominam “bico”. Isso configura uma renda oscilante e incerta. Conforme se observou, quando aqueles que não têm um emprego definido, como pescadores, autônomos, construção civil, ao estimar seus ganhos, buscavam sempre uma referência no salário mínimo nacional, ou seja, preocupavam-se em demonstrar que garantiam pelo menos, o mínimo.

Em relação à ocupação das mulheres predomina a inserção no serviço público, 22,58% encontra aí sua ocupação. As atividades desenvolvidas por essas mulheres são aquelas tradicionalmente atribuídas ao trabalho feminino: merendeira, zeladora, recepcionista, professora, entre outras, o que abre um espaço maior para as mulheres nesse setor. A principal origem da renda feminina vem das aposentadorias, 25,80%. Os chamados trabalhos autônomos são também significativos – 11,29%, como no caso do trabalho masculino, são trabalhos ocasionais, sem periodicidade sistemática. Estão aí inclusos, manicure, faxineira, lavadeira, vendedora de cosméticos, de salgados, entre outros. A renda é igualmente oscilante.

Essa precariedade de empregos se reflete na renda auferida pelas famílias. Das 63 pesquisadas encontrou-se a seguinte distribuição de renda per capita: 11 famílias, ou seja, 18,03% tem uma renda de até $\frac{1}{4}$ de salário mínimo, estando, portanto, abaixo da linha da miséria; 16 famílias ganham até $\frac{1}{2}$ salário mínimo, o que significa que 25,39% dos pesquisados estão abaixo da linha da pobreza. Do restante, 36,50% tem até um salário mínimo per capita e 20,63%, acima de um salário.

É grande o número de famílias beneficiadas por programas do governo federal, como a Bolsa Família e a Bolsa Pesca - paga às famílias de pescadores na época de reprodução de peixes e de camarões.

As condições econômicas refletem-se diretamente nas condições sociais. Quando se observa a escolaridade dessa população, as taxas são bastante baixas. Embora o analfabetismo pareça ter diminuído sensivelmente, o número de anos de estudo ainda é reduzido, conforme se observa nas tabelas abaixo.

TABELA 6 - ESCOLARIDADE POR FAIXA ETÁRIA - ESTÁ ESTUDANDO

Idade	1º a 4º	5º a 9º	2º Grau	Superior	Especialização	Total
0 a 5	1	0	0	0	0	1
6 a 10	10	3	0	0	0	13
11 a 14	3	19	0	0	0	22
15 a 20	2	4	7	2	0	15
21 a 30	0	1	1	0	0	2
31 a 40	2	2	4	0	1	9
41 a 50	0	0	1	0	1	2
51 a 60	0	0	0	0	0	0
61 a 70	0	0	0	0	0	0
70 e mais	0	0	0	0	0	0
Total	18	29	13	2	2	64

FONTE: A AUTORA (2014)

TABELA 7 - ESCOLARIDADE POR FAIXA ETÁRIA - NÃO ESTÁ ESTUDANDO

Idade	Alfabetizado	Analfabeto	1º a 4º	5º a 9º	2º Grau Incompleto	2º Grau Completo	Superior	Total
0 a 5	0	0	0	0	0	0	0	0
6 a 10	0	0	0	0	0	0	0	0
11 a 14	0	0	0	0	0	0	0	0
15 a 20	0	1	1	2	0	4	0	8
21 a 30	0	0	5	4	4	6	1	20
31 a 40	0	0	9	6	1	10	5	31
41 a 50	0	0	5	4	1	5	2	17
51 a 60	0	1	3	7	0	2	1	14
61 a 70	0	1	5	4	0	2	0	12
70 e mais	1	1	1	3	1	2	0	9
Total	1	4	29	32	7	31	9	113

FONTE: A AUTORA (2014)

Como é possível observar, todas as crianças na idade de escolarização, até 14 anos, estão regularmente matriculadas. Contudo, quando se examina o nível de escolaridade das pessoas que deixaram de estudar, percebe-se que 7,96% tem ensino superior, enquanto 25,66% cursaram apenas de 1ª a 4ª série e 28,31%, da 5ª a 8ª. Esse fato se nota mesmo nas faixas etárias mais novas. Por exemplo, na faixa entre 15 e 20 anos, encontram-se 8 pessoas que não estudam. Destas, uma é analfabeta, outra estudou de 1ª a 4ª série e apenas 4, concluíram o 2º grau. Nessa mesma faixa localizam-se 15 pessoas estudando, sendo que 6, aparentemente com uma acentuada defasagem idade/série.

As limitações econômicas e sociais somam-se à ausência de infraestrutura de lazer e pouco acesso a bens culturais. Esse quadro mostra-se restritivo quando se pensa nas opções acessíveis a essa população. Quando indagados sobre as suas preferências em relação ao lazer, o seguinte quadro aponta o resultado.

TABELA 8 - HÁBITOS DE LAZER POR FAIXA ETÁRIA - MULHERES

Lazer	0 a 5	6 a 10	11 a 14	15 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	61 a 70	71 e mais	Total
Ver TV	2	3	11	13	12	14	7	6	7	6	81
Jogar Bola	0	0	1	4	2	1	0	0	0	0	8
Pescar	0	0	0	0	0	4	0	1	1	0	6
Ler	0	0	1	2	0	3	2	2	0	0	10
Passear	0	0	1	5	4	6	1	0	1	0	18
Jogar Bingo	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2	4
Ouvir Hino	0	0	0	2	0	1	0	0	0	0	3
Costurar	0	0	0	0	0	1	0	0	2	1	4
Ouvir música	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	3
Brincar	3	3	0	0	0	1	0	0	0	0	7
Ir à Igreja	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	2
Plantar	0	0	0	0	0	1	0	3	2	0	6
Crochê	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	2
Computador	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	4

Não declarou	3	0	0	0	1	0	1	0	0	1	6
Não se aplica	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
Total	12	6	17	28	19	33	13	15	15	10	168

FONTE: A AUTORA (2014)

TABELA 9 - HÁBITOS DE LAZER POR FAIXA ETÁRIA - HOMENS

Lazer	0 a 5	6 a 10	11 a 14	15 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	61 a 70	71 e mais	Total
Ver TV	2	6	5	5	5	15	10	4	2	3	57
Jogar Bola	0	5	4	3	3	4	1	0	0	0	20
Pescar	0	0	0	1	3	6	4	1	2	2	19
Ler	0	0	0	0	0	2	1	0	1	1	5
Passear	0	0	0	1	3	4	1	0	1	0	10
Ouvir rádio	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Dormir	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	2
Ouvir música	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2
Brincar	3	2	1	0	0	0	0	0	0	0	6
Ir à Igreja	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Plantar	0	0	0	1	0	1	2	3	0	0	7
Ouvir Hino	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Computador	0	0	1	1	0	2	2	0	0	0	6
Vídeo Game	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	2
Andar a cavalo	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Academia	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Nadar	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Não Declarou	2	1	2	2	1	0	0	2	0	0	10
Total	8	16	13	15	17	36	21	13	7	6	152

FONTE: A AUTORA (2014)

As informações aqui apresentadas se referem aos hábitos citados, não de forma excludente, ou seja, uma mesma pessoa citava, por vezes, mais de um hábito. Ainda assim, chama à atenção a frequência de ver TV se sobrepondo a

todas as demais atividades mencionadas. Quando se comparam as preferências segundo os sexos, ressalta o fato de que entre os homens, há uma diversidade maior de práticas de lazer. Isso provavelmente remete a uma educação tradicional que mantém a mulher no lar.

É interessante observar ainda, que a pesca e o plantio, duas atividades da economia tradicional do município, atualmente muito enfraquecidas economicamente, aparecem como preferências de lazer tanto entre os homens quanto entre as mulheres, o que aponta o vínculo emocional com as raízes culturais locais.

De qualquer forma, as declarações sobre os hábitos de lazer reforçam as considerações feitas anteriormente quanto às restrições de oportunidades recreativas e culturais dessa população.

Considerando que a televisão ocupa o maior espaço de ócio dos pesquisados, indagou-se sobre os programas da preferência, assistidos frequentemente.

TABELA 10 - HÁBITOS DE LAZER POR FAIXA ETÁRIA - MULHERES

Programas	0 - 5	6 a 10	11 a 14	15 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	61 a 70	70 e mais	Total
Jornal	0	0	0	4	2	6	4	5	3	2	26
Filme	0	0	4	4	2	4	3	0	1	0	18
Documentário	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	2
Telenovela	0	2	6	10	10	11	8	4	3	6	60
Religioso	0	0	0	0	0	0	0	3	2	1	6
Desenho	4	4	3	3	1	1	0	0	0	0	16
Auditório	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	3
Jogos	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Outros	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Não declarou	2	3	1	3	3	3	1	1	1	0	18

Não se Aplica	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	6
Total	12	9	16	24	18	26	17	14	11	10	157

FONTE: A AUTORA (2014)

TABELA 11 - HÁBITOS DE LAZER POR FAIXA ETÁRIA - HOMENS

Programas	0 - 5	6 a 10	11 a 14	15 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	61 a 70	70 e mais	Total
Jornal	0	0	0	0	3	10	6	4	2	2	27
Filme	0	1	1	8	3	7	2	2	0	0	24
Documentário	0	1	1	0	0	4	1	0	1	0	8
Telenovela	1	0	2	3	4	6	2	3	1	2	24
Religioso	0	0	0	0	0	1	0	2	0	1	4
Desenho	2	3	5	2	0	1	0	0	0	0	13
Auditório	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2
Jogos	0	0	0	2	4	6	3	2	1	2	20
Outros											
Não declarou	0	2	2	1	1	0	2	0	1	0	9
Não se Aplica	7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7
Total	10	7	11	17	15	35	16	14	6	7	138

FONTE: A AUTORA (2014)

As respostas obtidas mostram que entre as mulheres, a telenovela é citada com uma frequência muito acima de qualquer outro programa, 38,21% das respostas se concentram aí. Essa preferência é marcada desde muito cedo, a partir de 11 a 14 anos de idade.

Já entre os homens, a diversidade de gostos está mais presente. O jornal aparece como a programação preferida, 19,56% das respostas, seguido muito de perto pela telenovela e filme, ambos com 17,39% das respostas.

Ressalta-se que, os homens, quando indagados se costumavam assistir à novela, a resposta mais frequente era que assistiam porque era um programa que a mulher fazia questão de acompanhar. Essa resposta é pertinente entre a população pesquisada, já que na maioria das casas visitadas, existia apenas um aparelho de TV (embora não se tenha computado essa informação). Esse fato demonstra que, assistir à TV é hábito familiar e não uma atividade isolada como ocorre em residências com maior poder aquisitivo, onde os aparelhos se multiplicam pela casa, permitindo que cada um faça sua opção sobre o que assistir. Ainda assim, não é descartável que a resposta dos homens seja orientada por uma concepção de que telenovela é um programa eminentemente feminino.

Ao buscar ainda, as possíveis interferências nos gostos e hábitos das pessoas, uma das questões do questionário foi sobre a religião que seguiam. As respostas foram as seguintes: 105 pessoas se declararam católicas, 93 evangélicas, 16 sem religião, e no caso de 5 crianças, os pais informaram que não havia opção religiosa.

Conforme estudo do IPARDES (2001), a religiosidade é um elemento muito presente no município, principalmente, com o aumento das religiões evangélico-pentecostais. Observações in loco confirmaram que essas religiões têm uma interferência crescente no comportamento e valores das pessoas, até mesmo porque desenvolvem cultos diários, se fazendo presente no cotidiano dos fiéis. Nos fins de tarde, é possível observar um número significativo de pessoas trajadas segundo as normas da igreja: homens de terno, ou ao menos, de calça social e camisa de manga longa, mulheres de saias longas e blusas sem decote, se dirigirem à igreja. Conforme informaram durante a aplicação dos questionários, várias dessas igrejas, alguns anos atrás, proibiam seus seguidores de assistir à TV. Entretanto, agora, essa prática está liberada.

A origem, o fluxo de migração e o retorno dos entrevistados foram outros pontos questionados. Por meio de duas perguntas procurou-se compreender as vivências da população de Guaraqueçaba em relação a outras culturas, bens de consumo, experiências em cinemas, museus e shopping centers. O intuito foi detectar a presença de parâmetros distintos dos presentes no município como referências para a televidência.

Dos entrevistados, 83% são de Guaraqueçaba; 7%, de Paranaguá; 2%, de Antonina e Morretes; 3%, de Curitiba e 5%, de outros locais. Nesse contexto, é

importante reportar que, apenas os partos normais são realizados em Guaraqueçaba, portanto, muitas mães dão à luz em hospitais de municípios vizinhos, como Antonina, Morretes e Paranaguá, mas retornam para a cidade com os recém-nascidos, algumas, portanto declararam que os filhos não são naturais do município, mesmo não tendo nenhuma vivência fora do mesmo.

Aos que declararam que nasceram em Guaraqueçaba questionou-se se haviam saído do município. A questão, como citado anteriormente, visa apreender a experiência em outros centros urbanos, de porte diferenciado do local. Assim, 26% dos entrevistados nunca saíram de Guaraqueçaba; 36% conhecem Curitiba; 9%, Paranaguá; 1%, Antonina e Morretes e 28%, conhecem outras cidades. É importante observar que, dada à precariedade dos serviços de saúde locais, muitos dos deslocamentos são motivados por necessidade de tratamento médico, o que configura uma experiência bastante restrita. Existem, também, aqueles que se deslocaram por motivo de trabalho, o que implica uma permanência maior fora do município. No entanto, essa experiência está concentrada principalmente, entre os homens.

Esse quadro que objetivou relacionar condições socioeconômicas a hábitos de lazer e consumo midiático se constituiu no parâmetro para a compreensão das entrevistas desenvolvidas na segunda etapa deste trabalho.

5 TÃO LONGE, TÃO PERTO, A TELENOVELA NO DIA A DIA DE GUARAQUEÇABA

En América Latina el melodrama ha resultado siendo algo más que un género dramático, una matriz cultural que alimenta el reconocimiento popular en la cultura de masas, territorio clave para estudiar la no-simultaneidad de lo contemporáneo como clave de los mestizajes de que estamos hechos. Porque, como en las plazas populares de mercado en el melodrama está todo revuelto, las estructuras sociales y las del sentimiento, mucho de lo que somos – machistas, fatalistas, supersticiosos – y de lo que soñamos ser, la nostalgia y la rabia.
Jesús Martín-Barbero¹⁵.

Antes de apresentar as informações da segunda etapa da pesquisa, que consistiu das entrevistas em profundidade, é interessante tecer algumas considerações elucidativas, tanto dos percalços encontrados no trabalho, quanto dos seus limites.

A maioria das pessoas deu entrevistas depois de muita insistência, pois acreditava que não poderia ajudar. “O que vou poder falar?”, “Não entendo de nada”, entre outras, foram as resposta respostas constantes no início das entrevistas. Esse fato demonstra certo mal estar frente à constatação dos entrevistados de que deveriam estabelecer um diálogo com alguém com uma vivência diferenciada e mais valorizada socialmente – alguém que vem de uma cidade grande e possui nível universitário. Consciente desta barreira, procuramos pouco intervir e ter cautela com as observações e questões a serem feitas.

A ideia inicial era entrevistar toda a família e em conjunto. Contudo, isso não foi possível. Via de regra, apenas a mulher se dispunha a dar entrevista. Contudo, em três domicílios conseguiu-se a presença do marido e mulher; em uma das casas, da mulher e uma filha adolescente; em outra, da mulher e seu filho adolescente; em outra, da mulher e sua nora e, finalmente, em uma, da mulher e sua tia.

Houve ainda um grupo de adolescentes ligados à igreja católica, que se dedica a um movimento de recuperação e preservação da cultura local, que, quando

¹⁵ “Na América Latina o melodrama continua sendo alguma coisa mais do que um gênero dramático, uma matriz cultural que alimenta o reconhecimento popular na cultura de massas, território chave para estudar a não simultaneidade de contemporâneo como chave das mestiçagens de que somos feitos. Porque, como nas praças populares de mercado, no melodrama está misturado, as estruturas sociais e as de sentimento, muito do que somos – machistas, fatalistas, supersticiosos – e do que sonhamos ser, a nostalgia e a raiva” (MARTÍN-BAERBERO; REY, 1999, p. 125, tradução nossa).

se comentou sobre pesquisa, se dispôs a colaborar e se constituiu em um grupo de discussão da novela.

Entre as mulheres entrevistadas, três delas, que mantêm relações de amizade, se dispuseram, a juntas, discutir a telenovela.

Dessa forma, realizaram-se 16 entrevistas, e duas delas, com discussão em grupo.

Chamou a atenção ainda, o fato de que, ao serem indagados sobre o hábito de leitura no questionário quantitativo, omitiram o fato de ler revistas. Entretanto, na conversa sobre a novela, três pessoas disseram que, sempre que iam à Paranaguá, compravam a revista Tititi para se informar sobre o desdobramento da novela.

Nessa linha de interatividade, três pessoas declararam se informar sobre a trama em curso na internet. Outra mencionou assistir programas no horário da tarde, quando se discute a novela. Finalmente, um dos entrevistados disse que quando vai ouvir noticiário na rádio, aproveita e se informa sobre a novela. Isso mostra que, apesar da interatividade entre os diferentes meios de comunicação ser ainda incipiente, ela não é inexistente no município.

A primeira abordagem ao grupo se concretizou a partir das pessoas que disseram assistir à novela com frequência e não fizeram restrições a dar entrevista.

A entrevista pesquisou sobre o hábito de assistir à telenovela primeiramente, de forma ampla, com objetivo de compreender a proximidade do público com esse gênero. Posteriormente, se abordou a telenovela “Em família”. Nessa etapa as perguntas eram genéricas, não direcionando a atenção do entrevistado: “Gostou ou não da novela? Por quê?; “Que temas mais chamaram a atenção?” Em relação aos personagens: quais agradaram e quais desagradaram? Por quê?” “Que assuntos a telenovela aborda que você acha interessante?”

O roteiro aberto se desdobrava conforme as observações do entrevistado e à ênfase positiva ou negativa em relação às questões comentadas.

Questões generalistas, como “as crianças da casa costumam ver a novela com vocês?”, foram feitas na tentativa de reconhecer temas, cenas, assuntos delicados ou até mesmo, tabus. Outras perguntas pretenderam perceber como a população de Guaraqueçaba observava personagens, histórias narradas na trama e sobre a identificação com a realidade transmitida.

As entrevistas elucidaram que a novela incorpora o cotidiano dos moradores do município há muito tempo.

O Sr. Ailton Liberatto, entrevistado sobre os primeiros televisores na localidade informou que comprara um aparelho de televisão em 1965 e que, afluência de pessoas à sua casa era principalmente, para assistir à novela. (ver página 61 na impressa)

Indagada sobre quando começou assistir novela, G, 81, respondeu:

G: Nesse tempo eu não tinha televisão ainda, meu pai que tinha; Espigão, uma novela com Tarcísio Meira (A novela Espigão foi exibida em 1974).

L1., 33, dona de casa, diz:

L1: Eu acho que assisto desde os 12 anos, bem antes, desde criança eu assisto novela, eu adoro novela. Assistia sozinha, na casa dos outros. Em casa não tinha televisão porque minha mãe é da Igreja Deus é amor e ela não permitia televisão dentro de casa.

P., 45, funcionário público comenta o seguinte:

P: Ah, faz tempo isso. Na época, na casa da mãe dela tinha uma televisãozinha pequena e não pegava, era muito ruim e aí a gente ia pra casa da tia dela assistir, na casa dela pegava.

O que se percebe é que esse tipo de programa sempre despertou o interesse dos entrevistados, que buscavam alternativas para ter acesso à novela. Sabe-se, através de estudos bibliográficos (MARTÍN-BARBERO, 2006; LOPES, 2009; HAMBURGER, 2005), que a telenovela, por meio de sua aproximação com o cotidiano, com o ritmo da vida, aproxima e facilita a identificação, fazendo dela um produto atrativo. Procurou-se identificar como os entrevistados justificavam essa preferência.

As respostas reiteram a perspectiva anterior. V2.,32, dona de casa,

V2: Eu gosto né? Que a gente vive no dia a dia a mesma coisa. A gente se identifica.

P., 45, funcionário público,

P: Por causa das histórias, tem bastante história legal. O mocinho sempre ganha no final. O bandido sempre vai preso.”

J., 40, funcionário público,

J: Você assiste por não ter uma opção de sair. Daí assiste novela pra acompanhar a esposa.

V1., 29, dona de casa, esposa de J.,

V1: A mesma resposta dele. Por não ter o que fazer. Tem que estar aqui sentada, daí tô assistindo.

N1., 45, auxiliar de serviços gerais,

N1: Eu gosto de tudo um pouco, os romances, as histórias, as coisas que dão certo. As coisas erradas a gente não gosta.

GE1., 34, auxiliar de serviços gerais,

GE1: Eu sou assim, de noite quando eu chego em casa, não tem mais nada pra fazer, então eu vou assistir. A gente se envolve na novela.

As falas anteriores denotam que as condições econômicas dos entrevistados, aliadas à ausência de alternativas de lazer, justificam o fato de que a televisão é quase a única possibilidade de entretenimento. Apontam ainda para a projeção de expectativas de resolução de conflitos ao nível ético: é importante que os bons vençam e os maus sejam castigados. A justiça concretizada, ao menos, no âmbito virtual.

Nesse viés, Távola (1996) afirma:

Com sua narrativa de conflitos e de enredos, a telenovela vive e se alimenta de impasses de natureza moral. O expediente lhe dá força de comunicação independentemente do eventual valor literário, da verossimilhança das situações ou da qualidade dramática da obra. Cada capítulo postula problemas morais relativos ao que fazer e ao como fazer. Mais fortes são os conflitos éticos sem solução ou de conteúdo polêmico, definitivos em sua obscuridade. Despertam o interesse de cada espectador que assim realiza, fora de si, projetados, conflitos vívidos e diários. E como tais conflitos

dilaceram pela falta de respostas, melhor vivê-los fora, ou pelo menos, sentir a sensação liberadora de lhes ser alheio (TÁVOLA, 1996, p. 35).

Os telespectadores de Guaraqueçaba não sabem explicar os motivos pelos quais assistem à novela, nem mesmo os que se dizem noveleiros como N1., 45, auxiliar de serviços gerais, que afirmou:

N1: Eu gosto de tudo um pouco, os romances, as histórias, as coisas que dão certo, né? As coisas erradas a gente não gosta.

A competência em assistir novela é algo muito valorizado entre os entrevistados. A entrevista com G., 81, aconteceu por insistência de diversos entrevistados, ainda na primeira fase da pesquisa, pois, entendia muito de novela, por isso, ela deveria ser ouvida. Sua história é interessante: ela mantém um caderno onde anota, desde 1981, o nome das novelas, autor, personagens, atores, diretor, início e término. Quando algum envolvido falece, retoma as anotações e pontua em cada novela, a data em que determinado participante faleceu.

Indagada sobre quais as novelas que mais lhe chamaram a atenção, ela respondeu:

G: Olha, tem tantas boas, ultimamente eu assisti Avenida Brasil, foi uma novela muito gostosa. Antes, bem antes, tem Roque Santeiro, aquelas bem antigas. Eu até tenho tudo anotado num caderno (pega o caderno para me mostrar). A história não, mas o enredo fica na cabeça.

A ênfase de muitos entrevistados em relação às anotações de G. comprova a valorização da telenovela no contexto pesquisado. Parece ser um contraponto ao conhecimento acadêmico, que os deixa inibidos, demonstrando que alguém da comunidade também estuda o assunto e, há muito tempo.

Outra observação de caráter geral se faz necessária para compreender como se assiste telenovela em Guaraqueçaba. As famílias, nessa sede urbana, são estendidas, não se limitam ao núcleo reprodutor: pai, mãe e filhos, pois, uma parcela significativa da população tem por hábito, sempre que o filho casa, o pai cede um pedaço do próprio terreno para que ele construa sua casa. Assim, formam-se núcleos familiares extensos.

Família, no entender de Lopes (2000):

Entendemos a família como um espaço social (sistema de posições e relações de parentesco), um espaço cultural (história e dinâmica familiares) e, de fundamental importância para este projeto, como um espaço de mediação das mensagens midiáticas (LOPES, 2000, p. 230).

A novela, geralmente, assistida em família, congrega, muitas vezes, esses componentes, além do núcleo reprodutor. Assim, N1. conta, quase sempre com a presença da nora; V2., com a presença da irmã e da sobrinha; P., da sogra e do sogro; V2., com a da tia, e outros inúmeros casos semelhantes. Na verdade, a vivência cotidiana se concretiza dessa forma. Assim, as famílias tornam-se um referencial fundamental no processo de televidência.

Quando ocorreu a discussão da telenovela “Em família”, a grande maioria dos entrevistados não citava histórias e nem os dramas relacionados aos personagens, mas, comentava as suas características, como “pobre rapaz”, “menina mimada”, ou a beleza das artistas, havendo ocasiões em que fundiam a vida privada do artista ao papel que desempenhavam na novela.

Por exemplo, M2., 22, dona de casa, ao comentar a morte do personagem Laerte no último capítulo, refere-se ao então namorado da atriz Bruna Marquezine, que fez com Laerte, o par romântico na novela:

M2: Ele (Neymar, jogador de futebol) que deve ter gostado da morte do Laerte.

Obviamente, ela supôs que o namorado deveria estar enciumado e a morte do personagem significaria um alívio. GE1., 34, ao discutir a telenovela, fez uma observação referente às cenas de amor e à postura da atriz e seu marido na vida real, dizendo ter lido que eles não gostam de assistir essas cenas:

GE1: Eles dizem que preferem não ver aquela cena, que qualquer um que goste do outro aceita uma coisa daquela. Nem que seja beijo técnico. Que beijo técnico? Encostou não é mais técnico. Eu não acredito nesse negócio de beijo técnico.

Hamburger (2005, p. 57) afirma que “ao discutir personagens, famílias e histórias, os telespectadores frequentemente aludem ao que definem como modelos nacionais de comportamento.”

Eles parecem fundir a realidade com o mundo virtual. Muitas vezes, a sensação é de que o entrevistado comenta um acontecimento real. A dona-de-casa N1., 45, aborda a cena da morte de Laerte da seguinte forma:

N1: Eu achei legal, achei que ele mereceu, Deus que me perdoe, ele deixou família e tudo, né?” e logo completa: “A mãe dele já estava meio tererê [*louca*], nem sabia quem ele era, quem morreu, diz ela.

Aqui um moralismo tradicional e contraditório se manifesta quando o mau deve pagar por seus erros:

N1: Ele mereceu.

Contudo, mesmo os maus têm família, tem mãe e para uma mãe, a morte de um filho é sempre terrível, portanto, não deve ser desejada. No entanto “a mãe dele já estava meio tererê, e nem sabia que ele morreu”, assim, o desejo de sua morte está isento de culpa. A televisão vai ao encontro dessa moral e realiza, na ficção, sua expectativa da vida: no fim os “maus devem pagar” e os “bons” devem ter um final feliz.

Nesse sentido, N1., 45, auxiliar de serviços gerais se manifesta:

N1: Eu gosto de tudo um pouco, os romances, as histórias, as coisas que dão certo, né? As coisas erradas a gente não gosta.

Considerando que a televisão e particularmente, as telenovelas se colocam como componentes da educação informal da população pretendeu-se apreender a percepção dos entrevistados em relação a essa questão. Nesse aspecto indagava se eles consideravam a televisão e a telenovela, em especial, como meios de informações importantes, se abordavam problemas relevantes e como essas questões eram apresentadas.

São o rádio, a televisão e a rede de informática que acabam convertendo-se em um dispositivo de comunicação capaz de oferecer formas com que se contrapor ao isolamento e à incerteza dos indivíduos possibilitando vínculos culturais para os diversos grupos em que se fragmenta a sociedade (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.132).

Entre os vários temas veiculados pela telenovela em análise, ressalta-se a seguir os principais assuntos levantados pela população entrevistada. É importante realçar ainda, que alguns temas não abordados na telenovela foram lembrados por alguns entrevistados, quando aludiam ao potencial educador da televisão.

Como exemplos, principalmente em relação a questões que eles acreditavam inadequadas ao caracterizá-las como “maus exemplos”, especialmente, para crianças e adolescentes, citam-se a violência e o uso de drogas.

G: O que eu não gosto muito da televisão é mostrar muito crime, assalto, isso aí é feio né. Mas eu acho que tem que mostrar, eu acho ruim, mas eu gosto de assistir. Esse nosso Brasil está muito perigoso nessa parte de banditismo.

P: Na Malhação o piá se “bombando”, incentiva isso, isso é coisa errada. Esse parece que ficou quase paralítico de tanto “se bombar”. Mas os jovens, eles não vêem a sequência até o final. Vêem que o cara ficou bom e param de assistir três dias antes do final e não vêem que o cara ficou ruim.

A abordagem desses assuntos, fora da pauta do tema de discussão, confirma sua preocupação com o caráter de construção da realidade via televisão, notadamente, para os jovens sem discernimento para selecionar as informações e padrões comportamentais veiculados.

Para facilitar a apresentação do parecer dos entrevistados a respeito de questões sociais, dividiu-se a amostra em categorias, porém, essa divisão não é rígida e por vezes, as observações extrapolam uma única temática.

5.1 MORAL E SEXO

As cenas de sexo e de nudez da novela “Em família” são tratadas com muito pudor pelos entrevistados e vistas em sua totalidade, como “maus exemplos” para as crianças e adolescentes. A moral conservadora está muito presente nos

discursos dos entrevistados, e, em alguns momentos fica clara, na presença dos filhos.

A: Tem horas que eles passam lá aquelas putarias, aquelas coisarada, aí eu já não gosto, eu desligo. Isso aí que não podia passar mesmo, né.

E2: Eu acho que a novela hoje está sendo muito vulgar eu acho, principalmente para os filhos de menor assim, eu acho que elas não estão sendo assim uma novela educativa eu acho que elas estão sendo meio ousadas.

G: acho que problema de sexo, criança tem que, é tá certo que vai saber, mas ela tem que na escola diz que tem, no meu tempo não tinha, mas eu não acho licito assim expor muito. No meu tempo de criança a coisa era bem diferente do que é, agora é tudo moderno, mas antes não, então é assim, se a gente puder não deixar as crianças assistir a gente não deixa né.

M2: Só assiste novela eu e meu pai, o que é ruim nas novelas são as cenas 'calientes', eu fico sem graça. Eduardo só tem cinco anos, já sabe, já esconde a cabeça de baixo das cobertas.

N1: Eu também fico, às vezes eu tô na sala com meu filho, ele tem 16 anos, dá pra ver assim, que eu fico com vergonha e eles ficam com vergonha de mim, meu filho fica olhando para o celular, nem olha a TV.

Os depoimentos dos entrevistados demonstram claramente, o incômodo causado por determinadas cenas, principalmente porque toda família assiste à novela na sala da residência. Nota-se assim, que o constrangimento traz à tona assuntos considerados tabus que não são debatidos com frequência. Ao mesmo tempo, é possível perceber que a telenovela é vista sim, como um componente da educação, ainda que contraditório, especialmente, em relação às crianças e adolescentes. A apresentação do cotidiano de famílias aparece, o que se considera extremamente problemático, ainda que inevitável, pois, a telenovela integra de forma sistemática, seu cotidiano. A sexualidade exposta não é considerada legítima. O receio recai sobre a flexibilização da moral e a sexualidade precoce.

Apesar de a Igreja não ser um assunto largamente abordado diretamente pelos entrevistados, observa-se sua presença constantemente. Em vários momentos nas entrevistas percebeu-se a valorização da família tradicional, e, em muitas casas, ao tentar realizar a pesquisa recebia a informação de que não assistiam a novelas por só veicularem “besteiras”, “coisas erradas”, ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, muitos citavam personagens e ou histórias da trama para clarificar os motivos pelos quais desmereciam as telenovelas por não se adequar às suas crenças.

Deparou-se com um dos poucos depoimentos em que a Igreja foi citada de forma direta, como o motivo pelo qual não se podia assistir à telenovela e também nenhum outro programa televisivo. Nessa situação, era proibida a posse de um aparelho de televisão, conforme consta abaixo:

L1: Em casa não tinha TV né, ela não podia comprar, ela não comprava porque a Igreja Deus é Amor não permite televisão dentro de casa, não permitia, porque agora eles estão assistindo, mas na época não, daí eu assistia na casa do vizinho.

Assim, embora a religião, sem dúvida, seja um elemento de reforço de uma moral sexual conservadora, não se conseguiu inferir distinção entre concepções morais de católicos e evangélicos. Em ambos os grupos predomina uma visão tradicional, pautada, ao que parece, por valores morais familiares.

A faixa etária, entre os adultos, responsáveis pelas famílias, tanto homens, quanto mulheres, não parece ser um elemento de distinção nas perspectivas morais. A preocupação de preservar uma moral conservadora se manifesta da mesma forma, na faixa de 20, 30, 40, 70 e 80 anos. Provavelmente, a posição de responsável pela unidade familiar lhe outorgue, ao mesmo tempo, o papel de defensor de uma moral tradicional.

5.2 FAMÍLIA

Esse tema, foco central da telenovela em questão, foi o que teve mais comentários positivos. A maioria dos entrevistados fez clara conexão com a sua

própria família, enaltecendo sempre os valores positivos, tanto na telenovela quanto em sua vida.

Contudo, ressaltaram outros pontos avaliados como negativos, considerando a dinâmica familiar. Mais uma vez, esses valores estão estreitamente ligados aos personagens da trama, e não diretamente às problemáticas abordadas, como se percebe em alguns depoimentos a seguir:

E1: Eu gostava da Chica, que era a mãe e juntava todos os filhos.

E2: Quando a novela trata de assunto mais familiar, mais conselhos para os filhos, o que eu admiro mais quando o casal se respeita muito, tem aquela parceria, aquele cuidado, isso eu acho legal. Ela (a telenovela) trouxe pra gente umas experiências de família que, às vezes, acontece até na vida real, então eu achei legal.

Por outro lado, os entrevistados reagiram a comportamentos considerados “desviantes”, imorais que constituíam maus exemplos em relação às tramas vividas pelos personagens. Ao mesmo tempo, reconheciam que a realidade está mudando e a telenovela retrata essa mudança.

E3: Na verdade novela ensina coisa boa e coisa ruim ao mesmo tempo né, muitas coisas, se aprende o que é bom, mas se aprende o que é ruim também. Principalmente essa aí, essa “Em Família” aí eu acho que tá desvirtuando assim aquela educação da casa né, da casa antiga, da família antiga, porque agora um filho não obedece mais um pai, uma mãe.

M1: A tendência do ser humano é construir família né, boas, educadas, principalmente hoje que as crianças a partir de uma certa idade já caem tudo nessa vida de rua aí, e a novela não ensina isso, você pode ver que não tem uma novela que construa uma família, ela sempre destroem, ela põe um casal que tá indo mais ou menos daqui a pouco ela faz tudo para acabar com aquela família pra ficar tudo assim deixa hoje e pega amanhã, deixa desse e pega outro e vai indo tudo assim.

Tia: Achei muita rebeldia, desobediência com a mãe, com o pai, muito rebelde. Aí as mocinhas vêem isso e vão querer fazer igual.

Os depoimentos acima esclarecem o paradigma de família que norteia a observação dos entrevistados. Esse modelo corresponde ao que a obra “Vivendo com a Telenovela” apresenta:

Há uma família subjetiva, que faz parte do imaginário comum, núcleo protetor e de refúgio seguro, que tem como principal tarefa suprir as necessidades e carências de seus membros e garantir-lhes relações de amor e lealdade. Para dar conta de compromissos tão elevados é necessário um sistema organizado e forte, que conte com apoio de ampla rede social. Esta família se organiza em torno de um par **heteressexual**, com papéis sexual e sociocultural predefinidos, segue o padrão hierarquizado, no qual cabe ao homem exercer poder e domínio sobre mulher e filhos, e ao casal diferenciar-se da criança, exercendo com segurança o poder disciplinar (LOPES, BORELLI, RESENDE, 2002, p. 199).

Na medida em que a telenovela “Em família” questiona, na prática cotidiana dos personagens, esse modelo, rejeitam claramente esse aspecto. Contudo, ao mesmo tempo, há um manifesto conformismo frente a essa realidade virtual, até porque se entende que o modelo ideal, na realidade, está sendo questionado.

A comunidade percebe a televisão como um instrumento de educação porque ela traz para dentro da casa, a representação do cotidiano, tendo a potencialidade de naturalizar comportamentos com os quais os jovens não têm necessariamente vivência. Nesse sentido, há a preocupação de que eles assimilem esses comportamentos como naturais. A expectativa, ao que parece frustrada, de que ela reforce valores considerados corretos, não impede que a prática de assistir novelas permaneça.

J., 40, funcionário público, manifesta sua preocupação com a apresentação de exemplos de vivência familiar, agora sob outra ótica:

J: Eu acho que, principalmente as novelas da Globo, criam um mundo do além, que não existe. A gente que é casado sabe que nem todo o homem tem aquele momento de ser tão carinhoso. A Globo faz uns homens tão carinhosos que faz com que a mulher viva em torno daquele homem. Isso não vai existir nunca. Daí cria uma possível janela pra uma possível traição.

O modelo de relacionamento afetivo, em que o homem não é mostrado tão somente como o chefe da unidade familiar, mas como o amante dedicado, na ótica do entrevistado, não corresponde à realidade. Agora, a preocupação recai sobre o

fato de que a percepção da mulher, construída a partir dessa realidade virtual, demande esse tipo de relação e que a conduza para fora do núcleo familiar.

Por outro lado, a televisão introduz e redimensiona as legítimas aspirações de gênero de seus membros, mas reforça as necessidades do capital ao apresentar modelos de homem e de mulher, e papéis femininos e masculinos propícios para a expansão do mercado. Apesar disso, nessa exposição se infiltram outros modelos diferentes menos mercadotécnicos, que, em conjunto, desafiam as posições identitárias tradicionais da família e de seus membros (GÓMEZ, 2014, p. 49).

Considerando a importância da família na estrutura de vida dos entrevistados, essa temática despertou diferentes preocupações com o questionamento do modelo tradicional. Esses aspectos se manifestam igualmente, em outros temas, como a homossexualidade.

5.3 HOMOSSEXUALIDADE E PRECONCEITO

A homossexualidade está presente nas telenovelas da Globo desde os primórdios, segundo Colling (2007). Inicialmente, o homossexual era relacionado com a criminalidade através de estereótipos e/ou afetados e afeminados; a partir da década de 1990, a chamada “narrativa da revelação” apareceu nas tramas. Nos anos 2000, o número de personagens homossexuais cresceu, principalmente, de casais homossexuais nos padrões heteronormativos.

Segundo Colling (2007, p. 217), “nestas personagens desaparecem por completo as afetações e vigora o desejo de casar e de adotar crianças, ou seja, os casais gays pouco ou nada diferem dos casais heterossexuais considerados ideais em nossa sociedade”.

A telenovela “Em família” apresenta um casal homossexual feminino e esse assunto foi muito comentado pelos entrevistados, embora, em sua maioria, não utilizassem o termo homossexualidade, gay ou qualquer terminologia que remetesse diretamente à orientação sexual das personagens.

V3: O que eu achei ali que eles mostraram bem, foi a questão das duas moças lá, a fotógrafa com a mãe do piá, eles mostraram bem mesmo né, que não é para ter preconceito com as pessoas, né.

J: Tem cenas de sexo, tem que ter uma certa idade pra viver aquilo ali né, porque incentiva, não adianta dizer que não incentiva, e tem certas cenas assim que não é discriminar, eu acho que cada um é o que é, e eu respeito cada um como é. Todo mundo me conhece e sabe que eu não sou uma pessoa preconceituosa, eu vivo a realidade do mundo. Só que eu acho que certas coisas não têm que acontecer em certos horários né, e se acontecer tem que ser meio privado, meio uma coisa assim, então por isso eu evito que ele assista.

A dificuldade de trabalhar com uma temática tabu, pautada em âmbito nacional, seja pelos meios de comunicação, seja pelos movimentos sociais, em uma realidade em que o diferente é objeto de fofoca, tratado de forma irônica e tradicionalista, fica patente nas contradições manifestas nos discursos. O “politicamente correto” apresentado pelas telenovelas, associando o preconceito às atitudes negativas é assimilado ao nível do discurso. Contudo, é negado enquanto parte do cotidiano local, ao mesmo tempo em que se manifesta um desejo de se criar barreiras para que os jovens não queiram imitar esses “modernismos”, como afirma Lopes:

O tratamento naturalista dado a esses temas não costuma escamotear os elementos de conflito e de preconceito, conferindo à novela alta credibilidade junto ao público. É através desse efeito de credibilidade que as novelas colocam em circulação e debate mensagens sobre a tolerância, o direito à diferença e os direitos das minorias, a despeito do quase sempre “final feliz” dado às histórias (LOPES, 2009, p. 28).

E1: Aqui na nossa cidade a gente não tem esse negócio de gay né, agora tem unzinho assim né, mas assim mulher com mulher não tem, né. Mas gente vendo a novela a gente aprende que tem que aceitar uma coisa, né. Eu acho que essas coisas a gente aprende mais vendo a novela, que nem no nosso lugar não tem essas coisas assim, mas daí a gente vai aprendendo que tem que aceitar essas coisas, né.

Em Guaraqueçaba, há um casal de mulheres, conhecidas na cidade. Infere-se, nesse sentido, que no depoimento anterior a entrevistada queria reforçar o estranhamento desse tema na telenovela ao negar a existência de um casal formado por duas mulheres na localidade.

S1: Ah sei lá né, cada um tem sua maneira de pensar, mas eu acho assim, que aquelas cenas das duas ali induz muito, né, a

juventude hoje em dia. Apesar de que Guaraqueçaba já tá né, na escola, bem antes da novela passar.

G: Tudo é bom, mas assim eu não sei, eu não posso mais ter preconceito de nada, ali tem aquele caso que eu não sei, separou do Cadú. Eu não sei, mas eu não gosto muito dessa parte, eles enrolam muito ali, cada um pensa de um jeito, a gente não pode ter preconceito com nada. No meu caso eu não ia gostar, mas a menina lá gosta, elas se gostam, fazer o que... mas eu acho que não deveria passar negócio de beijo, porque a criançada que assiste abre mais, incita mais a criançada a fazer, não sei se isso é errado ou não.

A entrevistada acima se mostra claramente contrária à exibição de um beijo homossexual na telenovela, e deixa claro ainda em seu discurso, que apesar de saber que não se deve ter preconceito, não consegue aceitar esse tipo de relação. Em contrapartida, em outro momento de sua entrevista, ela cita novamente o preconceito, dessa vez, realça como a telenovela pode ser importante para que ele deixe de existir, porém referindo-se ao preconceito racial.

G: Às vezes passa novela passa, por exemplo o racismo, que existe muito preconceito ainda e, às vezes, passa uma novela dessas com o problema de racismo, né. Isso é muito bom pra ensinar o povo a lidar com isso, a respeitar os outros, né. Cada um é cada um, a cor da pele não interessa, o que interessa é o que está dentro do ser, então eu acho que tem coisas assim.

Retomando Colling, pode-se dizer que as mudanças no tratamento da homossexualidade na telenovela brasileira se expressam nos anos 2000, ao incluir personagens homossexuais ao núcleo principal da trama para desempenhar papéis importantes no seu desenrolar.

Ao que parece, também é nesta década que se intensifica uma tentativa de apresentar um maior número de casais gays inscritos dentro de um modelo que consideramos heteronormativo. Pelo menos nestas personagens, desaparecem por completo as afetações e vigora o desejo de casar e de adotar crianças, ou seja, os casais gays pouco ou nada diferem dos casais heterossexuais considerados ideais em nossa sociedade (COLLING, 2007, p. 217).

Considera-se a telenovela “mor à Vida,” exibida anteriormente, um marco por apresentar em horário nobre, o primeiro “beijo gay” na Rede Globo. “Em família”

traz novamente um beijo gay, dessa vez, protagonizado por mulheres. Muitos entrevistados passam a mensagem de que aceitam essa composição familiar e que não têm preconceito, apesar de alguns enfatizarem não achar apropriado.

No mundo do senso comum, guiado pelos estereótipos e pelo preconceito, um novo olhar representa já um abalo de certezas por si mesmo indutor de mudanças, por quebrar a imobilidade gerada pela cristalização de conceitos (MOTTER, 2004, p. 259).

E3: É ali eles tão mostrando que não pode ter preconceito nessas coisas, né.

V3: Gostei daquele menininho que aceitou a situação da mãe. Foi explicado para ele a situação, que existe na realidade. As pessoas olham com preconceito, mas cada um vai procurar a felicidade que achar melhor para si, né. Eu achei tão lindo aquele piázinho ali, ele fez bem bonitinho o papel dele.

L1: Várias coisas que a gente não sabia e agora a gente sabe, né. (A telenovela) ensina sobre a traição, sobre aquele casal lá de mulher, ensina a não ter preconceito, né.

E2: Eu achei importante, a irmã da Helena lá, a Clara, que se divorciou. Na educação do filho, eu achei que ela e o Cadú tiveram mente aberta. Eles tinham medo de contar a verdade para o filho, porque ele poderia enfrentar problemas na escola ou com seus amigos. Sabe, o menino deu uma lição de moral, sei lá, de mente aberta. Ele aceitou numa boa da mãe ir morar com a Marina. E eu fiquei feliz, porque a gente viu que até as crianças estão nos ensinando a não ter preconceito. A gente adulta tem esse preconceito idiota. A gente tem que aprender a respeitar e aceitar a decisão das pessoas, então esse eu achei legal.

Neste processo, o telespectador pode ser chamado a rever e a atualizar seus valores diante de diferentes dimensões: normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor, da autoridade, da hierarquia enquanto mitos constitutivos do modelo de cultura vigente. Ele se permite hesitar, na hesitação de um personagem, entre dois empregos, entre duas paixões, ou entre dois estilos de vida. (LOPES, 2002, p. 198).

Há uma clara assimilação do merchandising social contra o preconceito, no entanto, o modelo de família heteronormativo predomina, fazendo com que os entrevistados oscilem entre a aceitação das novas formas de família e a negação da flexibilização do modelo padrão.

O discurso dos entrevistados mais novos se mostra menos conservador e trata do assunto com mais naturalidade.

S2: O preconceito de duas pessoas se beijarem do mesmo sexo, eu acho que isso não tem em Guaraqueçaba, pelo menos eu, né.

Cada época apresenta seus conflitos. Muitos deles ainda estão no horizonte social e não foram ainda bem trabalhados nas camadas inferiores da ideologia do cotidiano. Quando o autor/roteirista recolhe temas que ainda estão germinando como inquietações no ambiente social, oferece uma experiência viva, através da narrativa, às mudanças não afirmadas, mas em movimento, fazendo de um esboço uma pintura (MOTTER; JAKUBASZKO, 2007, p. 59-60).

Frente a esse conflito, os jovens consideram como normal, os novos modelos de família. Há, portanto, uma nítida compreensão da telenovela como um instrumento de educação informal. Essa é a temática que se explora no próximo item.

5.4 EDUCAÇÃO

A televisão mostra o que antes as famílias queriam manter (e de fato mantinham) oculto ou pelo menos adiado, ou nem sequer se atreviam a mencionar. (Martín-Barbero; Rey, 1999). Desse modo, a socialização e os processos de maturação dos sujeitos-audiência se encontram fortemente entrelaçados, desafiados, confrontados dentro do que se constitui como uma encruzilhada de calores, atitudes e opiniões que, por sua novidade, se disparam sem direções previstas. (GÓMEZ, 2014, p.49).

A educação se concebe nesse contexto, não como formal, nos padrões normativos, mas considerada de uma forma mais ampla, uma educação que ultrapassa os bancos da escola e se manifesta hoje, em todos os lugares, como afirma Martín-Barbero (2014, p.10), “estamos passando hoje de sociedade com sistema educativo para uma sociedade educativa, cuja rede educativa atravessa tudo: o trabalho e o ócio, o escritório e o lar, a saúde e a velhice.”

Levando em conta essa mudança de paradigma não se pode ignorar a importância dos veículos de comunicação nessa “formação continuada” que se vivencia. Nesse cenário, não somente os novos meios, mas todos os meios, de uma forma ou de outra, colaboram atualmente, com esse novo modelo de educação.

Para apreender o valor “educativo” da novela para essa população em específico, analisaram-se algumas passagens em que o tema foi abordado pelos entrevistados. Apesar de muitos afirmarem que a telenovela nada ensina, nota-se claramente, em vários depoimentos que de modo indireto muitos admitem que aprendem com a telenovela. Outros demonstram temor de que as crianças e adolescentes aprendam “coisas erradas” assistindo aos programas televisivos, em especial, as telenovelas.

Tia: Ah eu não acho que seja muito bom não, porque tem partes das novelas que é muito pesada né, não é pra criança ver, já deixa a criança com a mente aguçada pra saber o que está acontecendo, o que será que vai acontecer, querer experimentar, fazer o que esta passando.

V3: Tem coisas que eles passam da vivência do dia a dia que é pra pessoa entender né, mas tem coisa também que é não é verdade, exagero.

E1: Eu acho que sim, porque eles passam uma realidade pra gente né, porque muitas coisas a gente não imagina que vai acontecer, mas pode acontecer né, muita coisa a gente aprende.

E3: Quando assiste junto a gente ainda explica o que está acontecendo, a gente apronta o erro, aponta o ruim e o bom, né. Pior é quando assistem sozinho que eles levam só para o lado que querem, risos.

N1: Algumas são interessantes, algumas eu acho inapropriadas. Antigamente as crianças dormiam cedo, hoje em dia elas não dormem mais cedo, assistem até essa novela nova das nove que tá passando aí. (Nessa novela) eles falam um monte de palavrão, de coisarada. Até minha filha comenta sobre isso, ela falou assim: Meus Deus, mãe, que absurdo, falarem essas coisas na novela num horário desses, né. Eu disse: Pois é, não é pra vocês assistirem. E ela respondeu: mas a gente tá acordado, vai pra onde? Minha filha vai fazer 11 anos, ela achou um absurdo isso, os palavrão [sic] na novela.

N1: Eu acho que mais deseduca do que educa. Tá tão avançado as coisas ultimamente, né? No tempo do ‘Epa’ não tinha essas novelas tão horríveis. Uma que minha mãe nem deixava assistir novela tão tarde, eu assistia no máximo

quando passava o Jornal Nacional e, pronto, ia pra cama. Hoje em dia não, né? Vá colocar uma criança para dormir às nove horas, ela diz que não está com sono. E daí? Sair pra rua não pode, então fica em casa e assiste a novela, vai fazer o que.

N2: Às vezes, a gente pensa de um jeito, a novela mostra outro jeito pra gente. Então, a gente vê que o lado da gente não é só aquilo, tem outro lado.

Chamou particularmente a atenção, o fato de que a televisão é considerada como um instrumento de educação informal especialmente, no que se refere ao cotidiano, como um parâmetro com potencial para gerar novos comportamentos e valores na prática do dia a dia. Nenhum dos entrevistados fez menção à possibilidade de acesso à realidade e culturas distantes, por meio da televisão com a oportunidade de se inteirar de direitos, ou conflitos não manifestos na realidade local. Provavelmente porque a incorporação da televisão ao cotidiano familiar se refere principalmente, aos conhecimentos práticos, passíveis de incorporação à prática rotineira.

Nesse sentido, a saúde, enquanto um componente central na reprodução da família, temática ventilada ao se referir à novela, embasou uma discussão, apresentada no próximo item.

5.5 SAÚDE – ALCOOLISMO, DOAÇÃO DE ÓRGÃOS, TRANSPLANTE, MAL DE PARKINSON

As referências para tratamento de saúde em Guaraqueçaba, são poucas e precárias.

Atualmente, além de um hospital estadual que mantém um médico plantonista, há um Posto de Saúde, reinaugurado em 2014, depois de três anos de construção. Não existe no município nenhum laboratório de análises clínicas e sem local para realizar qualquer cirurgia, sendo necessário se deslocar a Paranaguá ou Curitiba para esse fim. Da mesma forma, Emergências médicas são encaminhadas para as cidades mais próximas, Antonina ou Paranaguá.

Devido às condições do sistema de saúde local, percebe-se que o atendimento médico se restringe ao básico necessário.

O tema saúde, doação de órgãos, abordado na telenovela “Em família”, foi mencionado poucas vezes. O enfoque, no entanto, foi o personagem e o plano emocional da trama.

V2: Da doação lá, bem emocionante (...) ele indo se encontrar com o filhinho lá do cara. Meu, aquilo foi muito emocionante, achei legal aquela cena lá.

L3: Tem coisas que ela (a telenovela) ensina o lado ruim. Mas tem coisas que ela ensina o lado bom também. Como aquele médico, ensina a fazer mais doação.

G: Eu gosto da trama que envolveu o Cadú, a doença, o transplante. Agora ele já tá bom, procurando namorada.

É provável que a doação de órgãos tenha chamado pouco a atenção dos entrevistados por ser uma questão distante da realidade vivida.

O assunto que mais suscitou comentários em relação à temática saúde foi o alcoolismo de que sofria o personagem Felipe. Embora o problema seja tratado, por vezes, como de ordem moral, de conduta.

M1: Ele não pode voltar a beber. Ele tem que casar, construir uma família. E por aí que caminha a humanidade. Clinicar bem, porque ele era um ótimo médico. A vida das pessoas tem esses deslizes, mas tem que levantar e seguir em frente.

E3: Tem que mostrar que pra erro também tem concerto.

M1: Eu até chorei aquele dia. Ele bêbado, escondendo a garrafa de bebida. Aquilo acontece mesmo na vida real.

Tia: Nessa tem o alcoolismo com o médico e toda droga não deixa de ser um vício, não deixa de ser uma doença, tem que procurar recursos. Muitos tem condições, muitos não.

Nessas falas realça-se, principalmente, a dimensão moral do problema e sua redenção, não se manifesta nenhuma reflexão sobre a questão “como um problema de saúde”. O emocional pauta as observações, embora a novela contextualize a situação como questão de saúde. A única declaração que destoia é a dada por N. Explica-se essa postura por ser uma pessoa que, além de ter escolaridade superior,

tem vivência estendida a Curitiba, por ser aposentada e ter parentes que vivem na capital. Assim, o tratamento do alcoolismo não é uma abstração.

O problema do “Mal de Parkinson” não foi mencionado por nenhum dos entrevistados. Não houve também menção alguma ao personagem Benjamin, que durante a trama passa por várias situações relacionadas à doença, seu desenvolvimento e suas consequências.

Considerando que nem todas as questões tiveram ressonância entre os entrevistados, resolveu-se indagar, diretamente, se no seu entendimento, a realidade da telenovela expressava a realidade de Guaraqueçaba e em que aspecto isso ocorria.

5.6 A VIDA NA NOVELA E A VIDA EM GUARAQUEÇABA

Solicitados a fazer um contraponto entre a realidade apresentada pela telenovela e realidade de Guaraqueçaba, observou-se que a resposta dos entrevistados variava conforme o parâmetro de reflexão no momento da entrevista. Quando o parâmetro eram as relações pessoais, afeto, intrigas, sexo, traição, as respostas normalmente eram que o mostrado na telenovela era igual em todo lugar. Quando o parâmetro remetia à contextualização da trama e as implicações decorrentes de seu desdobramento, a resposta era negativa, como se observa a seguir:

A: Eu acho que não tem nada a ver. Porque é o seguinte: Eles fazem essa novela, eu acho, num lugar bem longe, então não pode passar aqui neste lugar, aqui em Guaraqueçaba.

Vale notar que essa entrevistada nunca viajou para fora do município, portanto, toda sua vivência se concentra em Guaraqueçaba. Além disso, é apenas alfabetizada, sem acesso a qualquer material escrito. Esses fatores imprimem um profundo estranhamento relativo à realidade apresentada na novela, que, além de ocorrer em uma cidade grande, no caso, Rio de Janeiro, retrata predominantemente, a vida da classe média alta.

E1: Ah, é difícil ter alguma coisa parecida com Guaraqueçaba. As famílias, algumas são, algumas mais simples, daí é a realidade de Guaraqueçaba, mas luxuoso assim, não.

Como no caso anterior, E. tem uma vivência restrita fora do município, pois, viajou apenas até Paranaguá. Em termos de escolaridade, frequentou as primeiras séries do primeiro grau. Essas condições limitam suas perspectivas de como incorporar o apresentado.

E2: Eu acho que não. Porque a novela, ela às vezes traz assuntos que não é vivido na vida real. Aquele dia a dia, o nosso dia a dia de Guaraqueçaba é diferente. A gente vive aqui o que a gente é e o que a gente tem. Não é assim uma coisa supérflua, é coisa real. Na novela eles imitam, às vezes, muita coisa que não é realidade, muito bonito e, a vida não é assim, tudo bonito.

Essa entrevistada já morou em Curitiba por alguns anos e estudou até a 4ª série do primeiro grau. Declara gostar mais de ler do que ver novela e sua leitura consiste basicamente, de impressos religiosos. Todo seu discurso é marcado por um padrão ético do dever ser, pautado pelo esforço, trabalho e solidariedade. Quando contrapõe a realidade do município àquela apresentada pela novela, nega a semelhança, mas enfatiza que a idealização novelesca privilegia o supérfluo.

G: Olha, aqui em Guaraqueçaba eu não sei, mas na vida real tem coisa parecida, na vida real acontecem coisas assim, que, às vezes, a novela propõe. Mas aqui em Guaraqueçaba eu não sei se existem casos assim, que se possa comparar com a novela. Guaraqueçaba ainda é uma cidadezinha sem muito... sei lá. Mas não acontecem ainda essas coisas como na novela. Eu não sei nada que possa ser parecido.

Professora aposentada, G. conhece outras cidades, além de Guaraqueçaba, contudo, apenas a passeio. Por ser idosa, mostrou durante todo o tempo, muita preocupação com a violência dos centros urbanos maiores, enfatizando que isso ainda não existia em Guaraqueçaba. Provavelmente, essa foi sua referência ao estabelecer a comparação.

N1: Eu acho que não tem nada a ver. Eu não vi uma cena assim que comparasse. Eu também não posso falar muita

coisa porque eu quase nem saio. Mas, eu acho que não tem nada a ver.

Tendo morado dois anos em Paranaguá e estudado até a 4ª série do primeiro grau, essa entrevistada tem uma experiência de vida que extrapola pouca a vivência em Guaraqueçaba. Na verdade, essa questão parece tê-la deixado insegura sobre o que pensar a respeito.

V3: Tem casos que acontece mas, a agressividade aqui é muito raro. Na novela, muita fofoca, aqui tem muito.

As referências da entrevistada foram a respeito do comportamento cotidiano. Nesse sentido, com uma maior aproximação com a realidade local.

P: Claro que acontece. Eles estão mostrando a vida real na TV. Eles tiram essas histórias baseadas de uma vida real, e aqui acontece também, não é diferente porque é pequeno, acontece também, sexo, drogas, roubo, tudo tem.

M1: Tem né? Para você ver. A vida do médico, aqui também tem essas situações, não médico, mas até médico tem aqui nessa situação. Acontece da gente saber que ele bebe bastante. Casais se separam. Assim como hoje tá acontecendo muito de mulher... Como está acontecendo com aquelas duas.

Essas duas últimas declarações apontam para a perspectiva da telenovela se constituir em um espelho da realidade para a compreensão dos problemas sociais de Guaraqueçaba. É interessante ressaltar que os dois entrevistados mantêm uma relação de parentesco, provavelmente, pertencentes a um grupo, onde se debate a novela e se recria seu sentido.

Assim, o contexto social mais amplo onde se realiza a televidência é um referente fundamental para a compreensão dos sentidos. Esse foi um dos aspectos mais marcantes da discussão em um grupo da telenovela. Uma das mulheres já havia sido entrevistada individualmente, no entanto, quando se achava no grupo, suas observações mudaram sensivelmente de tom. Incorporou experiências de seu passado, contrapondo ao que acontecia na novela e imprimindo sentidos, ausente em sua primeira fala. Evidenciou-se a mudança de papel social o que lhe possibilitou um espaço maior de manifestação. No lar, ela é esposa e mãe, guardiã

da moral e dos bons costumes. Essa situação veda a exposição de aspectos de sua vida que poderiam pôr em cheque sua autoridade.

Da mesma forma, os jovens, quando em casa, se mostraram quase sempre, arredios para exprimir sua visão. Já em grupo, se envolveram na discussão e demonstraram uma perspectiva, por vezes, bastante crítica, o que provavelmente, não seria bem aceito no seio de uma família profundamente tradicional, como a maioria das entrevistadas.

5.7 GRUPO DE DISCUSSÃO – MULHERES

Esse grupo se constituiu de três mulheres na faixa entre 30 e 40 anos. O encontro se deu no dia 23 de junho de 2014, em uma sala, no centro de Guaraqueçaba.

O que se destacou nessa experiência foi a novela que realmente serviu como mediação para pensar na própria experiência de vida. A conversa transcorreu pouco ordenada e as mulheres começaram a contar sobre o seu hábito de assistir à novela, da importância do capítulo final e da expectativa que ele gerava. Ao iniciar a fala sobre a trama, a conversa tomou rumos inesperados quando incluíram aspectos que lhes chamavam a atenção entre os quais aqueles que, de alguma forma, se relacionavam à sua experiência de vida.

A discussão iniciou com ponderações sobre o amor de Luiza por Laerte, ex-namorado de sua mãe. Nesse aspecto, todas expressaram sua discordância:

GE1: Eu acho a história lá do cara que gosta da mãe e da filha. Eu não acho legal o cara namorar com a mãe quando era mais novo e com a filha quando está mais velho. E a filha gostar ainda dele. Eu não acho legal essa parte, parece que não combinou muito, não sei.

GE2: É porque você vê os dois sofrendo, Tanto o amor da mãe que não foi completado, ela não viveu aquele amor completamente e a filha também sofre, porque vê a mãe sofrer. Então ela pode amar ele, mas, ela não é feliz. Porque a gente pode amar uma pessoa e o outro estando infeliz, nunca é completa. O amor não se completa.

GE1: Eu acho que ela [se referindo à Helena] tinha aquele amor recolhido ainda.

GE2: O ruim é que ela escondia. Ela não era amorosa com o marido porque ela estava ligada no outro. Aí ela mentia pro marido e fazia ele infeliz.

GR: Mas ele sabia, ele sofria calado.

GE2: Agora uma coisa interessante: a gente nunca deve casar por pena. Dizem: quem tem pena se depena, e, é verdade. A gente nunca deve casar por pena. Se ama, ama; se não ama, não ama.

Nesse ponto, a conversa se desviou para a experiência da entrevistada GE2, mãe solteira, nova, que casou com um homem 20 anos mais velho, para proporcionar estabilidade para o filho. Ela relata essa experiência acreditando chegar a amá-lo porque cuidava dela e do filho, realça, ao final da história, que cuidou dele até ao fim.

Esse relato causa lembranças na entrevistada GE1, que conta estar casada com um homem 4 anos mais novo. Quando casou já tinha 2 filhos e enfrentou uma séria de resistência e de preconceito. As duas ficavam envergonhadas de sair na rua com os respectivos maridos, a primeira, porque todos observavam que ele poderia ser seu pai, a segunda, porque perguntavam se ela iria criá-lo. Essas considerações levaram o grupo a refletir sobre o preconceito social. Os relatos desembocaram na contradição entre gerações quando os filhos sentem vergonha de sair acompanhados dos pais.

Por meio da telenovela, o homem pode desenvolver novas sensibilidades que o ajudem a interpretar o social e a realidade na qual está inserido, bem como organizar sua própria vida. Ela possibilita, portanto, que experiências “reais” sejam vividas, nos permitindo dizer que a telenovela, assim, como muitas outras obras – é uma ficção real. Uma afirmação que, apesar de contraditória, acreditamos consiga resumir o modo a partir do qual pensamos esse produto midiático (TONDATO, ABRÃO, MACEDO, 2013, p. 153).

No contexto da discussão, as entrevistadas trouxeram à tona a questão da telenovela expressar a vida real e servir como exemplo para se orientar no concreto.

GR: As coisas da novela acontecem na realidade. A realidade é que está lá.

GE2: A gente não pode se inspirar na novela porque a gente sabe que novela é tudo de mentirinha.

GE1: Mas muita coisa acontece. O que passa na novela acontece na vida real.

GR: Mas algumas coisas eles mudam, o cenário, tem algumas coisas que não é realidade.

GE2: Eu acho que a vida nas novelas é uma vida mais... Não é uma vida tão sofrida. Não é uma vida de trabalho.

GE1: É tudo fictício, tudo de mentirinha.

GE2: É. Então é por isso que é difícil comparar a vida da novela com a vida aqui em Guaraqueçaba. Porque essa vida a gente vive a realidade dela e lá é montagem. Ah, problemas tem, tanto na novela quanto na vida, sem problemas é impossível sobreviver.

As entrevistadas oscilam, marcam os pontos em comum e os diferentes entre a telenovela e a vida. Os contrastes são pontados no sentido de que na novela as situações se desenrolam sempre de uma forma mais “bonita”. Ainda assim, evocam a novela para se referir a outros problemas existentes na família, como o alcoolismo. Uma das entrevistadas contou a experiência de alguém da família que era viciado em crack e foi internado à força em um hospital psiquiátrico. Passou por um processo difícil e hoje está recuperado.

Essa foi a tônica da discussão desse grupo, quando a novela serviu de espelho para uma reflexão sobre a própria vida, ainda que de forma distorcida e não tão “bela”.

5.8 GRUPO DE DISCUSSÃO: JOVENS

Esse grupo se compõem de 7 jovens, entre 12 e 20 anos: 4 meninos e 3 meninas e um professor de história, que orienta o trabalho da equipe. Eles desenvolvem atividades de recuperação e valorização da cultura caiçara, com especial ênfase no fandango.

O fandango é uma música/dança típica do litoral do Paraná e Santa Catarina. A música é tocada em rabecas, fabricadas em Guaraqueçaba pelos antigos mestres do fandango. Na dança, as meninas vestem saias rodadas e coloridas e todos calçam tamancos. As festas de fandango aconteciam, tradicionalmente, após uma colheita, depois do mutirão, o dono da casa oferecia uma festa onde se executava essa música e todos dançavam.

É, portanto, um grupo que discute regularmente a questão da cultura local, as interferências externas, através, principalmente, dos meios de comunicação. Dessa forma, o questionamento dos meios de comunicação de massa integra a prática desse grupo.

Após uma conversa prévia, depois da exposição dos objetivos da pesquisa, dispuseram-se participar. A reunião aconteceu em um espaço na casa do professor, no dia 02 de agosto de 2014, portanto, logo após o término da novela “Em família”.

A conversa iniciou ao indagar se haviam assistido à referida novela e qual a sua opinião sobre ela. Os jovens, em geral, disseram não ter gostado da telenovela. Segundo eles, a representação de família não correspondia à realidade, ou não correspondia ao modelo de família que deveria ser divulgado.

GM: Essa novela “Em família”, quando a gente analisa é mais discussões do que outra coisa, mais problemas do que outra coisa.

GL1: Eu acho que na vida real nossas famílias vivem um cotidiano de muitas discussões. É que as novelas estão apoiando a diversificação das coisas.

A discussão se encaminhou nesse sentido, pontuando que, embora existam discussões e problemas nas famílias não é o que as telenovelas deveriam mostrar porque estimulariam o comportamento de aceitar esse ambiente como é normal. Relataram ainda, que as práticas ilícitas quando praticadas nas famílias ganham um peso, particularmente, grave.

GL2: Agora pense, um cara que é acostumado a roubar, desde criança, ele vê um cara roubando do irmão dele lá na novela; o irmão dele tem dinheiro, ele não tem. Ele vai lá e rouba, com a maior naturalidade e não se arrepende por causa disso.

As diferentes falas apontam para o conceito que a família tem enquanto referência para esse grupo, considerado um local que, mesmo os transgressores, deveriam respeitar. A novela estaria violando esse princípio.

A avaliação da apresentação da homossexualidade na novela reflete o conflito de parâmetros vivenciado pelos jovens.

GM: Eu achei nada a ver ela (Clara) ter deixado o marido e ficado com ela (Marina). Porque ela tinha até um filho com ele.

GM: Mas ela gostava mais dele. Mas aí ela foi dando em cima dela.

GA: Não que eu apoie, até por causa da religião e essas coisa tudo. Mas se você não apoia uma coisa não precisa discriminar, xingar. Tem que aceitar.

GL1: Tem que aceitar uma coisa que a sociedade está impondo. Porque antigamente a mulher não tinha senso de opinião. Era como se fosse mulher de mágico. Eles estão tentando progredir os direitos. Eles estão tentando colocar mulher com mulher, homem com homem pra dar um tipo de harmonização entre mulher e homem. Porque antigamente tinha muita briga entre os hetero e os homossexuais. Eu acho que a TV está apoiando eles pra dar uma aliviada.

GM: Acho que como aceita o direito de ser homossexual tem que aceitar o nosso direito de não ser, entendeu? Parece que agora todo mundo tem que aceitar e se ajoelhar no pé do homossexual, entendeu? Acho que tem que respeitar a gente que não acha legal.

As falas explicitam o conflito de parâmetros que norteia a construção da identidade social desses jovens: de um lado, consciência dos conflitos que emergem frente às novas reivindicações sociais, de outro, as referências domésticas e religiosas profundamente conservadoras.

Uma alusão que não havia aparecido em nenhuma entrevista anterior chamou particularmente a atenção – a crítica às novelas em relação à construção do pobre.

GL1: Como eu falei antes, eles não levam em consideração a classe social da pessoa. O pobre ele não tem direito, eles

satirizam. O rico ele pode ser bonzinho ou malvado mas, o pobre, ele fica olhando com aquela cara de que falta intelectual, que não sabe de nada. Isso eu acho uma... Que termo eu poderia usar?

GD: Uma sacanagem, é o melhor termo que você pode usar.

GL1: Uma sacanagem porque eles não estão vendo o ponto verdadeiro dos pobres, eles estão satirizando tudo.

GL2: E na maioria das novelas que eu vi, quando eles querem falar de pobre é nas favelas. Coisa que não acontece porque não é todo pobre que mora em favela.”

Menina 2: E todo pobre tem que roubar, parece. Tem muito pobre justo. Aqui em Guaraqueçaba pobre não precisa roubar.

A ênfase nessa questão mostra que esses jovens não se sentem representados pela telenovela, ao contrário, sentem-se depreciados pela forma como os “pobres” são concebidos.

No entanto, isso não impede que acompanhem as telenovelas e que admitam, com alguma resistência, pautar seus gostos de consumo por aquilo que ela apresenta.

GM: Uma das coisas que eu acho que foi mais marcante na novela foi o esmalte azul da... Trazia esmalte azul. A gente saía procurando, eu quero esse tipo de esmalte. (risos) As roupas, voltando tudinho, coisa que dizia que é de velho, agora tem muito jovem usando.

GL2: Esse óculos (que um dos meninos usava), óculos que dizia que era de velho, agora está todo mundo usando.

Assim, embora reafirmando sua diferença em relação à maioria dos jovens, que não se envolvem em atividades culturais, que permanecem passivos diante da televisão, esse grupo, embora se encontre em uma prática de reflexão e criação, capitula frente aos chamamentos de consumo veiculados pela telenovela. Sua percepção, claramente, combina paradigmas contraditórios.

Ou seja, estamos diante de um sujeito cuja autoconsciência é enormemente problemática porque o mapa de referências de sua identidade já não é um

só, os referentes de seus modos de pertencimento são múltiplos e, portanto, é um sujeito que se identifica a partir de diferentes âmbitos, com diferentes espaços, trabalhos, gostos, estilos de vida. Hoje nos deparamos com um sujeito muito mais frágil, mais quebrado e, entretanto, paradoxalmente muito mais obrigado a se assumir, a se responsabilizar por si mesmo, em um mundo onde as certezas tanto no plano do saber como no plano ético ou político são cada vez menores (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 1310).

Os jovens, em Guaraqueçaba, mais do que qualquer outro segmento social entrevistado, apresentam o que Martín-Barbero denomina de autoconsciência problemática. Oriundos de núcleos familiares conservadores, profundamente envolvidos em uma educação religiosa, se confrontam com uma sociedade em que essas referências se desarticulam devido às novas demandas sociais, esgarçamento que penetra sua vida e a reconfigura através da televisão, em particular, da telenovela.

5.9 APONTAMENTOS GERAIS

A pesquisa realizada mostrou que no processo de interação dos entrevistados com a telenovela, um dos elementos de maior relevância, enquanto mediador é a família. A referência do grupo familiar tradicional, reforçada pela presença significativa da religião, configura um quadro que tensiona a relação desse grupo com as transformações sociais que adentram seus lares através da telenovela. Esse tensionamento aumenta com a ênfase a questões sociais e com implicações de questionamento da moral tradicional. Nesse sentido, a telenovela, local para manifestações que abrem espaço na mídia, foi introduzida muitas vezes, com desconfiança e certo temor.

Dumont, ao se posicionar em relação à elaboração da telenovela diz:

Aprendi, na lida exaustiva de criar histórias e produzir conflitos capazes de prender a audiência, que a telenovela não pode, seja qual for o tema que aborde, assemelhar-se a uma defesa de tese, sob pena de correr o risco de ser rejeitada por seus receptores. (DUMONT, 2004, p.113).

Como já se disse exaustivamente no decorrer deste trabalho, a intenção do produtor não corresponde necessariamente à leitura do receptor. No caso do homossexualismo, veiculado pela telenovela “Em família”, reitera sua presença já marcada em novelas anteriores, é interpretado, por alguns dos entrevistados, como “uma desagradável defesa de tese”. Ao mesmo tempo, a novela apresenta, através

da apresentação de comportamentos sociais preconceituosos, a clara mensagem de que o preconceito não é aceitável socialmente. Essa mensagem, apreendida pelos entrevistados, tem como consequência o conflito entre o comportamento devido e a aceitação efetiva.

A flexibilização dos papéis na família é outra área de tensão. A percepção que as certezas decorrentes de um modelo estável e hierarquizado de família desaparecem na realidade retratada pela novela, embora permaneça como ideal cada dia mais distante para os entrevistados.

Em síntese, é possível dizer que a interação dos entrevistados com a telenovela aponta para a entrada da modernidade num espaço em que o tradicional dá as regras do jogo. É nesse espaço de tensão que provavelmente, esse grupo constrói a realidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Guaraqueçaba é um município que tem sua estruturação histórica relacionada às atividades econômicas tradicionais do setor primário – a pesca e a agricultura. Entretanto, no início de 2015, essas atividades encontram-se bastante enfraquecidas, não se constituindo mais em fonte de subsistência suficiente para as famílias. Esse fato impacta não apenas na estrutura econômica do município, mas na organização das famílias e dos valores que sempre as nortearam.

Nas atividades de pesca e da agricultura, a família se constituía em uma unidade produtiva, sob a liderança do homem. A divisão do trabalho correspondia ao potencial da mão-de-obra dos seus componentes, segundo as possibilidades de cada um, condicionadas pela idade e sexo. O homem liderava o processo, auxiliado, muitas vezes, pela mulher, e com o apoio dos filhos. O enfraquecimento dessas atividades, a emergência do turismo - ainda que incipiente no município - altera essa lógica de organização familiar. A mulher se incorpora ao mercado de trabalho e exerce atividades tradicionalmente afetas ao sexo feminino, como limpar e cozinhar.

A partir da década de 1970, a televisão se incorporou, lentamente, ao cotidiano dos moradores de Guaraqueçaba. Ela trouxe novos padrões de comportamento, valores e aspirações.

Martín-Barbero (2014), ao discutir a educação formal em um contexto abarcado pelos meios de comunicação, faz a seguinte afirmação:

Ao mesmo tempo, os meios audiovisuais constituem um novo e poderoso âmbito de socialização (Bell, 1987; Maffesoli, 1990), isto é, de elaboração e transmissão de valores e pautas de comportamento, de padrões de gosto e de estilos de vida, reordenando e desmontando velhas e resistentes formas de intermediação e autoridade que configuravam até pouco tempo o estatuto e o poder social da escola (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 65).

É possível que esse novo âmbito de socialização impacte igualmente a família, enquanto espaço de configuração de valores, atitudes e autoridade legitimada.

A entrada da televisão em Guaraqueçaba se dá, trazendo como programação preferencial dos moradores, a telenovela, fato apontado e reiterado em diversas entrevistas. Esse tipo de programa corresponde a uma necessidade de

lazer, aliada à atualização, pensada como forma de contatar um mundo diferente daquele vivido no cotidiano e ao mesmo tempo, cada vez mais presente.

As narrações televisivas parecem corresponder a uma necessidade difusa e universal de ouvir e de ver. Criam e articulam temas e interesses fortes – elementares, básicos, ou melhor, primários, da vida cotidiana, do estar no mundo: o bem e o mal, o amor e o ódio, a família, a amizade, a violência, a justiça, a doença e a saúde, a felicidade e a desgraça, os sonhos e os medos -, mas que não se confundem nem com uma rudeza de estruturas narrativas nem com uma pobreza de significados simbólicos e culturais (LOPES, 2004, p.130).

A telenovela é incorporada ao cotidiano dessa população, se integrando às formas de organização social e familiar. As extensas famílias, compostas por diferentes gerações que se agregam em espaços próximos, tornam-se o local preferencial para discutir e resignificar as mensagens veiculadas pela telenovela. A partir daí, elas invadem os diferentes espaços sociais – escola, trabalho, bares e até as igrejas, agregando novos sentidos.

No contexto de uma população com limitadas condições de consumo cultural, baixos níveis de rendimento, reduzida escolaridade, difícil acesso a outros meios de informação, a telenovela se constitui em um instrumento que viabiliza o contato com outras realidades e outros parâmetros culturais. A linguagem coloquial da telenovela torna-a acessível e atrativa.

Ao mesmo tempo, ela provoca a incorporação de outros meios de comunicação, particularmente, o celular e o computador. É interessante observar que o celular, em Guaraqueçaba, em alguns bairros, corresponde menos à função de facilitador da comunicação e mais à incorporação de um artefato que imprime a marca de modernidade. Mesmo em alguns bairros, não havendo sinal de celular, é possível encontrar pessoas portando aparelhos para ouvir música, muitas vezes. A moda é absorvida igualmente pelas telenovelas, principalmente, entre a juventude. Como observou uma das entrevistadas, quando uma das personagens da novela “Em família” usou esmalte azul, imediatamente, as moças sentiram a necessidade de utilizar uma cor semelhante em suas unhas. Contudo, se a incorporação dos padrões atuais no vestuário, na aquisição de equipamentos, encontra um obstáculo objetivo, tanto pela limitação do mercado local, quanto pelo baixo poder aquisitivo da população, o mesmo não ocorre com a assimilação de novos valores e atitudes. Constata a preocupação reiteradamente manifesta pelos pais e mães de família,

independente da sua faixa etária. Há a consciência de que a telenovela é uma “escola da vida”.

Isso significa que pela própria natureza da linguagem da telenovela e do funcionamento do imaginário (Morin, 1969), a telenovela apresenta-se como uma “ação pedagógica implícita e espontânea ativada pela correspondência entre o habitus do mundo narrado e o vivido (Bourdieu, 1975). Entretanto, no decurso de seu desenvolvimento, a telenovela passou a incorporar uma “ação pedagógica explícita” que se apresenta de forma deliberada e cujo discurso traz explicações, conceituações e definições, enfim, forma opinião acerca dos temas sociais abordados. Essa enunciação explícita e deliberada da narrativa encontra apoio nos dispositivos da “imaginação melodramática” e da “estética do excesso” (Brooks, 1995) e na dimensão moral e pedagógica do melodrama (LOPES, 2009, p. 33).

As entrevistas em relação à televisão, particularmente sobre a novela “Em família”, tornaram clara a percepção dos entrevistados da presença dessa programação no comportamento da população, não apenas no caráter pedagógico como também, na consciência.

A partir daí, se configura uma profunda preocupação com a influência da televisão, principalmente, no comportamento dos jovens. Ela se direciona, tanto às questões morais, norteadas por princípios tradicionais, quanto pela prematura sensualização do comportamento dos jovens.

Chamou a atenção o fato de que se por um lado, se preocupam com os jovens, que, ao assistir cenas de amor e sexo, naturalizam esses comportamentos, por outro, existe uma efetiva iniciação precoce dos jovens na vida sexual, assumindo, inclusive, desde muito cedo, o papel de pais. Entre as entrevistadas, uma, se casou aos treze anos, outra, teve filho aos 14 e uma terceira, durante o período em que se realizou esta pesquisa, uma filha de 14 anos foi morar com um rapaz bem mais velho. Ao que parece, esse comportamento incorpora a cultura dos entrevistados. Contudo, não incorpora de forma tranquila. Há um tensionamento entre o ser e o dever ser, este norteados principalmente, por princípios religiosos.

A entrevistada que teve filho aos 14 anos explica a gravidez precoce pela falta de orientação em casa. Segundo ela, seus pais eram extremamente conservadores e não permitiam qualquer assunto relacionado ao sexo. Sua desinformação teria sido a razão dessa situação.

A entrevistada que se casou aos 13 anos o fez para fugir do exacerbado controle paterno, ignorando que cairia em uma relação em que novamente, seria alvo de controle e repressão.

Aquela entrevistada, cuja filha foi morar com um rapaz aos 14 anos e estava descontente com o fato, atribuía a responsabilidade ao marido, que achava isso normal. Do seu ponto de vista, a expectativa era a de que a menina estudasse, tivesse uma profissão, construindo uma perspectiva futura melhor do que a sua. Aliás, essa era a ótica de todas as entrevistadas que abordaram o assunto.

Observou-se que a televisão e particularmente, a telenovela, ao apresentar mulheres desempenhando outros papéis sociais que não os tradicionais, de esposa e mãe, criaram paradigmas para que as mulheres revissem seus papéis, enquanto participantes do processo social. Embora a telenovela questione valores tradicionais, repelindo muitas vezes, esses conteúdos, ela se articula aos conflitos sociais existentes, ressignificando-os.

Dada à ação pedagógica explícita das telenovelas (LOPES, 2009), percebe-se que o gênero pauta e direciona discussões ausentes no cotidiano de Guaraqueçaba. Convém lembrar que, por ser um município restrito e relativamente isolado, Guaraqueçaba não agrega movimentos sociais das “minorias”, como o movimento contra o racismo, homossexual ou feminista. Ainda assim essas questões, hoje, fazem parte do universo das conversas e discussões de seus moradores. Esses diálogos, normalmente, se referem a posturas consideradas “politicamente corretas”, veiculadas pelas telenovelas. Desse modo, quando os entrevistados se referiam à homossexualidade era constante a observação “não se deve ter preconceito”, ainda que tal comportamento evidentemente, não era aceito socialmente em Guaraqueçaba.

Uma última observação é necessária em relação à identidade local em contraponto à realidade mostrada pela telenovela. Nesse sentido, as observações se nortearam ao estabelecer uma relação dicotômica entre tradicional – moderno, agitado – calmo, moderno – tradicional, simples – sofisticado, violento – com quase ausência de violência e rico – pobre. Entre os mais velhos, a tônica quase sempre recaía sobre os aspectos positivos ao afirmar que, diferente do que se via nas novelas, Guaraqueçaba era ainda um município pacato, com baixos índices de violência, local em que as pessoas se conheciam e não precisavam, portanto, ter desconfiança e medo.

Entre os jovens, a tônica da relação: rico – pobre, leva-os a uma severa crítica das telenovelas. Elas estariam caricaturando a imagem do “pobre”, apresentando-o como ignorante, preguiçoso e ladrão. Em contrapartida, elas

reafirmam os valores morais que norteiam a prática social dos “pobres”, particularmente em Guaraqueçaba. É importante lembrar que o grupo entrevistado é formado por jovens que integram um movimento de recuperação e valorização da cultura local, que eles, orgulhosamente, chamam de “cultura caiçara”. Portanto, a principal mediação não é a faixa etária, mas, essa prática cultural que os abastece de parâmetros que não estão presentes na sociedade de forma dominante. De qualquer modo, a interação com a televisão e com distintas realidades funciona, ao que parece, como um elemento de reforço e reativação de uma identidade local.

Finalmente, observa-se que a telenovela representa, não apenas um instrumento de educação informal incontestado, mas também, que a apreensão do processo de comunicação só se dá, de fato, quando se busca captá-lo em sua interação com a realidade cultural na qual ele se realiza e é resignificado.

Essas observações, de caráter parcial refletem os limites, principalmente, da pesquisa de campo. Na impossibilidade de se realizar um estudo etnográfico, a observação da cultura e, portanto, das mediações, foi limitada. Ainda assim, as entrevistas, apoiadas na pesquisa quantitativa realizada anteriormente, permitiram o delineamento da realidade dessa população que vive tão próxima dos centros urbanos mais dinâmicos e ao mesmo tempo, tão distantes dos acontecimentos que marcam a dinâmica nacional. Uma realidade que se processa em outro tempo, atravessada pelos tempos atuais que a penetram, especialmente, através da televisão. Acredita-se que os apontamentos desta pesquisa sirvam de pistas para o desenvolvimento de estudos posteriores, não apenas em Guaraqueçaba, mas nos diferentes locais deste país, repleto de diferenças e contradições.

REFERÊNCIAS

- ALVAR, J.; ALVAR, J. **Guaraqueçaba: mar e mato**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1979.
- BACCCEGA, M. A. A construção do campo comunicação/educação: alguns caminhos. **Revista USP**, São Paulo, n. 48, p. 18-31, 2000. Disponível: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32888/35458>>. Acesso em: 08/08/2014.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.
- CANCLINI, N. **Diferentes, Desiguais e Desconectados: Mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- _____. **Consumidores e Cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização**. 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006a.
- _____. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006b.
- COLLING, L. Personagens Homossexuais nas Telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. **Revista Gênero**., Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 207-222, 2007. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0CC4QFjAC&url=http%3A%2F%2Fwww.politicasdocus.com%2Findex.php%2Fdownloads%2Fcategory%2F1-artigos%3Fdownload%3D13%3Apersonagens-homossexuais-nas-telenovelas-da-rede-globo-criminosos-afetados-e-heterossexualizados&ei=fkcGVYaZJISmgwS3z4CgCA&usg=AFQjCNHMhJeR5eK_z46LxfV03KPFbmGhLQ>. Acesso: 03/08/2013.
- DALMONTE, E. F. Estudos culturais em comunicação: da tradição britânica à contribuição latino-americana. **Revista Idade Média**, São Paulo, n. 2, p. 67-90, 2002.
- ESCOSTEGUY, A. C. **Cartografias dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica. 2001.
- _____. Circuitos de Cultura/Circuitos de Comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 115-135, 2007.
- _____. **Cartografias dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica. 2001.
- FUENZALIDA, V. Educação para a comunicação televisiva. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 2, p. 73-84, 2012.
- GÓMEZ, G. O. **Televisión y Audiencias: Un enfoque cualitativo**. Madrid: Ediciones de La Torre, 1996.

_____. **Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania.** São Paulo: Paulinas, 2014.

GÓMEZ, G. O.; REYES, R. G. **Una coartada metodológica. Abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios y audiencias.** México: Editorial Tintable, 2011.

HAMBURGER, E. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: SCHWARCZ, L.,M. (Org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes e intimidade contemporânea.** 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. Telenovelas e Interpretações do Brasil. **Revista Lua Nova**, São Paulo, n. 82, p. 61-86, 2011.

_____. **O Brasil antenado: a sociedade da novela.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

IPARDES. **APA de Guaraqueçaba: caracterização sócio-econômica dos pescadores artesanais e pequenos produtores rurais.** Curitiba: IPARDES, 1989. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/apa_guaraquecaba_01_89.pdf>. Acesso em: 03/06/2014.

_____. **Diagnóstico ambiental da APA de Guaraqueçaba.** Curitiba: IPARDES, 1995. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/diag_apa_guaraquecaba_texto_2_95.pdf>. Acesso em: 03/06/2014.

_____. **Zoneamento da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba.** Curitiba: IPARDES, 2001. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/zoneamento_apa.pdf>. Acesso em: 03/06/2014.

LOPES, M. Narrativas Televisivas e Identidade Nacional: O caso da telenovela brasileira. **INTERCOM – XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Salvador, 2002.

_____. (Org.). **Telenovela: internacionalização e interculturalidade.** São Paulo: Loyola, 2004.

LOPES, M.; BORELLI, S.; RESENDE, V. **Vivendo com a Telenovela: Mediações, recepção, teleficcionalidade.** São Paulo: Editora Summus, 2002.

MALCHER, M.A. A memória da telenovela: legitimação e gerenciamento. São Paulo: Alexa Cultural, 2003.

MARTÍN-BARBERO. J; REY, G. **Los Ejercicios del Ver: hegemonia audiovisual y ficción televisiva.** Barcelona: Gedisa, 1999.

_____. **Ofício de Cartógrafo: Travessias latino-americana da comunicação na cultura.** São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

_____. **A comunicação na Educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MOTTER, M. L. A telenovela: documento histórico e lugar de memória. **Revista USP**, São Paulo, n. 48, p. 74-87, 2001. Disponível: <<http://www.usp.br/revistausp/48/07-marialourdes.pdf>>. Acesso: 09/06/2014.

MOTTER, M. L.; JAKUBASZKO, D. Telenovela e realidade social: algumas possibilidades dialógicas. **Revista Eca**, n. 1, 2007. Disponível: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37619/40333>>. Acesso em: 09/10/2014.

OLIVEN, R. G. Cultura Brasileira e Identidade Nacional (O Eterno Retorno). In: MICELI, S. (Org.). **O Que ler na ciência social brasileira**. São Paulo: ANPOCS, 2002.

ORTIZ, R. A Moderna Tradição Brasileira: Cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ORTIZ, R. CULTURA BRASILEIRA E IDENTIDADE NACIONAL. São Paulo: Brasiliense, 1998.

RIBEIRO, A P. G.; SACRAMENTO, I.; ROXO, M. HISTÓRIA DA TELEVISÃO NO BRASIL: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010.

TÁVOLA da. A. A telenovela brasileira: história, análise e conteúdo. São Paulo: Globo, 1996.

APÊNDICE I - QUESTIONÁRIOS

Questionário N° _____

Número	Nome	Parentesco	Idade	Sexo	Naturalidade	Trabalho	Estuda?	Escolaridade	Mora na casa	Religião
01										
02										
03										
04										
05										
06										
07										
08										

Renda:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____

Moraram fora de Guaraqueçaba/ Onde/ Tempo:

Número	Local	Tempo

Viajou para Fora de Guaraqueçaba:

Número	Local

Moraram fora de Guaraqueçaba/ Onde/ Tempo:

Número	Local	Tempo

Viajou para Fora de Guaraqueçaba:

Número	Local

Hábitos de Consumo Cultural da Família:

Hábitos de Lazer:

Número	Hábitos
01	
02	
03	
04	
05	
06	
07	

Assiste TV regularmente, o que costuma assistir?

Número	
01	
02	
03	
04	
05	
06	
07	

Assistiram a novela “Amor à Vida”

Número	sim	não
01		
02		
03		
04		
05		
06		
07		

Alguém que não mora na residência costumava assistir a novela com vocês? Caso sim, quem?

Alguém da família mora fora de Guaraqueçaba por motivo de trabalho ou estudo? Quem? Quando saiu?

Recebe algum benefício do governo? Se sim, qual?

Tem computador em casa? E acesso a Internet?

APÊNDICE II – ENTREVISTAS

(ENTREVISTA A.)

A senhora costuma assistir novelas?

A.: Costumo sim.

A senhora assiste novela desde quando?

A.: Desde que eu tenho a minha televisão.

Faz tempo?

A.: Faz uns 16 anos.

A senhora gosta de assistir todas as novelas? De todos os canais?

A.: Não quando me dá sono eu não assisto, quando me dá eu não assisto. (risos)

Mas a senhora assiste de todos os canais, Record, Globo?

A.: Não.

Só da Globo?

A.: Aham.

E a senhora gosta mais das novelas da Globo, por que?

A.: Porque tem bastante gente, eles começam a conversar e tudo né, daí tem o casamento dele tem um tudo.

E as outras a senhora não gosta muito?

A.: Não, daí me dá o sono e eu vou dormir e pronto. (risos)

E a senhora assiste todas as da Globo, as das seis, da sete, das nove?

A.: Não, só as da nove.

Essa que está passando agora, “Em Família” a senhora esta assistindo?

A.: Só esse.

O seu filho assiste com a senhora?

A.: Não, só eu sozinha, por que ele sai e eu fico sozinha né.

E ninguém vem assistir com a senhora?

A.: Não, eu fico sozinha.

E o que a senhora acha dessa novela que está passando agora?

A.: Agora que eu não sei o que vou dizer para você.

Mas a senhora esta gostando?

A.: Tô gostando da novela.

De tudo, ou tem alguma coisa que a senhora não gosta muito?

A.: Só das briga que eles fazem, a gente não tá gostando daquilo né, já passa outra parte.

E das novelas que a Senhora assistiu qual mais gostou?

A.: Eu to gostando daquela novela das duas horas (Vale a Pena Ver de Novo), aquela tá bom.

E as anteriores?

Sabe agora que você me pegou, depois que me deu esse negócio na cabeça aí, eu esqueço, nem me lembro mais.

A senhora acha que a novela trata de assuntos importantes, interessantes?

A.: Acho que sim né.

A senhora aprende com a novela?

A.: Não.

Seus filhos quando eram pequenos assistiam novela com a Senhora?

A.: As meninas quando eram pequenas ficavam dentro de casa para assistir, depois que saíram tudo, foram tudo embora.

Então as crianças assistiam com a senhora?

A.: As crianças assistiam.

A senhora acha que não tem problema as crianças assistirem novela?

A.: Não, depois casaram, foram embora, fiquei sozinha, fiquei só com o Chaleira e o Pedrinho só.

Tem alguma coisa na novela que a Senhora acha que não deveria passar?

A.: Tem horas que eles passam lá aquelas putarias, aquelas coisarada, aí eu já não gosto, eu desligo. Isso aí que não podia passar mesmo né.

A senhora gosta de assistir pra ver coisa bonita né?

A.: Isso, as praias, mas passam coisas que não devem né.

E a senhora acha que as coisas que aparecem na novela, parece com a vida aqui de Guaraqueçaba? Por que?

A.: Acho que não. Por que é o seguinte, eles fazem essa novela eu acho, num lugar bem longe, então não pode passar aqui nesse lugar, aqui em Guaraqueçaba né.

Então a senhora acha que não nada a ver?

A.: Não tem nada a ver, bem isso, é tudo diferente. Aquilo lá é só negócio de novela.

(ENTREVISTA E1.)

E1, você gosta de assistir novela né?

E1: Gosto.

E você assiste novela desde quando, faz tempo?

E1: Faz.

O que você acha das novelas?

E1: Tem algumas que é boa né, tem algumas que é muito pesado pra criança, daí já não deixo os meus filhos assistir.

E a última que passou as nove, Em Família, você assistiu?

E1: Assisti.

E o que você achou dela?

E1: Boa ela, eu gostei.

Tinha alguma coisa que você gostava mais, um personagem?

E1: Eu gostava da Chica, que era a mãe e juntava todos os filho né.

Tinha alguma coisa que você não gostava?

E1: Ah eu não gostava do Laerte, o jeito dele assim queria tudo para ele, só pra ele.

E dessas últimas que você assistiu, qual você mais gostou?

E1: Eu gostei daquela que tinha o Félix, Amor à Vida.

E o que você gostava dela?

E1: Ah, eu gostava do hospital, todo mundo unido ali, tinha o hospital deles, daí tinha a casa deles, com a mãe deles lá, eu tinha muita pena dela, a história do filhinho dela que se afogou, aquilo mexeu muito com a gente.

E tinha alguma coisa que você não gostava?

E1: Não, eu gostei da novela, não tinha o que não gostei.

E você deixou as crianças assistirem essa última novela contigo?

E1: Deixei sim, nessa não tinha problema.

E o que você acha que tem problema as crianças assistirem?

E1: Essas coisas de luta, de tiro, essas coisas assim que daí eu não gosto muito.

Alguma vizinha, amiga, vem assistir a novela com você?

E1: Não, assisto eu e as crianças.

E você acha que as novelas tratam de assuntos importantes?

E1: Tem por que, algumas histórias que a gente vê na realidade pode acontecer, igual aconteceu da Branca lá que morreu o menino dela na piscina né, uma coisa que pode acontecer, igual eu estava conversando com a minha mãe esses dias do Laerte né, quis a mãe daí fazia tudo aquilo para a mãe, tinha ciúmes demais da mãe, daí foi pra filha, ficou aquele monte de ciúmes também, a mesma coisa, nós estava falando isso esses dias, eu com a minha mãe aqui.

E você acha que esses assuntos são importantes para você? Para as pessoas que assistem?

E1: Eu acho que sim, porque eles passam uma realidade pra gente né, porque muitas coisas a gente não imagina que vai acontecer, mas pode acontecer né, muita coisa a gente aprende.

E você acha que pode mudar sua opinião sobre alguma coisa assistindo a novela?

E1: Pode sim, mas eu acho que não mudei, que nem aqui na nossa cidade a gente não tem esse negócio de gay né, agora tem unzinho assim né, mas assim mulher com mulher não tem né, mas agora assim a gente vendo a novela a gente aprende que tem que aceitar uma coisa né. Eu acho que essas coisas a gente aprende mais vendo a novela, que nem no nosso lugar não tem essas coisas assim, mas daí a gente vai aprendendo que tem que aceitar essas coisas né.

Você acha que a realidade que eles mostram na novela é muito diferente da realidade de Guaraqueçaba?

E1: Ah é difícil ter alguma coisa parecida com Guaraqueçaba.

E você já viu alguma outra coisa nas novelas que você nunca tinha visto em Guaraqueçaba?

E1: Que eu me lembre assim não.

E você acha que o dia a dia que eles mostram na novela, as famílias, são parecidas com a vida em Guaraqueçaba, com as famílias daqui?

E1: Algumas são, algumas mais simples, daí é a realidade de Guaraqueçaba né, mais luxuoso assim não.

E você procura informações sobre a novela em outros lugares?

E1: Não, só assisto a novela mesmo. A minha filha procura na internet, ela diz mamãe vou ver o que vai passar na novela amanhã.

A filha da entrevistada, Jennifer, tem 14 anos e participa do Museu Vivo do Fandango, onde os adolescentes realizam oficinas de teatro, dança, música e confecção de bonecos para serem usados nas peças.

(ENTREVISTA E2.)

Costuma assistir novela desde quando?

E2: Desde meus 18 anos acho, quando eu tenho tempo, assim quando eu estou em casa.

O que você acha das novelas, elas tratam de assuntos interessantes ou não?

E2: Bem, até um tempo atrás as novelas eram bem interessantes, eu achava, no meu ponto de vista que elas traziam uma experiência de vida pra gente, a gente tirava pra gente no dia de hoje; mas hoje eu acho que a novela, esse é o meu ponto de vista, eu acho que a novela hoje esta sendo muito vulgar eu acho, principalmente para os filhos de menor assim, eu acho que elas não estão sendo assim uma novela educativa eu acho que elas estão sendo meio ousadas.

O que você gosta de assistir nas novelas?

E2: Bom, quando a novela trata de assunto mais familiar, mais conselhos para os filhos, o que eu admiro mais quando o casal se respeita muito, tem aquela parceria, aquele cuidado, isso eu acho legal.

Tem alguma que você tenha gostado?

E2: Olha já teve, lá atrás, mas agora para mim lembrar tá difícil, o nome os autores, então já faz tempo que já passou né.

Dessas últimas, teve alguma que você tenha gostado?

E2: Bom, essa última que passou agora, Em Família, eu achei que foi bom, porque ela trouxe pra gente umas experiências de família que às vezes acontece até na vida real, então eu achei legal.

Qual personagem você acha que trouxe uma história interessante?

E2: A Helena, que eu observo bastante que a história da filha repetiu tudo o que a mãe viveu, eu achei interessante porque eu achava que isso não acontecia, entendeu, e aconteceu na mesma história, só não gostei muito do fim, no final é triste né. Poxa, eu achei chato, porque eu acho que se a mãe não conseguiu viver, pelo menos a filha deveria ter vivido esse amor, é o que eu acho, não sei né. Dizem que um grande amor é impossível viver sem ciúmes né. Mas eu acho que aquilo ali dele era meio safadeza sabe, porque tinha ciúmes, mas saia com outras né, eu achava até meio esquisito quando a mulher era fiel, ele traia ela, a gente não pode dizer que ele mereceu, porque isso aí a gente não diz né, mas eu acho que tinha que ser assim.

Tinha alguma coisa que você não gostava nessa novela?

E2: Bom que eu não gostava, sabe aquele médico, eles trabalhavam em três médicos, a médica, aquela loirinha, Sílvia, o Felipe e o outro. Eu não gostava do Felipe, as atitudes do Felipe, porque, sabe aquele que bebia? Então, eu achei a atitude dele bem radical, porque, ele quis derrubar o outros, achar que o ser humano não erra, e depois achar que se a gente erra não pode voltar a ter confiança. Então isso que eu não gostei dele. O Fernando que quis derrubar o outro lá, que ele bebeu e houve aquele problema lá, aquele que era noivo da Sílvia. Então eu não gostei da atitude do Fernando, mas eu fiquei feliz porque ele se deu bem, ficou com a mulher que ele amava, eu achei

legal, e foram montar seu escritório juntos né. Eu não gostava só dele só, pra gente, vivendo o dia de hoje, são coisas que a gente vive né, que acontece entre família.

Você acha que a novela tem tratado de assuntos importantes?

E2: Eu achei importante, a irmã da Helena lá que se divorciou, a Clara, eu achei ela e o Cadú, na educação do filho, assim uma mente aberta, onde eles tinham medo de contar a verdade para o filho, e o filho enfrentar problemas na escola ou com seus amigos, sabe, e o menino deu assim uma lição de moral, de sei lá, de mente aberta, nos seus pais que aceitou numa boa dela ir morar com a Marina, e eu fiquei feliz, porque a gente viu que até as crianças estão acabando, que assim com a gente adulta que tem esse preconceito idiota que a gente tem que aprender a respeitar e aceitar a decisão das pessoas, então esse eu achei legal.

Você acha que a realidade da novela, é parecida com a realidade de Guaraqueçaba?

E2: Eu acredito que não né, porque a novela ela traz assuntos que muitas vezes não é vivido aquela vida real, aquele dia a dia, o nosso dia a dia de Guaraqueçaba é diferente, porque a gente vive aqui o que a gente é e o que a gente tem e não é assim uma coisa supérflua é coisa real, e a novela as vezes eles imitam muitas coisas que não é realidade, muito bonito e a vida não é assim tudo bonito.

Costuma procurar informações sobre a novela em outros veículos? (rádio, internet, revistas)

E2: uns três anos atrás, eu lia a revista das novelas e o jornal, e acompanhava no rádio aquele relatório que ia acontecer no dia seguinte, hoje, é pra falar a verdade né? Hoje eu não sou tão ligada na novela como eu era antes, então eu assisto quando eu posso, não faço muita questão, então eu procuro ler que me ajuda mais do que eu estar ligada na novela, hoje.

Você costuma conversar com outras pessoas sobre as coisas que assiste na novela?

E2: Não, porque eu acho que na novela é uma coisa, a não ser quando a minha filha vem me pedir uma opinião sobre a novela, é difícil ela vir conversar sobre a novela, os jovens hoje você sabe né são mais Malhação, então as novelas eles não são tão ligados, os jovens não se ligam muito, mas lá uma vez ou outra a gente conversa né, mas só um pouco. E só com ela mesmo.

(ENTREVISTA G.)

A senhora costuma assistir novelas?

G: Eu assisto a das seis sempre que posso e a das nove, a das sete eu não assisto, só as na Globo, das outras eu posso até gostar, mas daí eu estou na Globo e fico lá, nas outras emissoras eu não assisto não. Passam todas no mesmo horário, uma atrapalha o horário da outra né.

A Senhora assiste novela desde quando?

G: Olha eu comecei a assistir novela desde que eu comecei a ter televisão, eu assistia na casa de meu pai um pouco, enquanto eu ainda não tinha, mas foi de 80 pra cá né. Já faz uns anos.

O que a Senhora acha das novelas?

G: Eu gosto muito das novelas, eu sou noveleira, eu gosto dos enredos, da histórias, de ver os atores, os artistas, a gente gosta.

Das novelas que a Senhora assistiu, quais a senhora mais gostou?

G: Olha tem tantas boas, ultimamente eu assisti Avenida Brasil, foi uma novela muito gostosa, antes, bem antes Roque Santeiro, aquelas bem antigas, eu até tenho tudo marcado num caderno todas as

novelas que eu assisti de Roque Santeiro para cá, eu tinha um outro caderno de antes até, mas uma menina que trabalhou aqui em casa pra mim ela destruiu meu outro caderno, meu primeiro caderno, daí eu fiz outro, e de 85 pra cá eu copio todas as novelas, todos os artistas, quando começou, quando terminou, os artistas, da novelas. Eu tenho tudo anotadinho. A história não, eu só ponho o nome da novela, os artistas que trabalharam, quando começou, quando terminou, porque não dá pra tudo assim, pegar o enredo todo, mas o enredo fica na cabeça, mas os artistas tudo eu tenho. (vai buscar o caderno para mostrar). Algumas ai falharam muito artistas, porque passa muito rápido ali, e as vezes não dava tempo né, mas agora eu mando buscar umas revistas pra mim de novelas, e quando não dá eu vejo na internet, agora eu sou chique, ganhei um notebook, daí agora quando começa uma novela, eu já faço lá uma pesquisa, segunda feira que vem vai começar uma né, O Rebu, dia 14, daí eu vou por aí, daí dia 21 começa Império.

Seus filhos costumavam assistir novela com a Senhora? E sua netinha que mora com a senhora assiste?

G: Não essa netinha que mora com a gente não, os grandes sim, mas os pequenos não.

A senhora acha que não tem problema as crianças assistirem novela?

G: Por um lado tem né, mas tem as novelas das seis, por exemplo, ali é mais livre, as crianças podem assistir, as das nove já são mais pesadas.

O que a senhora acha que passa de pesado nas novelas das nove?

G: Eu acho que problema de sexo, criança tem que, é tá certo que vai saber, mas ela tem que na escola diz que tem, no meu tempo não tinha, mas eu não acho licito assim expor muito. No meu tempo de criança a coisa era bem diferente do que é, agora é tudo moderno, mas antes não, então é assim, se a gente puder não deixar as crianças assistir a gente não deixa né. Mas aqui em casa só tem a pequenininha de quatro anos e ela não assiste, o menino tem 13, mas ele não assiste também, é mais eu, a Maninha quase não assiste novela, nem o Juca, eu assisto todas, me tranco no meu quarto e assisto lá, deito e assisto lá, sozinha.

A senhora assiste Em Família? E esta gostando?

G: Ah, assisto. Mais ou menos, no começo eu não gostei muito, mas agora ela deu uma, bom, mas ela já esta para terminar também né. As vezes fica muito presa num só enredo ali, que enrola, enrola, enrola. Eu acho que para um horário das nove deveria ter mais umas tramas mais complicadas, mas não sei né.

A anterior, Amor à Vida a senhora gostou?

G: Eu gostei daquela novela também, foi uma novela boa de assistir.

Qual o personagem de Em Família que a senhora gosta?

G: Eu gosto do Gianecchini, o Cadú, ele é um bom artista, quem é outro que trabalha, as vezes eu esqueço dos artistas. A história é bom em si, mais ou menos, teve outras novelas que a gente gostava mais, eu gosto da trama que envolveu o Cadú, a doença, no transplante que teve né, agora que ele já está bom, procurando namorada, tem tantas que querem ele, mas ele ainda está para escolher, até o final da novela ele escolhe uma, eu acho que ele deveria ficar com a doutorinha, a Silvia

Tem alguma coisa nessa novela que a senhora não gosta?

G: Tudo é bom, mas assim eu não sei, eu não posso mais ter preconceito de nada, ali tem aquele caso que eu não sei, separou do Cadú, eu não sei, mas eu não gosto muito dessa parte, eles enrolam muito ali, cada um pensa de um jeito, a gente não pode ter preconceito com nada, no meu caso eu não ia gostar, mas a menina lá gosta, elas se gostam, fazer o que, mas eu acho que não deveria passar negócio de beijo, porque a criançada que assiste abre mais, incita mais a criançada a fazer, não sei se isso é errado ou não.

A senhora acha que a novela aborda assuntos importantes, que ensina alguma coisa?

G: É as vezes passa novela que passa, por exemplo o racismo, que existe muito preconceito ainda e as vezes passa, uma novela dessas passada teve o problema de racismo né. Isso é muito bom pra ensinar o povo a lidar com isso, a respeitar os outros né, cada um é cada um, a cor da pele não interessa, o que interessa é o que esta dentro do ser, então eu acho que tem coisas assim.

E nessa a senhora acha que tem alguma coisa interessante?

G: Nessa eu não vejo nada assim, porque em família, quer dizer tem muita coisa que a gente entende por em família, mas ali eu não vejo nada assim muito dentro de família, ali o que atingiu muito foi a mãe com a filha que ficavam brigando por causa do mesmo homem, não sei se isso atinge dentro da família porque eles estão dentro de uma família né.

A senhora acha que o que eles mostram na novela acontece aqui em Guaraqueçaba?

G: Olha aqui em Guaraqueçaba eu não sei, mas na vida real tem coisa parecida, na vida real acontece coisas assim que as vezes uma novela propõe né, mas aqui em Guaraqueçaba eu não sei se existem casos assim que possa comparar com a novela. Guaraqueçaba ainda é uma cidadezinha assim, sem muito sei lá, mas que não acontecem essas coisas ainda, como na novela, eu não sei assim nada que possa ser parecido.

A senhora costuma procurar informações sobre as novelas em outros lugares?

G: Eu procuro, leio bastante, quando eu quero eu vejo o que vai acontecer no outro dia, mando buscar em Paranaguá aquela revistinha Tititi, que é barata e sai toda semana, então quando eu quero o elenco da novela, ela sai uma sexta feira antes da novela sai a revista, dai eu mando buscar, e pego dali.

Toda semana a Senhora manda buscar?

G: Não, porque aqui é difícil a gente tar mandando buscar né, então só, por exemplo, segunda feira que vem que vai começar uma novela, eu quero ver se mando buscar a Ti-ti-ti, porque aqui é um lugar que não tem revista né, ali vem o elenco que não venha tudo, mas metade do elenco vem ali, aí eu vou na internet e puxo o resto e passo para o caderninho, escrevo o artista o personagem.

A senhora consulta esse caderninho depois?

G: As vezes a gente quer saber, ah fulano de tal trabalhou naquela novela, eu não me lembro que novela foi, aí corro e pego meu caderninho e vejo.

Essa novela foi mais curta né?

G: Essa foi, começou em fevereiro, e já vai terminar agora, 5 ou 6 meses de novela. Tem umas bem compridas, e que novela antigamente tinha uns 200 e poucos capítulos ou 300, agora as novelas não chegam a isso.

A senhora tem os autores preferidos?

G: Tem uns autores bons como Glória Perez, Manuel Carlos que esta escrevendo essa agora, tem Agnaldo Silva, tem uns autores novos que estão começando agora, e a gente ainda não aprendeu a gostar da novela deles, mais os antigos o Agnaldo Silva, Glória Perez, Manuel Carlos, tem aquele Benedito Rui Barbosa, tem diversos, tem mais ainda.

Eu posso assistir e assisto, só não tenho coisa assim pra gravar assim todos aqueles enredos né, mas na hora que vê sabe, mas os artistas eu marco. Tem bastante artista aí que já se passaram né, o que eu posso ir pondo eu vou pondo. Quando é falecido eu já vou pondo. Teve um aí que faleceu e ele estava fazendo a novela, aquela novela, uma novela das seis, é Luis Carlos Tourinho, ele faleceu quando estava fazendo a novela, e eu marquei aí, Sinha Moça, parece. A filha da Glória Perez também faleceu fazendo a novela, aquela novela ela morreu em dezembro né de 92, deve ter aí, foi o Guilherme de Pádua né, eu faço isso mais porque agora eu estou sozinha, eles moram comigo aqui né, eu fico no quarto sozinha, a gente se aposentou não tenho muito o que fazer, então vou fazendo essas coisas até quando Deus quiser, mas eu comecei bem antes de me aposentar, sempre gostei de novela, novela pra mim é o que eu gosto de ver na televisão, novela e futebol, na copa agora eu não perdi um jogo, o que eu pude assistir, eu assisti, e gosto de jornal e dessas coisas de entrevista. A senhora lembra qual foi a primeira novela que assistiu?

G: Olha, não esta aí, porque nesse tempo eu não tinha televisão ainda, meu pai que tinha aqui, eu acho que foi aquela “Espigão” uma novela com Tarcisio Meira, bem novinho, eu assisti aqui em casa de meu pai, aí que eu comecei a assistir novela, a gostar, chegava a hora da novela eu ia pra lá, antigamente era difícil comprar televisão. Eu tinha uns parentes que trouxeram a primeira televisão, eu corria para lá, a salinha dela ficava cheinha de gente, todo mundo queria ver televisão e era só eles que tinham e era preto e branco ainda não tinha cor, depois que terminava a novela, todo mundo saia a sala dela coitada ficava uma bagunça. Na casa da minha madrinha tinha uma área bem grande, então quem não podia entrar ficava lá, então ficava todo mundo lá apertadinho, nem podia sentar, muita gente ia assistir.

A senhora acha que a televisão ajuda a instruir o povo?

G: Ajuda, eu acho que ajuda, tem um povo que não assiste porque não pode, é crente, mas eu acho que não tem nada a ver, quem faz é a pessoa mesmo né, o que eu não gosto muito da televisão é mostrar muito crime, assalto, isso aí é feio né. Mas eu acho que tem que mostrar, eu acho ruim, mas eu gosto de assistir. Esse nosso Brasil está muito perigoso nessa parte de banditismo.

(ENTREVISTA J. e V1.)

Vocês assistem novelas desde quando?

J: Aqui na verdade você assiste por não ter uma opção de sair, alguma coisa pra sair, daí assiste novela pra acompanhar a esposa se tivesse outra opção aqui não assistiria.

V1: A mesma resposta dele, por não ter o que fazer, tem que estar sentada aqui, daí to assistindo.

J: Acaba se interando com a novela daí quer saber, acaba criando curiosidade na trama da novela e acaba assistindo.

O que vocês acham das novelas?

J: Eu acho que principalmente as novelas da Globo, eu acho que ela cria um mundo do além do que não existe, a gente é casado e sabe que nem todo homem tem aquele momento de ser tão carinhoso, a Globo diz uns homens tão carinhoso que faz da mulher viva em torno daquele homem não vai existir nunca, daí cria até um possível janela para uma possível traição. Eu vejo dessa maneira, aquilo desenha uma coisa que não existe, mesma coisa relacionamento do homem e mulher, e sem contar assim tem umas cenas assim que eu não acho adequada pro horário, eu acho que as novelas da Globo não trazem uma cultura. A não ser claro, tem novelas que são baseadas em documentários, mas na da Globo, eu não vejo criatividade, não vejo cultura.

V1: Concordo com ele.

E o que chama a atenção de vocês nas novelas? O que faz com que vocês assistam?

J: E que na verdade assim, até pelo desenrolar, você acaba se atraindo até por você saber que é um troço que não vai ter cultura mas você quer saber o fim, você não se apega aquilo mas quer saber até onde vai chegar no final.

Das últimas novelas que assistiram de quais mais gostaram e porque?

J: Olha uma novela que eu assisti inteira e que eu gostei mesmo, mas é que eu já sou meio velho né, Vereda Tropical e Roque Santeiro, foi uma novela que eu assisti inteira, não perdi um capítulo e apesar que das últimas o Petruquio também era legalzinha né, ele tinha uma trama meio cômica, não tinha tanta sacanagem, tanta safadeza, era mais um negócio meio cômico assim.

V1: A mesma, na verdade eu assisto por assistir né.

Em Família você gostou?

V1: Ah eu assisti, acompanhei, mas o final foi ... assistir eu assisti mas não achei nada interessante não.

O que vocês acham das crianças assistirem as novelas? O filho de vocês assiste com vocês?

V1: Não, ele não assiste, na verdade ele assiste outra lá no quarto.

E vocês vêem problemas nele assistir a novela com vocês?

J: Algumas cenas sim, tem cenas de sexo, tem que ter uma certa idade pra viver aquilo ali né, porque incentiva, não adianta dizer que não que incentiva, e tem certas cenas assim que não é discriminar, eu acho que cada um é o que é, e eu respeito cada um como é, todo mundo me conhece e sabe que eu não sou uma pessoa preconceituosa, eu vivo a realidade do mundo, só que eu acho que certas coisas não tem que acontecer em certos horários né, e se acontecer tem que ser meio privado, meio uma coisa assim, então por isso eu evito que ele assista.

Na novela "Em Família" qual história, personagem vocês gostaram ou não gostaram e porque?

J: Na verdade assim, eu achei que a mãe da menina era mais nova que a menina ali, isso eu achei interessante. (risos) Uma coisa que me chamou a atenção foi isso, eu acho que eles colocaram os atores errados. A história em si, acho que não, nada tão, que surpreende-se assim não.

V1: Eu não gostei daquela Luiza, muito sem graça ela.

J: É eu acho que na verdade, eu acho que ela acabou fazendo com que o Brasil perdesse um pouco o carisma por ela, não achei um papel tão deslumbrante assim e nem do faluteiro lá não, quem deve ter gostado da morte dele deve ter sido o Neymar né.

Vocês acham que a novela tem tratado de assuntos importantes, interessantes?

J: Não, não vejo.

V1: Não.

Vocês acham que a realidade mostrada nas novelas é semelhante a realidade de Guaraqueçaba?

J: Não, não. É claro, essa “Em Família” ela aborda questões que acontecem em qualquer família, briga, alcoolismo, isso aí é uma coisa que tem em qualquer família, não em Guaraqueçaba em si, mas assim, uma situação alvo assim, eu não vejo.

Vocês costumam procurar informações sobre as novelas em outros lugares?

V1: Eu não.

J: Olha eu escuto bastante Banda B, a rádio, até pela questão de jornalismo, eu gosto sempre de estar inteirado das situações, até porque a gente tem um perfil meio político tem que estar inteirado em tudo, e acaba acontecendo, eles acabam revelando o capítulo de hoje, de amanhã e aí a gente acaba ouvindo, as vezes até falo pra ela oh vai acontecer tal coisa, mas é só isso assim, eu ouço porque estou ouvindo, não porque vá, faça questão de procurar e saber o que vai acontecer.

Teve alguma coisa nessa novela que vocês tenham achado uma situação absurda, fora do normal?

J: E que na verdade não teve nada além do que a gente já não viu na vida real.

V1: Todas as novelas eles mostram sempre a mesma coisa.

J: Acho que o que a gente viu, é o que a gente vê, fatos que acontecem no cotidiano, não foi nada de tão extraordinário.

Então você acha que as novelas devem trazer coisas extraordinárias, que nos não estamos acostumados a ver?

J: É isso, sei lá, cultural.

V1: Deu pra ver que Em Família foi uma novela diferente das outras, todas as novelas que tem é casamento no final, e filho que nasce, e aquela ali não foi bem diferente, a mulher lá não perdoou o filho que ela abandonou, então ficou naquela mesma, ela descobriu que era o filho dela e não assumiu que era o filho dela né. Toda novela tem um final feliz e essa não, ficou tudo normal. A gente espera aquele momento feliz e ali não teve nada, o outro já morreu e ela já viajou no instante que ele morreu ela já viajou.

(ENTREVISTA L1. e L2.)

Você costuma assistir novela desde quando?

L1: Gosto, eu acho que assisto desde os 12 anos, bem antes, acho que desde criança eu assisto novela, adoro novela.

Assistia com a mãe?

L1: Não minha mãe não assistia ela é da Deus é Amor (igreja), nunca gostou de TV. Assistia sozinha, na casa dos outros, em casa não tinha TV né, ela não podia comprar TV, ela não comprava porque a Igreja Deus é Amor não permite televisão dentro de casa, não permitia, porque agora eles estão assistindo, mas na época não, daí eu assistia na casa do vizinho.

O que você acha das novelas, as histórias são interessantes?

L1: Eu acho legal, os lugares que mostram, as histórias, cada história é uma história né.

O que você gosta de assistir nas novelas?

L1: Ah os atores né (risos).

Das que você já assistiu qual você mais gostou?

L1: Ah a história da Marina né.

L2: Salve Jorge.

L1: Ah eu gostei de Salve Jorge, a delegada Elô.

L2: A delegada Elô mãe.

As crianças de casa costumam assistir novela com vocês?

L1: Eles gostam de assistir, a menina gosta mais de assistir Chiquititas.

L2: Eu gosto de assistir as novelas.

Alguém que não mora com vocês costuma assistir novela junto?

L1: Nós conversamos com a vizinha sobre as novelas, conversamos ali com Dora, as vezes quando ela estava sem parabólica ela vinha assistir aqui.

Vocês assistiram “Em Família”?

L1: Assisti.

L2: Aham.

Do que vocês mais gostaram nessa novela? Da história, do personagem?

L1: Eu acho que eu gostei mais do marido da Helena, esqueci o nome dele.

L2: Virgílio.

L1: Ele é mais humilde, eu gostava mais dele.

E tinha alguém que você não gostava?

L2: Do Laerte, que era o melhor da novela. (risos)

Você acha que a novela ensina alguma coisa, ou ao contrário deseduca?

L1: Ensina, você aprende sobre várias coisas né.

Nessa você sabe me dizer alguma coisa que achou legal, que você não sabia?

L1: Várias coisas que a gente não sabia e agora a gente sabe né, ensina sobre a traição, sobre aquele casal lá de mulher, ensina a não ter preconceito né.

L2: A Marina e a Clara.

Você acha que as coisas que aparecem na novela são parecidas com as coisas que acontecem em Guaraqueçaba?

L1: Acho que tem bem pouco parecido né, risos. Das famílias né.

Você costuma procurar informações sobre as novelas em outros lugares?

L1: Não só no rádio, na internet não, não mexo com essas coisas.

L2: Eu sim, procuro do que vai acontecer.

(ENTREVISTA M1. e E3.)

Começaram a assistir novela quando?

E3: Ah não lembramos né M1.

M1: Desde que chegou a televisão em Guaraqueçaba.

E3: Mas não é todas as novelas que a gente assiste né, algumas, principalmente as das nove que a gente assiste.

M1: A última que a gente teve mais tempo pra assistir.

Esta que está passando agora, ou a anterior?

M1: As últimas, vai passando e a gente assiste, mas a gente assistiu mais a última.

O que vocês acham das novelas? Passa muita besteira, é interessante?

E3: Na verdade novela ensina coisa boa e coisa ruim ao mesmo tempo né, muitas coisas, se aprende o que é bom, mas se aprende o que é ruim também. Principalmente essa aí, essa Em Família aí eu acho que tá desvirtuando assim aquela educação da casa né, da casa antiga, da família antiga, porque agora um filho não obedece mais um pai, uma mãe.

M1: Eu também falo a mesma coisa, penso a mesma coisa porque a tendência do ser humano é construir família né, boas, educadas, principalmente hoje que as crianças à partir de uma certa idade já caem tudo nessa vida de rua aí, e a novela não ensina isso, você pode ver que não tem uma novela que construa uma família, ela sempre destrói, ela põe um casal que tá indo mais ou menos daqui a pouco ela faz tudo para acabar com aquela família pra ficar tudo assim deixa hoje e pega amanhã, deixa desse e pega outro e vai indo tudo assim. Muito fácil, hoje eu vi um casal na televisão 70 anos de casado, e hoje em dia não, primeiro vão ficar pra ver se dá certo, depois pra pensar em casa, daí um não pode olhar pra outro pronto já acabou o casamento.

Das novelas que vocês já assistiram qual mais gostaram?

M1: No momento assim, não sei, não lembro.

E3: Não sei, porque a gente assiste e depois esquece.

M1: Aquela que terminou antes, como é o nome daquela?

Amor à Vida?

M1: Aquela foi um show aquela novela. O Félix fazia aquela coisa, mas não era aquilo ali, era tipo uma comédia né. Então era muito legal a gente assistir aquilo ali, ele não era um vilão que a gente ficasse com raiva dele, ele chegava na rua todo mundo queria que ele falasse daquele jeito pras pessoas ouvir, até hoje ele se apresenta na televisão e a turma pede.

E3: Melhor que essa aqui.

No final ele construiu família e ainda cuidou do pai que não gostava dele.

M1: Pois é aquilo ali foi muito bom, foi exemplo. Tem algumas que a tendência já é outro lado.

O que vocês acham das crianças assistirem novela?

M1: O difícil das crianças assistirem novela com a gente é essa situação que a gente falou né, é um novela que não dá pra você sentar com os filhos para assistir porque sei lá se a gente já pode por as crianças à par de tudo essa coisa errada que está acontecendo, pra eles na frente não fazerem as coisas erradas, mas sei lá.

Então a senhora acha que as crianças não devem assistir?

M1: Pois é, porque se fosse uma novela bem educativa né, assim que a gente pudesse assistir junto.

E3: Quando assiste junto a gente ainda explica o que esta acontecendo, a gente apronta o erro, aponta o ruim e o bom né, pior é quando assistem sozinho que eles levam só para o lado que querem, risos.

M1: Mas a pior coisa que tem entre as novelas é aquela coisa ali, a Malhação, porque a Malhação é só intriga na escola, na rua, só intriga, aquilo ali é terrível.

E3: O nome já vem dizendo, é Malhação né.

M1: Ali não devia acontecer isso, porque a maioria é adolescente né, deveria ser uma coisa sadia para as crianças já irem crescendo sabendo o que é o certo.

Vocês costumam conversar sobre o que assistem na novela?

M1: A gente comenta.

E3: A gente comenta né, os pontos que a gente gosta, os pontos que a gente desaprova.

E nesta novela o que vocês estão gostando?

(A filha do casal interrompe e diz: A senhora gosta do Felipe.)

M1: Ah o dotorzinho, eu sou apaixonada pelo doutor, ele vai ter que ficar com aquela médica.

E3: Essa novela tem um enredo muito fraco, eu acho assim, porque, aquela parte da Bia ali não se entende aquilo ali, a gurria fazer tanta pressão por uma coisa que ela não tem, não tem direito, não tem a lei que ampare ela. A Juliana.

M1: Tanto é que já vai terminar.

M1: Ela tem obsessão por ser mãe, já nem é vontade, é uma coisa além. Ali estão mostrando o lado daquelas pessoas que moram na favela, falam que as pessoas de lá são assim, mas eu acho que não deviam ser assim, porque então será que não vai dar para eles se misturarem com o pessoal do centro? Isso aí eu acho que deveria trazer ele, casar numa boa, o povo de lá deveria se misturar com o povo de cá, não ter essa divisão.

E3: Ali esta mostrando as duas culturas que não se entendem né, cultura dela que é de uma condição mais rica e cultura dele que é de favela, então eles não se entendem por causa disso.

M1: Pra mim é o Felipe, ele não pode voltar a beber, ele tem que casar, construir uma família é por aí que caminha a humanidade. Clinicar bem, porque ele era um ótimo de um médico, a vida das pessoas tem esses deslizes, mas tem que levantar e seguir em frente.

E3: Tem que mostrar que para o erro também tem conserto.

M1: A pessoa na beira do poço não cabe a ninguém empurrar ele, tem que conseguir tirar né.

Tem alguma coisa que vocês não gostam nessa novela?

E3: Não acho que não, não tem né. Não gostar, não tem né, tem aquelas coisas, aquelas partes que a gente não gosta são as brigas entre família, pai e mãe, filho com filha.

M1: Eles estão mostrando vários lados ali né, do que está acontecendo.

M1: A Luiza desafia os pais, aquela coisa, aquilo é feio.

E3: Aquela outra também não aceita a mãe, então tem isso, essas brigas.

M1: Não vê aquele casal que separou. A mulher foi lá, já conseguiu uma mulher pra ela, agora eles tem que fazer o menino deles entender os dois lados.

E3: É ali eles tão mostrando que não pode ter preconceito nessas coisas né.

M1: Mas como a gente continua lutando pela família, ali agora eles vão montar duas famílias, porque agora apareceu duas moças para querer namorar ele, a pianista e a médica, mas a médica não pode ficar com ele. (risos) A médica é do Felipe, ele é tão lindo, ele ficou tão feliz quando beijou ela

naquele dia; eles trabalham tão bem né. Eu até chorei aquele dia, ele bêbado escondendo aquela garrafa de bebida, aquilo ali acontece mesmo na vida real.

Vocês acham que as novelas têm trazido temas importantes que podem ser discutidos dentro de casa?

E3: Pode, ajuda a informar.

M1: É tem os assuntos bons e tem o outro lado que a gente não acha legal.

Vocês acham que a novela traz uma realidade parecida com a realidade local?

M1: Tem né, pra você ver, a vida do médico, aqui também tem nessas situações, não médico, mas, até médico tem aqui nessa situação, acontece da gente saber que ele bebe bastante; casais que se separam, assim como hoje tá acontecendo muito de mulher, como esta acontecendo com aquelas duas, aqui também tem.

Então a senhora acha que dá pra discutir as coisas aqui?

M1: Dá sim.

Vocês procuram informações sobre a novela em outros lugares?

E3: Não.

M1: Não, eu quando vou em Paranaguá, sempre corro e compro aquelas revistas pra ver o que esta acontecendo, agora na internet não, porque eu não tenho computador, não tenho internet, pra mim só nas revistinhas e na televisão quando tem, tem um canal, o 6 que passa de tarde, eles contam umas coisas que vai acontecer, mas na novela não acontece, não sei se o diretor fica só de olho no que as televisões estão comentando da novela, e na hora de gravar olha muda essa parte.

(ENTREVISTA N1. e M2.)

Costuma assistir novela desde quando?

N1: Faz muito tempo, eu sou noveleira como diz a turma.

O que a senhora acha das novelas?

N1: Algumas são interessantes, algumas eu acho impróprias, assim que antigamente as crianças dormiam cedo, hoje em dia elas não dormem mais cedo, até essa novela nova que tá passando aí agora das nove, essa Império, eles falam um monte de palavrão de coisarada, até minha filha comentando sobre isso, ela falou assim: Meus Deus mãe que absurdo, um horário desses né, essas coisas que diz na novela. Eu disse: Pois é, não é pra vocês assistir, e ela: mas a gente tá acordado, vai pra onde? Minha filha vai fazer 11 anos, ela achou um absurdo isso, os palavrão na novela.

O que a senhora gosta de assistir na novela?

N1: Eu gosto de tudo um pouco, os romances, as histórias, as coisas que dão certo né, as coisas erradas a gente não gosta né.

Qual uma novela que a senhora gostou?

N1: Eu gostei dessa última das nove que terminou, "Em Família".

O que a senhora gostava nela?

N1: Eu gostava da família deles ali, eu gostava do rapaz que namorou a mãe, depois foi namorar a filha, essa parte aí eu não gostava, mas o resto eu gostava, eu não gostei dessa parte.

Sua filha assiste novela com a senhora?

N1: Assiste, mas eu acho que não devia, tem cenas ali que eu acho que não, apesar de que tem cenas fortes ali que eu não deixo ela assistir, até ela já sabe o pensamento, ela já se vira no sofá.

Alguém que não mora com vocês, costuma assistir a novela junto?

N1: Olha difícil, as vezes quem vem é a Madalena, minha comadre, de vez em quando ela vem e assiste, essa aqui (se referindo a nora que esta presente) fica aqui mais na parte da tarde, ela deixa meu neto na escola e fica aqui até o horário de buscar meu neto, as vezes assiste um pedacinho de alguma coisa, mas é bem difícil.

Vocês conversam sobre as novelas? Sobre o que acontece?

N1: Ah eu converso com ela sobre a novela das nove, ela aparece aqui eu já falo, assistiu a novela ontem, viu aquela cena, a gente comenta né.

Vocês assistiram “Em Família”?

N1: Sim.

Maira: Sim

De que personagem, ou história a senhora mais gostava da novela?

N1: Eu gostei da mãe da Helena, que daí ficou com aquele comandante.

De que história a senhora não gostou?

N1: Ah foi da moça que ficou com o Laerte, não gostei do Laerte na verdade né, da moça gostava, o papel dela que não gostei muito, não achei certo, mas fazer o que novela é assim, não dá pra mudar. A minha filha que falava: a senhora não gosta mais fica assistindo, e eu falava, mas filha passa na novela, eu tenho que assistir pra entender a novela toda.

A senhora acha que a novela tem tratado de assuntos importantes?

N1: Eu acho que mais deseduca do que educa viu, assim tá tão avançado as coisas ultimamente né, no tempo do epa não era assim essas novelas tão horríveis, uma que minha mãe não deixava quase assistir novela assim, eu assistia no máximo quando passava o jornal nacional e pronto né, daí vai pra cama, hoje em dia não né, vá colocar uma criança para dormir as nove horas, ela diz, eu não to com sono e daí? Sair pra rua não pode, então fica em casa e assiste, fazer o que.

A novela das 11 a senhora também assiste?

N1: Eu assisti só uns dois capítulos, umas duas partes só, depois fui dormir, não me interessou muito.

Maira: Meu pai já gostou, porque ele assistiu a primeira novela, daí ele esta assistindo essa agora.

Vocês acham que as histórias, as famílias são parecidas com as de Guaraqueçaba?

N1: Eu acho que não tem nada a ver, eu não vi uma cena assim que comparasse. Eu também não posso falar muita coisa, porque eu quase nem saio, eu acho que não tem nada a ver.

Maira: Só os almoço lá né, que se reúne toda a turma e come.

N1: É família tem parecido assim, porque a gente é acostumado, no domingo assim se um dos meus filhos não vem pra cá eu fico apavorada, é dois filhos casados que eu tenho, o marido dela e o outro mais velho. Se domingo eles não virem almoçar comigo nem que seja 4 horas da tarde pra mim parece que não é domingo, tem que vir todo mundo.

A senhora acha que essa união que aparece na novela é igual?

N1: É bem comparado com a vida da gente assim, com a minha pelo menos assim, que nem Natal, final de ano, costuma vir tudo pra cá, meus filhos, minhas irmãs, minhas sobrinhas.

Vocês costumam procurar informações sobre a novela em outros lugares?

N1: Ah não, eu assisto por assistir, as vezes eu coloco naquele canal que passa umas coisas de fofoca, mas assim, mas não que eu esteja interessada em escutar.

Maira: Às vezes eu entro lá no site da Globo, igual no dia que o Laerte levou um tiro, eu fui entrar lá pra ver se tinha alguma coisa, pra ver se tinha acertado mesmo o tiro ou não.

N1: Eu achei legal, achei que ele mereceu, Deus que me perdoe, ele deixou família e tudo, mas também a mãe dele já estava terere, ela nem sabia quem era, quem é esse que morreu, diz ela.

N1: A novela do Félix, o final também foi lindo né, ele com o pai sentado, ele fez as maldades dele, tem gente que se arrepende na amiga, tem gente que uma hora cai a ficha, se arrepende da atitude, mas demorou.

Maira: Eu acho que é legal quando o vilão se transforma em mocinho né, no final. Ele era um vilão mas tinha suas piadas, ele era bacana isso que fazia a gente gostar dele.

N1: Nessa última novela era só aquele mundinho de malvadeza.

Maira: Era só a família deles, só ali.

N1: se ele quase casou com a mãe, teve uma vida com a mãe, poxa, agora quer ficar com a filha, eu não sei né, minha opinião, cada um cada um.

Maira: Eu não gostei que ele morreu, eu queria que ele fugisse com a Shirley, a N1 não, você pensou que ele ia voltar para perturbar ela de novo.

N1: Eu pensei assim eu não quero que ele fique com a Shirley, porque ele vai viajar com a Shirley, depois eles vão voltar e ele vai perturbar a vida da menina.

Maira: Eu acho que ele tinha que viver. Eu pensava que ela ia falar não ali na igreja, não iam casar. Eu também achei que a menina na hora do se tem alguém aqui que não aceita, eu pensei que a menina ia se declarar ali.

N1; Eu falei pra Letícia, quer ver que quando o padre começar a falar, aquela guria vai dar um tiro nele. A Letícia disse: Méeee, eu disse quer ver Letícia que essa guria vai matar ele, eu disse olha a cara dela, quando saiu lá fora, eu disse maldito não morreu, daqui a pouco, pá, eu disse pronto, eu disse morreu.

Maira: Nada a ver, eles casaram, dali a pouco a guria deu um tiro, eu disse, meu bom Jesus.

N1: Eu disse Letícia quer ver, foi a loirinha. Ela disse: será mãe? Eu disse, foi, daí já apareceu a polícia prendendo ela, eu disse pega, achou uma valente pela frente o filha da mãe, gostava de brincar com a mulherada.

Maira: Só assiste novela eu e mau pai, o que é ruim nas novelas são as cenas calientes, eu fico sem graça. Eduardo só tem cinco anos, já sabe, já esconde a cabeça de baixo das cobertas.

N1: Eu também fico, as vezes eu to na sala com meu filho, ele tem 16 anos, dá pra ver assim, que eu fico com vergonha e eles ficam com vergonha de mim, meu filho fica olhando para o celular, nem olha a tv.

(ENTREVISTA P. e N2.)

Costumam assistir novelas e desde quando?

N2: Desde que me entendo por gente.

P: Costumamos assistir novelas desde que a gente comprou televisão.

Faz quanto tempo isso?

P: Ah faz tempo isso, na época, na casa da mãe dela ainda tinha uma televisãozinha pequena e não pegava, era muito ruim, daí a gente ia tudo para casa da Tia Geni assistir, na casa dela pegava, não existia parabólica ainda, era só essa anteninha de fora, daí ficava a sala cheia de gente pra assistir televisão.

O que vocês acham das novelas?

N2: Dessa particularmente eu gosto, mas tem umas coisas assim que não tá batendo. Mas geral é legal, tá bom. A novela das 6 é muito chata.

P: As do SBT então, pelo amor de Deus.

N2: SBT eu não assisto nenhuma, Record nenhuma, aquelas mexicanas muito chatas, as da Record também são meio chatinhas, não gosto de nenhuma.

P: Só na Globo mesmo.

Porque vocês gostam de assistir novelas?

P: Por causa das histórias, tem bastante história legal. O mocinho sempre ganha no final, o bandido sempre vai preso.

N2: As vezes, as novelas da Glória Perez, ela aborda alguns assuntos, que é legal, tipo essa daí está falando sobre o preconceito, sobre o alcoolismo, isso é legal. Só que o lado do preconceito deles ali tá meio estranho né, tá tudo certinho, tá tudo muito fácil, muito fácil, e a gente sabe que a realidade não é aquilo ali.

Mas de que preconceito?

N2: Das duas ali, o casalzinho ali, ali as duas são lindas como casal.

P: É o marido concordou tão facinho né.

N2: É ele aceitou muito fácil, a gente sabe que é difícil para um homem ser trocado por um homem, imagina por uma mulher, então tá muito facinho, muito certinho demais.

P: É não deu polêmica na situação das duas.

N2: Soa falso o amor das duas, que é bonito ali, são duas atrizes lindas, mas aquela parte delas soa muito falso. Agora o alcoolismo daquele menino também tá bom, o Felipe, o médico.

E das novelas que vocês já assistiram, tem alguma em especial que mais gostaram?

P: A do Félix era boa.

N2: Essa era demais, um vilão que a gente não sentia ódio dele. Foi um vilão que a gente não sentia raiva, queria que ele fosse pra frente né. Até as trapalhadas que ele fez, a gente não sentia assim, levou tudo na.

P: A gente não lembra, uma novela que já foi a seis meses, sete meses.

N2: Uma que foi legal também foi aquela que falava sobre o tráfico de mulheres.

P: Rei do Gado foi legal. Aquela que tinha aquela atriz Cláudia Raia, que conseguiu virar tudo, que era bandidona. Não lembro o nome daquela novela.

Salve Jorge?

P e N2: Isso, Salve Jorge.

As novelas das 18 e das 19 horas vocês não gostam?

N2: A das 6 normalmente é muito chata.

E as vale a pena ver de novo?

P: Não vale a pena ver de novo, não vale.

N2: Eles repetem aquelas novelas chatas. Se eles repetissem uma novela boa, essa que o Paulinho falou, Rei do Gado, Salve Jorge, aquelas outras lá, tem muitas outras né, mas geralmente eles põe aquelas novelas das sete que geralmente também são chatas.

P: Malhação era legal, abordava bastante tema né. A Malhação de antes era mais legal que essas daí.

N2: Essa última que teve foi muito chata.

P: É não tá legal.

As crianças costumam assistir a novela com vocês?

P: Era mais Malhação que eles assistiam, mas novela, novela não.

N2: Gustavo é difícil, ele gosta mais daqueles documentários que tem.

Mas vocês não tem nada contra eles assistirem.

N2: Pode assistir, eu deixo eles assistirem novela porque, eu não vejo nada demais.

Alguém de fora costuma assistir novela com vocês?

N2: Às vezes quando pifa a televisão da minha mãe, ela vai lá assistir.

P: Ou ela vai lá na casa da mãe dela, eu vou, assistimos lá.

N2: Quando acabar a luz, ele vai na casa do Dadinho assistir, ou aqui que tem gerador. (risos)
Lembra do Félix, esse ele corria lá pra assistir.

O que vocês estão gostando dessa telenovela, e o que não estão gostando, e por quê?

P: Essa parte que ela falou, que esta abordando sobre o alcoolismo, o homossexualismo, é bem legal essa parte.

Então vocês acham que a novelas tem trazidos temas interessantes?

P: Sim, como eu disse, do alcoolismo, das drogas, nessa não tinha muita droga, mas tinha umas que tinha muita droga.

N2: Sim. Naquela Salve Jorge eles drogavam as meninas pra elas fazerem programas.

P: Tanto o sexo, como as drogas.

E vocês acham que a novela abordar esses temas, ajuda a discussão em casa, na escola?

P: Ah sim.

N2: As vezes, a gente pensa de um jeito, a novela mostra outro jeito pra gente, então a gente né, então a gente vê que o lado da gente não é só aquilo, tem outro lado.

P: Bom, ela ensina né, como ela ensina as coisas ruins, ela ensina as coisas boas né, mostra o jovem se dopando.

N2: Brigando com os pais, enfrentando os pais. A Luiza enfrentando os pais, vendo que o cara fez toda aquela maldade com o pai, não fez questão de sair, de se afastar do cara, ela quis ficar perto dele, pra conhecer ele, e acabou se apaixonando, apesar de que a mãe aconselhou, e agora está passando pela mesma situação da mãe.

P: Na Malhação o piá se bombando, incentivo também, isso é coisa errada.

Mas e o final da novela? Essas situações não tem consequência?

P: Esse ele quase ficou paraplégico né, parece, de se bombar. Mas os jovens eles não veem a sequência até o final, eles veem que o cara fez e ficou com, para de assistir três dias antes de acabar e não veem que o cara ficou ruim, é assim.

N2: Os adolescentes já tem por natureza ser teimoso né, daí eles veem, por mais que o pai diga, não isso aí não, não vá atrás, que isso é errado, ele sempre quer experimentar para ver como que é, tem adolescentes que é assim, será que é assim mesmo? Eu vou ver, não é tudo isso.

P: Daí chega lá na frente e não tem retorno, é difícil retorno.

Vocês acham que a realidade mostrada nas novelas, é parecida com a realidade de Guaraqueçaba? Os problemas?

P: Claro que acontece. Eles estão mostrando a vida real na televisão pô. Eles tiram essas histórias baseadas em uma vida real, e aqui acontece também, não é diferente, porque é pequeno, acontece também, droga, roubo, sexo, tudo tem.

N2: Tem. Acho que em qualquer lugar do mundo tem isso né.

Mas vocês acham que tudo, ou tem coisa que você olha assim e acha que não tem nada a ver?

P: Não, tem tudo aqui, aqui tem tudo.

N2: Aqui é pequenininho, mas tem uma boa amostra.

Vocês costumam procurar informações sobre as novelas em outros lugares?

P: Internet, revista, Ti-ti-ti e minha novela, quando eu vou pra Paranaguá eu sempre trago para ela.

N2: Minha Novela e Ti-ti-ti. Quando eu vou pra lá (Paranaguá), eu sempre passo no supermercado e trago, porque as vezes diz algumas coisas da novela na revista que na internet não diz. Quando a novela tá boa e eu tenho serviço para fazer, já sei que não vai dar tempo de ver a novela, daí eu vou lá, leio o resumo.

(ENTREVISTA S1. e S2.)

Você costuma assistir novela?

S1: Não, raro.

O que você acha das novelas?

S1: Eu acho uma perda de tempo.

E você acha que elas tratam de assuntos importantes, interessantes?

S1: Assim, no meu ponto de vista, eu acho que teria tema melhor pra colocar né.

Nessa última novela, você assistiu alguma coisa? E o que achou dela?

S1: Alguma coisa, na verdade eu mesma não gostei dela.

E o que você não gostou?

S1: Ah sei lá né, cada um tem sua maneira de pensar, mas eu acho assim, que aquelas cenas das duas ali induz muito né, a juventude hoje em dia, apesar de que Guaraqueçaba já tá né, na escola, bem antes da novela passar.

E dessas que você já assistiu, tem alguma que você gostou?

S1: Olhe, uma novela que eu gostei na época foi aquela que a Glória Pires fez os dois papel lá, do Tonho da Lua, passou agora esses dias no Vale a Pena Ver de Novo.

E o que você gostava nessa novela?

S1: Ah, eu achei massa por causa da paisagem, as cenas, o mar, a história era bonita né.

Você acha que tem problema as crianças assistirem novela?

S1: Eu sou contra, tem coisas assim que , se fossem umas coisas sei lá, principalmente as novelas da Globo tem muita cena de sexo. A gente vê os flashes que passam né, uns pedacinhos .

Você acha que o que passa na novela é parecido com a realidade de Guaraqueçaba?

S1: Acho que alguma coisa sim.

Você acha que as pessoas podem aprender alguma coisa assistindo novela?

S1: Eu acho que deseduca né, ao invés de aprender, muito pelo contrário.

E as famílias das novelas, você acha que é parecido com as famílias daqui?

S1: Eu acho que nem todas né, muito raro, ter aquele laço ali de as pessoas estar sempre unidos, eu acho meio difícil.

Você acha que aqui tem menos essa união de família?

S1: Ah com certeza, apesar de que a maioria é evangélico, eu não vejo isso, eu não sinto isso, aqui em Guaraqueçaba é muito falatório, gostam muito de criticar as pessoas, são muito preconceituoso, as vezes é uma coisa, um já conta pro outro, parece que tem prazer de ver a desgraça do outro, Guaraqueçaba é assim, então eu não vejo que tenha essa união. Seria bom né, seria ótimo se fosse assim, mas infelizmente não é. Na verdade é só novela mesmo, porque na realidade isso aí nunca. Aqui o povo tem mania de se reunir quando é dia de Natal, Ano Novo, daí acham de, um tá com a cara virada com o outro mas chega o dia de Natal tão ali junto, passou o dia de Natal já era. Eu sei porque a minha é assim.

E você gostou do final dessa? (“Em Família”)

S1: Algumas coisas eu vi, eu tava trabalhando e vi, a S2 falava ah mãe, vem ver, vem ver, daí teve aqueles comentário, ele tinha que ficar com fulana, não sei o que, não sei o que, ah mas foi bom pra ele que só apronto, aquela coisa toda

Você gosta de assistir novela?

S2: Ah eu gosto.

O que você gosta nas novelas?

S2: Romance, por exemplo.

Essa última você gostou?

S2: Mais ou menos, no começo ficou legal tudo, só que no final não foi bem o que imaginava ser.

E o que você não gostou no final?

S2: Que o Laerte morreu, eu achei que ele não devia a ter morrido.

Porque você gosta de assistir novela?

S2: Porque eu acho legal, porque cada tipo de novela tem uma história diferente.

Das últimas que você assistiu, qual mais gostou?

S2: Das últimas eu gostei de Amor à Vida, eu gostava do Félix.

Você acha a novela trata de assuntos importantes?

S2: Eu acho assim, que a maioria das novelas não são assim exatamente como a gente vive.

E você acha que aprende alguma coisa com as novelas?

S2: Eu acho que não, é mais uma coisa assim pra divertir quando tem hora vaga.

Você acha que as coisas que passam nas novelas são parecidas com as coisas que acontecem aqui em Guaraqueçaba?

S2: Mais ou menos assim, a maioria das coisas sim, mas algumas coisas como o preconceito de duas pessoas se beijarem do mesmo sexo, eu acho que isso não tem em Guaraqueçaba, pelo menos eu acho né.

(ENTREVISTA V2.)

Você costuma assistir novela?

V2: Sim.

Desde quando?

V2: Desde sempre.

O que você acha das novelas?

V2: Legal né, umas trama bem legal.

E por que você gosta de assistir?

V2: Ah eu gosto né, que a gente vive no dia a dia, mesma coisa. A gente se identifica né.

Das novelas que você assistiu, qual mais gostou?

V2: Ah tem bastante, das nove horas eu gosto de todas, Avenida Brasil, aquela lá, Caminho das Índias era legal também.

E as crianças costumam assistir as novelas com vocês?

V2: Um pouco, não param muito mais assistem. Marcela assiste.

E você acha que não tem problema?

V2: Ah um pouco tem né, tema algumas cenas que é bem, aí a gente fica sem graça é meio pesado. Mas não adianta, se ela não assistir lá em casa assiste em outro lugar, assiste na casa dela, não tem como.

E ela te pergunta alguma coisa?

V2: Não pergunta nada, só se comenta com as amigas, mas lá em casa ela não comenta nada.

Vocês estão assistindo em família? Estão gostando?

V2: Assistimos, normalmente eu e o Diu (esposo), as vezes minha mãe aparece, Valéria, Marcela e Eduarda. Estamos gostando sim, ah, mas eu não gosto muito do Laerte, tenho raiva dele, mas é legal, a gente fica vendo pra ver o que vai dar no desfecho né. Eu gosto bastante de Marina lá, das duas lá, acho bem legal, é o que gosto mais.

E o que você das novelas tratarem desse tipo de assunto?

V2: Ah é bom né, igual acontece no dia a dia, é bom saber né.

Então você acha que as novelas tratam de assuntos importantes?

V2: Eu acho, tem umas cenas pesadas, mas tem algumas coisas.

Nessa novela, você viu algum outro assunto que tenha achado interessante?

V2: Da doação lá, bem emocionante aquele lá foi, aquilo lá acontece mesmo né, ele indo se encontrar com o filhinho lá do cara, meu aquilo foi muito emocionante, achei legal aquela cena lá.

Você acha que os assuntos, a forma como a novela trata as coisas é parecido como as coisas acontecem aqui?

V2: Aqui é difícil né, não acontece quase nada, com Guaraqueçaba não acho que com outras cidades vai se.

Você procura sobre a novela em outros lugares?

V2: Não, eu vejo mais na internet.

Você tem internet em casa?

V2: Lá não, só no celular, quando eu venho pra vila né, quando eu estou lá sem chance. Lá no Costão não pega internet, porque não pega o celular né, não tem sinal, só aqui.

(ENTREVISTA V3.)

Costuma assistir novela desde quando?

V3: Desde mocinha, faz tempo.

O que você acha das novelas?

V3: Ah pra mim é um divertimento, um lazer aqui em Guaraqueçaba.

Você acha que elas abordam assuntos interessantes ou servem só para entretenimento?

V3: Tem coisas que eles passam da vivência do dia a dia que é pra pessoa entender né, mas tem coisa também que é não é verdade, exagero.

O que você acha das crianças assistirem novela?

Tia: Ah eu não acho que seja muito bom não, porque tem partes das novelas que é muito pesada né, não é pra criança ver, já deixa a criança com a mente aguçada pra saber o que está acontecendo, o que será que vai acontecer querer experimentar, fazer o que esta passando.

Vocês assistiram Em Família?

V3: Assistimos.

Tia: Assisti, achei muita rebeldia da filha, desobediência com a mãe, com o pai, muito rebelde. Aí as mocinhas veem isso e vão querer fazer igual né.

V3: Ah é, desobediência com a mãe.

Vocês acham que passou alguma coisa legal nessa novela?

Tia: Pra ser sincera minha filha, não achei nada legal.

V3: Eu gostei mais daquele casal, do aviador, com a Chica, aqueles desde o início quando eles se encontraram, foi só alegria.

Tia: É verdade. Com eles não tinha nenhuma coisa de malícia, de nada.

V3: Eu não gostei do Laerte, oh psicopata.

Então você gostou do final?

V3: Gostei, gostei daquele menininho que aceitou a situação da mãe, a cabecinha dele, foi explicado para ele e tudo, porque aquilo ali na realidade tem hoje em dia, e as pessoas olham com preconceito, cada um vai procurar a felicidade que achar melhor para si né. Eu achei tão lindo aquele piázinho ali, ele fez bem bonitinho o papel dele.

E vocês acham que as novelas tem tratado de assuntos importantes?

V3: Tem foco que tem, tem outros que não. O que eu achei ali que eles mostraram bem, foi a questão da as duas moças lá, a fotógrafa com a mãe do piá, eles mostraram bem mesmo né, que

não é para ter preconceito com as pessoas né, o mais ali, pra ruindade foi aquele Laerte, o mau da história né, aquilo ali não pode acontecer, ele era muito, fazia as coisas e dizia que não fez.

Das novelas que vocês assistiram quais mais gostaram?

V3: Agora não estou gostando de nenhuma, não tô assistindo. A última foi da Capadócia, não foi? Eu gostei da novela do Félix, eu gostava do Félix, essa última que terminou agora, por sinal eles terminaram antes né.

Tia: Antes do tempo, isso é verdade.

V3: Eles cortaram o autor não tinha mais o que inventar.

Tia: Eu acho que estava com pouca audiência, a maioria desligava na hora, passava pra outro programa, eu acho que foi isso que ocasionou a rapidez.

Vocês acham que a realidade mostrara nas novelas, as famílias tem alguma coisa parecido com Guaraqueçaba?

V3: Tem casos, tem casos que acontece, mas é raro aqui, agressividade, na novela muita fofoca, aqui tem muito.

Tia: Não, nem sempre né, acho que tem coisas que tem e outras que não tem. O que eu acho que tem muito é desobediência né, adolescente fazendo o que bem entende, não dão satisfação aos pais, não é mesmo? Muito envolvimento com coisas que não devem, então isso aí é preocupante pra gente que é mãe, que é vó, e vê as crianças aí envolvidas com coisa que não presta. Nessa teve o alcoolismo com o médico, é toda droga não deixa de ser um vício né, não deixa de ser uma doença né, tem que procurar recurso, muitos tem condições, muitos não.

Vocês costumam procurar informações sobre as novelas em outros lugares?

V3: Ah, só assisto.

Tia: A gente que faz o comentário da gente né, entre nós.

V3: Por exemplo, agora está passando essa Império, nem olhei ainda, não procurei ver nem uma cena ainda.

Tia: Eu gosto dessa das seis que tem tudo de plástico, roupa de plástico, que tem a menininha com o menino que não tem pai nem mãe, o guri, o Lepe.

V3: Só coisas recicláveis né.

Tia: Eles estão ensinando a reciclar garrafa pet.

V3: Eu só assisto porque a gente não tem o que fazer aqui em Guaraqueçaba. Antigamente eu era fissurada, eu não podia perder um capítulo.

Vocês acham que as novelas, melhoraram, pioraram?

Tia: Eu acho que piorou muito, muita depravação, sei lá, tão mostrando muita coisa que não devia ser mostrada principalmente pra criança né.

(ENTREVISTA L3.)

Assistiu “Em Família”? Gostou, não gostou?

L3: É legal né. Eu achei legal, aquela parte do Cadú lá que o pai do gurizinho doou o coração, o transplante. O menino foi lá e encontrou-se com ele.

Você acha que essa novela mostrou algum problema que Guaraqueçaba também tem?

L3: Acho que não.

L3: Eu achei essa novela meio fraca, ela não tinha a mesma audiência das outras, ela foi curtinha, o pessoal não gostou não. Mas as novelas do Manuel Carlos são assim mesmo, só fala da família

Você acha que a novela ensina alguma coisa ou não?

L3: Ensina claro, tem coisas que ela ensina o lado ruim, mas tem coisa que ela ensina o lado bom também. Como aquele do médico ali, ensina a doar mais, fazer mais doação.

L3: Eu acho que o que a novela mostra é bem diferente de Guaraqueçaba, eles tem outro estilo de vida né

APÊNDICE III – GRUPOS

(ENTREVISTA GRUPO MULHERES, GE1, GR, GE2)

GR: A família que era bastante unida, faziam tudo junto. – GR

GE2: Essa parte eu gostei, mesmo com todas as dificuldades, os atritos entre eles, as discordias, mas eles sempre se apoiaram né, sempre um fortalecendo o outro. E o preconceito que eu achei legal, mostrou que ela tinha um marido, daí ela explicou que não gostava mais dele, no começo ele ficou triste, mas é normal, eu acho, mas depois aceitou, o filho teve uma boa amizade com a amiga. Eu gostei, aquilo foi uma lição pra gente adulto, porque as vezes a gente tem preconceito do jeito que as pessoas são.

GR: Tinha aquele médico lá também, aquele menino, irmão da Clara.

GE2: No final ele ficou com a médica, a amizade deles era muito bonita. Ela sempre apoiou ele.

GE1: Ela abordou um monte de assunto né, o casamento gay, o alcoolismo, o casamento entre os primos.

GE2: Ah eu não gostei dessa parte aí, sabe porque, eu achei meio esquisito, porque a mãe gostava, eu não gostei, acheio meio estranho.

GR: Mas a mãe era aquele amor de infância, ela se sentia traída, por tudo que ele fez com ela né.

GE1: Eu acho que ela casou com ele (Virgílio) por pena, ela não gostava dele, era do Laerte.

História de Neidinha

GE1: Eu assisti quando ela foi estuprada, dentro de uma kombi.

GE2: Eu nunca achei que aquela mulher ia se libertar daquilo, deve ser um trauma muito grande né.

GE1: Com certeza ser pega a força, a pessoa não querendo.

GE2: E ainda engravidar de bandido.

GR: E a filha sabendo da história toda, a cabecinha da menina, sabendo que ela foi gerada num estupro.

GE2: Mas quando ela era pequena a mãe não contou pra ela, foi depois de adulto. Ela foi atrás de descobrir quem era o pai, e ia colocar na cadeia quem fez isso com a mãe, ela foi até o fim.

Eu também achei interessante a coragem da filha, ela se tornou policial, namorou um policial muito bom que deu apoio para ela e ajudou ela a prender os bandidos. Eu admirei a coragem dela de ir tão fundo, até o fim da história, até fazer justiça. Eu achei incrível essa parte, não é qualquer um que quer fazer justiça né, falta coragem.

Daí a mãe casou, com um grande homem que foi enfermeiro, um super carinhoso, e ficou feliz. Ela sofreu, mas no final da novela ela ficou feliz.

O Transplante do Cadú

GE1: Eu lembro dele doente na novela, mas não lembro o que aconteceu.

GE2: Ele ficou internado bastante tempo no hospital, daí melhora, vai pra casa, e a enfermeira que gostava muito dele, sempre estava indo ver ele em casa, dando força pra ele não desistir. Ela era apaixonada por ele né, tinha três.

E daí o Cadú achava que não ia sobreviver, porque um coração estava muito difícil, ele estava esperando alguém compatível com ele.

GE1: Eu não gostava do músico, o Laerte, achava ele muito galinha, qualquer uma que chegava ele já pegava e já traía.

Meus filhos não assistem novela, eles dormem cedo, eles gostam de assistir chaves, desenho, lá em casa é dvd rolando o dia inteiro. Pra criança não chama atenção novela.

GR: Se eu tivesse um filho, eu não sei se deixaria, se eu ia podar ou não, as vezes tem muita coisa, desde cedo indo pra esse lado, eu não sei se eu deixaria.

GE1: Meu pai não deixava a gente assistir novela, quando tinha uma tv preto e branco lá em casa, quando passava alguma coisa assim, um beijo, uma coisa à toa, porque meu há anos atrás ele já dizia sai, sai da sala, e desligava a televisão, e já dizia, vai pra sala, sai daqui, tocava a gente da sala, daí a gente ficava boiando, o que será que a gente não pode ver. A gente ficava com vontade, mas ele nunca deixou a gente ver. Ele não dava liberdade pra gente assistir, ele falava que tudo era putaria. Pro meu pai tudo é putaria, como é que ele falava, um beijo e ele já falava, já tão aí lambendo beijo.

GR: É mas essa geração já é diferente né.

GE1: É os meus não assistem porque eles não querem, não gostam de novela, não é uma coisa que atrai eles para assistir, eles assistem desenho, assistem o Chaves, coisa de criança mesmo.

GE1: A novela é boa, eu não lembro bem dessa parte do Cadú, eu lembro que ele estava doente na novela, eu lembro que ele fez uma cirurgia, que tinha uma mangueirada ligada nele.

GE2: Então, ele fez a cirurgia, deu tudo certo, deu uma rejeição por pouco tempo, mas isso é normal. Mas ele conseguiu se erguer, o que eu mais gostei é que ele tinha as três apoiando ele, toda hora, o que você precisa Cadú, come, dando sopinha na boca, acho que ele amou estar sendo paparicado, igual uma criança.

Outra coisa interessante, geralmente na doação do coração, quando é doado, não tem laços com a família, e o Cadú e o Cadú fez questão de conhecer a família que doou o coração para ele, e o pai que doou o coração tinha um filhinho e daí o Cadú abraçou o piázinho com todo carinho e disse pra ele, acho que a mãe já tinha orientado ele, o Cadú foi até lá agradecer a esposa, e depois mais tarde eles vieram pra casa do Cadú e o piá parece que sentia o pai perto, porque ele sabia que o coração do pai estava no Cadú, e ele ficou super assim, e pegou o menino depois que ficou bom e ia passear na praia, eu acho que o filhinho adotou o Cadú como pai, e a esposa, foi bem legal, bem legal, dos dois lados, tanto do lado do doador, como aquele que recebeu, então eu achei legal, porque é legal a gente poder salvar uma vida e poder conhecer que você pode fazer uma pessoa viver, então isso eu achei interessante.

GE1: Eu achava a história do cara lá que gostava da mãe e da filha, eu não achava legal o cara namorar com a mãe quando era mais novo e depois com a filha quando estava mais velho, e a filha gostar ainda dele, eu não achei legal essa parte, parece que não combinou muito, não sei.

GE2: É porque você via sofrendo os dois lados, tanto aquele amor que da mãe não foi completado, ela não viveu aquele amor completamente porque ficou na metade do caminho e a filha também sofria, porque vendo a mãe sofrer, então ela poderia amar ele, mas não era feliz, porque a gente amando uma pessoa e o outro estando infeliz, a gente nunca é completa, o amor não se completa, então tem que ser certo, eu acho, do meu ponto de vista né, agora cada um tem um jeito de pensar.

GE1: Ela relutava em dizer que não pro Laerte, eu acho que ela tinha ciúmes, ela guardava aquelas lembranças, eu acho que ela tinha aquele amor recolhido ainda.

GE2: O ruim é que ela escondia, ela não era amorosa com o marido assim, porque o amor dela estava ligado no outro, e daí ela mentia pro marido, e fazia ele infeliz.

GR: Mas ele sabia né, ele sofria calado.

GE2: Eu acho que ela deveria ter jogado limpo com ele, olha eu não gosto de você, vai viver tua vida.

GE1: Mas tudo que ela falava, ele dizia amém.

GE2: Agora uma coisa interessante, a gente nunca deve casar por pena, dizem quem tem pena se despena, e é verdade. Então a gente nunca deve ter pena, se ama ama se não ama não ama. Então nunca devemos pensar ah vou casar com ele por pena, porque você sofre e a pessoa que está ao seu lado sofre, todo mundo sofre na realidade.

GR: As coisas da novela acontecem na realidade, a realidade é que está lá.

GE2: A gente não pode se inspirar em novela, porque a gente sabe que novela é tudo de mentirinha. E que são montados aqueles papéis lá, então na realidade você tem uma noção de como é a vida, mas às vezes nem tudo que eles fazem lá, na novela, que é real na vida, na realidade. Às vezes é só um papel ali que tem que representar pro povo, no meu ponto de vista, agora não sei se está certo, o que eu acho.

GE1: Mas muita coisa acontece, o que passa na novela acontece na vida real.

GR: Eles se espelham no dia-a-dia, mas algo eles mudam, o cenário, tem algumas coisas, não é a realidade.

GE2: Veja uma coisa, tem uma troca de casal diário na novela, como é que o esposo aceita a esposa deitar com outro, isso aí já não seria legal né, como é que a esposa aceita, e vive deitando com outro, e o esposo vendo, será que se fosse verdade ele iria ter sangue frio?

GE1: Mas tem reportagem assim que diz que quando tem cenas mais picantes assim, o marido não vê nem ela vê. Eles dizem que preferem não ver aquela cena, que qualquer um que goste do outro aceita uma coisa daquela, nem que seja beijo técnico. Que beijo técnico, encostou não é mais técnico, eu não acredito nesse negócio de beijo técnico.

GR: Eu sempre via novela, todo dia, e é todo dia, é engraçado, aquele negócio, a gente se envolve, fica num estado que nossa, a gente vive aquilo ali no dia-a-dia, fica pensando, e chora.

GE2: antes eu assistia diário a novela, só que eu percebi que a novela é um tempo perdido pra nós, eu to lendo um livro, alguma coisa pro meu próprio conhecimento. Novela pra mim, hoje eu já não sou muito ligada, eu pego uns pedaços lá, mas eu não assisto mais.

GE1: Eu sou assim, de noite eu tô em casa, não tem mais nada pra fazer, então eu vou deitar e assistir né. Daí vem Big Brother, vem outra coisa. A gente se envolve na novela.

GE2: E quando chega o final da novela, se você perde o último, fica poxa acabou e eu nem sei como que ficou lá.

GE1: Eu sou assim, quando pego pra assistir uma coisa, enquanto não vejo o fim não sossego.

GE2: O final eu gosto, porque eu fico curiosa pra ver como vai acabar.

Vocês acham que as famílias mostradas nas novelas, parecem com as famílias aqui de Guaraqueçaba?

GE1: Depende da situação.

GE2: Eu acho que a vida da novela, é uma vida mais, ela não é uma vida tão sofrida, não é uma vida de trabalho, é uma vida mais.

GE1: É fictício, tudo de mentirinha.

GE2: É por isso é difícil a gente comparar a vida da novela com a nossa vida aqui em Guaraqueçaba, porque essa vida a gente vive a realidade dela né, e lá e montagem, então é difícil a gente falar, será que a minha vida esta sendo igual a vida dela.

Ah sim, problemas é geral, tanto na novela, como na vida, tanto lá tem como nós brasileiros temos, nos enfrentamos problemas dia-a-dia, sem problemas é impossível sobreviver.

Sim, com certeza. Nos temos solução, só que nós temos que querer melhorar algo na nossa vida que esta errado, você tem que aceitar, tem que correr atrás, tem que buscar, sem dúvida. Eu acho que a esperança a gente só perde quando morre mesmo, porque morreu, não existe mais, mas quando há vida no ser humano, eu tenho que correr atrás, se eu não tiver dinheiro, eu vou atrás do Governo, eu tento ir atrás, buscar o melhor em mim, se eu quero ficar boa, depende da minha vontade, porque não adianta você me ajudar e eu não querer, então eu tenho que querer algo.

GE1: Eu lembrei de uma coisa, desse negócio de alcoólatra na novela, que ele conseguiu se libertar no final. Comparando uma coisa com outra assim, não era alcoólatra, mas era droga, a minha sogra mesmo, então ela era viciada em crack, ela foi por muitos anos assim, ela foi muitos anos viciada em crack, e andava na rua parecia um travesti, ela ficou deformada, uma mulher tão bonita, ela ficou deformada. Ninguém dava nada, falavam: ah isso já vai morrer, porque a vida de uma pessoa que usa crack é um ano né, não era só crack era outras coisas também. Internaram ela à força, os filhos, e ela se recuperou, hoje você olha pra ela e fala que ela nunca foi usuária, é outra pessoa, nossa parece que ela saiu de dentro de um ovo, de diferente que ela ficou. Acho que é a mesma coisa de um alcoólatra, é uma droga, uma pessoa que bebe demais e não consegue se controlar.

GE2: Eu acho que a gente nunca deve desistir de uma pessoa, ela queira ou não queira, a gente deve insistir. Mas tudo depende dele querer se ajudar, não adianta só a Flora me ajudar e eu não me ajudar.

GE1: Internaram à força ela, mas depois que ela estava internada, já fazia 3 meses em uma clínica pra louco, porque não tinha condições de internar em uma clínica pra recuperar ela, meu Deus do céu, ela melhorou assim depois que saíram do organismo dela aquelas coisas ruins, ela mesmo falou, não eu não quero mais isso pra mim, é outra vida, eu quero mudar de vida. Você olha ela hoje assim, meu Deus do céu, é uma guerreira, eu olho pra ela assim, é uma pessoa maravilhosa.

Então você acha que a novela serve como exemplo?

GE1: Acho, claro que serve.

GE2: Teve uma mulher, que o filho, ela fazia cocada pra vender, e ela queria que o filho se formasse médico, e esse filho tinha vergonha, ela não era muito boa de saúde, ela tinha uma doença lá. Essa pra mim foi uma vida real. Você é pobre, você é sofrido, você pode ter o feijão e o arroz no dia e pode não ter também, e essa mulher, ela tinha um filho, e ela era pobrezinha, ela vendia cocada pra pagar a faculdade do filho, e o filho morria de vergonha de sair com ela. Mas daí ela ficou doente e o filho começou a namorar uma menina que era rica, e ela dizia, meu filho essa menina não serve pra você ,

mas ele se interessou no dinheiro da menina, porque ele era pobre e ela era rica, e a mãe dizia pra ele: filho você tem que namorar uma que seja do teu estilo, nós somos pobres, mas ele nunca aceitava ser pobre, ele queria ser rico, até que essa guria queimou-se, mas eu não consigo explicar direito, porque faz tempo, mas ele humilhava a mãe e tudo. Eu acho que aqui em Guaraqueçaba tem gente assim que tem vergonha.

GE1: Ah tem, tem sim, pescador.

GE2: Eu não sei se aqui tem, mas que tem hoje tem sim, porque os filhos de hoje, você pode observar, quando eles são pequenininhos eles querem aconchego da mãe, beijinho, cheirinho, depois eles vão ficando adolescente e você vai dar um beijo, eles dizem: mãe não preciso mais disso, eu já estou grande, não sou mais criança. Eles sentem vergonha, sentem porque até eu meu filho grande, eu não era casada assim, eu sentia vergonha das outras, meu filho tem mania de chegar e abraçar a gente e saia pra rua abraçado com a gente, eu tinha um pouco de vergonha, não me sentia bem, porque eu achava que o povo ia comentar. E agora até ele com a namorada do lado, sem a namorada, eu não me sinto bem, até hoje, não sei porque né, mas eu não me sinto bem, eu não sei se é vergonha ou timidez. Minha filha é assim, vamos sair, ela diz, eu não, saia com o teu marido, então nem todo filho tem o prazer de sair com o pai.

GE1: Minha mãe diz que meu pai não sai com ela porque tem vergonha, eu digo pra ela, mãe não é vergonha, que depois que ela amputou a perna ela não saiu mais de casa, é difícil de carregar, pense, é difícil empurrar a cadeira de roda, ainda mais com aquele tamanhão todo nessas ruas tudo esburacada. Meu marido chega, e beija ela e diz, vamos lá em casa eu levo a senhora, eu já digo, pode parar, essa cadeira vai quebrar no meio do caminho e você vai ter que IGE2r essa mulher nas costas, ele diz, eu levo, eu levo. Ele não tem vergonha sabe. Agora o meu filho que mora com ela já tem vergonha de empurrar a cadeira de roda dela, eu já não carrego porque não dou conta mesmo.

GE2: Na verdade não só o jovem, mas o ser humano, na realidade a gente ainda não desenvolveu esse lado de aceitar as pessoas, eu sei por que quando Jorge Louco caiu ali no meio do caminho, o meu coração dizia, vai ali ajudar ele, eu ia, mas no fundo no fundo eu morria de vergonha, de nojo de pegar nele, porque ele andava mijado, e eu sabia que isso era errado, mas eu GE2 tô pedindo a deus pra tirar isso de mim, que eu não posso ter isso. Mas nos seres humanos somos assim é a realidade da vida. Aceitar o ser humano às vezes a gente não aceita, eu tinha vergonha de mim, de andar com o meu marido.

GE1: Eu também tinha, eu tinha vergonha, porque eu já tinha dois filhos quando eu conheci ele, ele era novinho, eu tinha 23, ele é 4 anos mais novo do que eu, mas só que ele apresentava ter muito menos, e o pessoal na rua ficava me perguntando, e falando vai acabar de criar, aquilo ali me incomodava, mas eu não falava nada, ficava na minha.

GE2: Meu primeiro marido tinha 65, eu tinha 24, as pessoas diziam, credo GE2 o que você viu nele, me deixavam lá embaixo, eu sabia que ele era mais velho, mas eu buscava não amor, eu buscava uma segurança, porque eu não tinha, eu era sozinha e eu queria um pai pro meu filho, eu casei sem amor, só que o carinho dele, o amor que ele tinha pelo meu filho, talvez o que eu sentia não era amor, mas era respeito. Então eu aprendi a gostar, aprendi a respeitar, porque ele me respeitava, ele me amava, e eu achava que ele me amando e amando o meu filho eu ia amar ele, mas eu sentia uma

grande vergonha quando as pessoas diziam, poxa GE2 o que você viu, você tão bonita, podendo se casar com um novo, vai se casar com um velho, ai judiação, isso é errado né.

GE1: Mas nos somos assim, seres humanos, cheios de defeitos, falhas.

GE2: Hoje se eu fosse casar eu não casaria se não gostasse, primeiro eu casei sem gostar, pra dar segurança para o meu filho, para ele ter um lar, mas hoje eu acho que ficaria eu e meu filho. Eu cuidei dele até o fim, até o fim da vida eu cuidei dele.

GE1: A minha história dá uma novela.

GE2: Não é por ser rico e ter tudo acham que a vida vai ser sempre sem dificuldade, o dinheiro nem sempre é tudo, a vida do rico também tem as suas dificuldades, a luta do dia-a-dia.

(ENTREVISTA GRUPO JOVENS)

Eu gostaria que vocês comessem falando o que acharam dessa novela. As novelas em geral trazem alguma questão interessante, se não trazem, por que?

- GM 13 anos – Eu acho que tem poucas ultimamente. Essa novela Em Família, quando a gente analisa a família, é mais discussões do que outra coisa, traz mais problemas do que outra coisa.

-GL1 16 anos – Eu acho que, no meu caso, eu acho que na vida real, geralmente nossas famílias vivem muito um cotidiano de discussões. É que essas novelas estão apoiando a diversificação das coisas.

- GD 16 anos – Uma coisa que mostra muito nas novelas, em quase toda novela você percebe, é a discórdia que tem entre os participantes digamos. Sempre há muita discórdia. Ela nunca mostra o lado bom das coisas, sempre aponta o lado ruim.

- E vocês acham que ela mostra traz algum problema social que dê pra refletir, pra discutir a partir da novela, ou não?

- Sim, vários (3respostas)

-GA 14 anos – É que geralmente eles, tipo, eles mostram a realidade, só que acaba...

- GL1 16 – Na verdade eu acho que eles mostram um pouco a realidade distorcida pra satirizar o pobre.

-GM 13 – E outra coisa que eu acho, falar pobre, preconceito, essas coisas, as empregadas. Eu e minha mãe ficamos perguntando: por que sempre a branquinha sempre tem que ser a mocinha, sempre ela tem que ser a pessoa que tem dinheiro? Por que a negra faz o papel de empregada, de mais pobre. Isso tem que mudar também.

GL1 16- Como eles falam: tem que eliminar o preconceito, mas nas próprias novelas eles impõe o preconceito.

GA 14 – Sem querer. (sem querer o que?) Sem querer querendo eles fazem isso.

- Vocês acham que a realidade mostrada pela novela tem alguma coisa há ver com a realidade de Guaraqueçaba? Vocês acham que a partir da novela dá pra discutir problemas que acontecem aqui, ou não?

- GA 14-Tipo o divórcio, por exemplo, sempre mostra isso. Os homossexuais, coisa que não deveria passar e passa, tem criança assistindo.

-GD 16 – Mas também aqui de Guaraqueçaba, a fofoca, a mentira, a falsidade, isso é o que mais acontece.

GM 13 – É. Mas, essa parte ..

Nessa novela Em Família tem algum personagem que vocês tenham gostado, ou não tenham gostado alguma situação que tenham achado interessante ou achado nada há ver?

GM 13- Dessa novela em família? (Isso) Ah, eu não gostei... Ela era amada. Ela tinha um amor verdadeiro por ele... Devia ter ficado com ele.

E tem alguma coisa que vocês tenham gostado que tenha chamado sua atenção?

-GL2 14 – O que mais chamou minha atenção foi daquela moça, que ela era negra e foi atrás de saber quem foi o rapaz que abusou da mãe dela no caso, que estuprou a mãe dela e aí ela ganhou ela. E aí ela foi atrás da pessoa em todo canto do mundo pra ver quem tava por trás desse crime.

E o caso da moça que era fotógrafa e ficou com a outra moça, o que vocês acharam, da forma que foi mostrado?

-GM 13- Eu achei nada a ver ela ter deixado do marido e ficado com ela. Porque tipo ela tinha até um filho com ele. Ele gostava tanto dela. Nada há ver ela ter feito aquilo.

GA 14 – Mas ela gostava da mulher.

GM 13- Ela gostava mais dele mas daí ela começou a dar em cima dela.

GA 14- Não que eu apoie até por causa de religião e essas coisas tudo. Mas se você não apoia uma coisa não precisa discriminar. Xingar e... Você tem que aceitar. Porque você não gosta você não precisa tá tipo...

GW 20 – Tem a sociedade hoje em dia que...

GA 14 – Você não gosta você não precisa ficar xingando e criticando. Você só aceita. Não que eu concorde.

GL1 16 – Mas tem que aceitar uma coisa que a sociedade está impondo. Porque antigamente a mulher não tinha senso de opinião. Era como se fosse uma mulher de mágico. Eles tão tentando progredir os direitos. Eles tão tentando colocar mulher com mulher, homem com homem pra tentar dar tipo uma harmonização entre mulher e homem. Porque antes tinha muitas brigas entre os hetero e os homossexuais. Os homossexuais sofriam muito preconceito. Eu acho que a TV está apoiando eles pra tentar dar uma aliviada, mas eles não tão tentando, eles não levam em consideração a classe social das pessoas. Como eu falei antes, o pobre ele não tem direito. Eles satirizam. Os ricos eles são bonzinhos ou são malvados, mas o pobre ele fica olhando com aquela cara de que falta intelectual, que não sabe de nada. Isso eu acho uma... que termo eu poderia utilizar pra isso?

GD 16 – uma sacanagem. Sacanagem é o melhor termo pra você utilizar.

GL1 16- É. Uma sacanagem, uma sacanagem que eles fazem porque eles não tão vendo o ponto verdadeiro dos pobres. Eles estão satirizando tudo. Como fizeram em uma entrevista, uma professora mostrou em sala de aula, que fizeram uma pesquisa e foram no pior bairro, na pior cidade e foram

entrevistar uma pessoa com distúrbios mentais pra mostrar pro público. É isso que eles fazem nas situações dos pobres. Eles pegam a pior classe dos pobres pra colocar ali.

GL2 14 – E a maioria das novelas quando eles querem falar do pobre eles falam de favela. Todas as novelas que eu vi até hoje vai mostrar o pobre é na favela. Coisa que não acontece porque não é todo pobre que mora na favela. Só mostram o pobre, a realidade do pobre na favela.

Menina 2- E também todo pobre tem que roubar parece. Tem muito pobre justo. Aqui em Guaraqueçaba, não precisa roubar.

GM 13 – E essa questão de homossexual... Só porque na novela, acho que na Globo tá sendo muito mostrada essa questão. Mas eu acho que só por que... Assim como aceita o direito de ser homossexual, acho que tem que aceitar nossa opinião de não ser entendeu? Porque parece que tem essas leis, parece que agora todo mundo tem que concordar e se ajoelhar nos pés do homossexual. Acho que também tem que respeitar a gente que não acha legal entendeu? Não que precise discriminar.

-E na questão de hábitos, de coisas que estão usando nas novelas, vocês prestam atenção?

- GA 14- Influencia muito, a moda principalmente, a tendência.

GL2 14 – Mas tipo assim, você vai ver a tendência que está nas novelas geralmente vem de outros países. Tipo assim, eles pegam, por exemplo, a cultura americana eles pegam e brasileiroizam. Pegam de outro país e traz pra nossa realidade. Não usando o nosso original mas sim pegam de outro país e traz pra nossa realidade. Por exemplo, a moda, a moda que se passa no país, o estilo de roupa, se você está vendo o jeito que se veste aqui é meio que se espelhando nos americanos. De modo que influencia muito a novela.

GM 13 – Uma das coisas mais marcantes da novela, que eu acho, foi a unha da..., trazia esmalte azul, procurava, eu quero esse tipo de esmalte, (risos)

As roupas de antigamente voltaram tudinho, coisa que dizia é de velho, agora muito jovem usa.

-GL2 14 – Esses óculos, óculos quadrado, antes era de velho, agora está todo mundo comprando, tem muito jovem que usa isso aí e acha bonito.

GL2 14 - Roupa social, se você for ver 2, 3 anos atrás, menino não usava isso aí. Se você for ver agora é algo comum já.

-GA 14– No dia a dia também.

GL2 14– Isso se perdeu agora isso tá voltando.

-Tem mais alguma coisa que vocês gostariam de comentar sobre a novela, sobre essa em especial ou sobre as novelas em geral. Vocês acham que elas trazem algum assunto interessante?

GD 16 – Eu pra falar a verdade acho que a novela só traz coisa ruim.

GL1 16- Também na novela sempre tem o bom e o ruim. Tem o honesto, tem o vilão.

GA 14 – É, é só isso mesmo.

GL2 14 – Até hoje eu nunca vi novela em que todo mundo só fez coisa certa, sempre tem um que rouba, ou mata, ou...

GM 13 – Isso é por causa da nossa sociedade. Nem todo mundo é bom assim., como eu acho que eles querem mostrar uma família...

GL1 16 – Tipo mostrando na novela uma pessoa roubando outra, um irmão roubando outro por causa de dinheiro. Na sociedade as pessoas começam a pensar nisso influenciado na novela. Começam a pensar ah meu irmão tem dinheiro vou roubar ele, vou fazer igual da novela que não vai dar nada pra mim..

GA 14 – Ninguém...

GL2 14 – A maioria pensa assim., muita gente é muito influenciada pela novela.

GM 13 – Tem gente que é influenciada, mas eu acho que ao mesmo tempo você pode pensar esse cara que roubou se deu mal no final.

GL2 14 – Agora pense um cara que é acostumado a roubar, desde criança, ele vê um cara roubando do irmão dele lá na novela, o irmão dele tem dinheiro, ele não tem, ele vai lá e rouba do irmão dele, com a maior naturalidade e não se arrepende por causa disso.

GL1 16 – Agora os políticos, na novela quando ele está fazendo alguma coisa errada eles são pegos. Na realidade não é bem assim. Eles fogem, eles têm dinheiro, eles tem prisão domiciliar. Nunca vi uma coisa assim na novela. Na novela é como se a nossa sociedade na política, na corrupção fosse inteiramente perfeita. Tá roubando vai ser descoberto já.

Zé Muniz – Em toda novela o final não está escrito, o final vai ser conforme o povo quer.

GD 16– É se o povo está esperando que o bandidinho morra ele vai escrever um final matando e todo o Brasil vai assistir o final da novela.

GW 20 – É toda a novela se passaram com esse padrão. Se você assistir o primeiro episódio você já sabe quem vai morrer no final, quem vai ficar com quem. Sabe tudo o que vai acontecer, mas você assiste do mesmo jeito. Você sabe o que vai acontece, mas você quer ver acontece.

GL1 16- Na realidade você é influenciado pela novela por vários motivos. Todo mundo sabe que a novela não é nada. É só lá o cara fazendo o papel dele, ganhando o dinheiro dele e quem está assistindo simplesmente não vai ganhar nada.

E a pessoa acha que é realidade, a pessoa fica com raiva daquele ator que está fazendo papel de mau, tipo a pessoa simplesmente entra na direção da novela. A maioria das pessoas.

- E entre os jovens a novela é um tema de conversa?

GA 14 – Demais, Malhação.

GM 13 – Não só Malhação.

GL2 14 - A malhação também tá muito padrão. Era muito melhor a Malhação. Tá tipo essa novela Em Família.

GL2 14 – Mas uma novela tipo Em Família quem conversa mais os menino ou as menina?

GA 14 – Ah, as menina, mas tipo uma galera.

GW 20 – A gente conversa mais sobre jogo, tipo qual tipo tá perdendo, qual tá ganhando, qual jogo teve na vez passada.

Mas os meninos não conversam sobre novela?

GW 20- De vez em quando, tipo aquela novela, eles não gostam de falar de novela.

GL1 16 - Novela eu quase não assisto. Assisto sei lá duas vezes por semana novela. E já dá para acompanhar. Todo capítulo que eu assisto você já pensa nos anteriores. Você já sabe o que aconteceu, como que tá. É tudo a mesma coisa. Tudo a mesma coisa. Um querendo o mal da outra pessoa, um querendo roubar, um querendo tipo passar a perna num amigo, pra se dar bem na vida. É mais ou menos isso.

GD 16 – Pelo capítulo que eu assisto você já tem essa visão anterior, daí já me...

E o tema dessa novela – É família não é? Como vocês acham que foi trabalhado esse tema?

GD 16 – Acho que foi bem trabalhado em contrário. Uma novela que não teve nada em família.

GM 13 – Verdade, mais discussão em família.

GL1 16 – O mais engraçado da novela é que essa novela podia ter alguém morrido, alguém morto, alguém foi roubado e sempre no final da novela aparece sempre um capítulo de uma família feliz. Sempre uma família feliz.

GM 13- É a recompensa.

GL1 16- É só pra passar pra sociedade como a gente deve suportar, tipo a pessoa olha lá no final da novela e vê uma família feliz. Tipo eles tentam passar isso tentando influenciar a pessoa tipo essa novela é boa, essa novela Em Família foi mais ou menos isso. Por que quando depois da metade da novela que eles começaram a passar esse zigzig de família sempre influenciando a pessoa a achar que era boa.

GA 14- Da pra perceber que sempre nas novelas desse autor dessa novela sempre aparece um videozinho de família, como essa em família. A vida...

É um videozinho de uma família?

-GL1 16 - É uma família feliz. Tipo eu sô ator e morro no meio da novela e no final da novela passa uma família feliz. Tipo o cara morre e aparece uma família dando risada.

GA 14 – Tipo tinha uma novela com pessoa com deficiência, todo final da novela aparecia uma pessoa com deficiência, tipo um homem com uma mão assim e depois começou a tocar. Sempre assim, como tema da novela e depois aparecia umas coisas assim.

GM 13 – Quando tava falando das novelas em geral: por que sempre aparece os bons e os maus? É porque, na verdade, eu acho que na verdade se a novela quer ser parecida com a vida tem que ter bom e ruim, invejoso e bonzinho, pobre e rico. E você não pode falar mal tipo assim é da vida real. Tipo ah aquele lá da novela, ele é homossexual, ele é... Aí que feio. Porque se você for olhar pra dentro de casa, não dentro de casa mesmo, mas ao redor, na tua família, sempre vai ter uma menina mais namoradeira, um cara mais ... Um cara que roube. Então eu acho que você não pode falar, sempre tem.

Zé Muniz – Vocês falaram que a novela influencia. Então a novela é uma escola?

GD 16 – Mais ou menos.

GA 14 – Na verdade eu acho que a novela influencia sim, influencia muito as pessoas, influencia quem quer.

GM 13 – No meu caso nunca influenciou.

GA 14- Influencia, mas não é bem o caso.

GL1 16 – Muitas pessoas que não tem como sair de casa, não pode sair com os amigos. Não tem nada pra fazer em casa, fica assistindo a TV, daí igual a história da caverna, ficava vendo as sombras. Pra ele as sombras eram reais. Esse jovem que está preso em casa está só assistindo novela, a novela se torna real pra ele, ele vai baseia a vida naquilo. Vai quere fazer aquelas coisas, vai quere imagina um amigo. Vai ter um amigo no colégio, não vai querer trazer ele jamais pra casa porque ele viu na novela que esse amigo trai o outro.

Zé Muniz- Nós somos um pouco diferentes porque veja agora enquanto milhões de jovens estão assistindo novela nós estamos fazendo outra coisa entendeu?

GM 13- Sempre tem alguém que influencia mesmo nós, sempre tem alguém que influencia.

Zé Muniz- Veja lá um tempo atrás foi o primeiro beijo de um homem e uma mulher na novela. Recentemente dois homens se beijaram. Foi uma coisa bem... Num horário... Com criança, nunca tinham visto dois homens se beijar numa novela. O que vocês acham, acham que o povo do Brasil, os jovens, as crianças tá preparado para ver essas coisas-

GL1 16 -O que vai fazer pra uma criança ela ver dois homens se beijando numa novela, um casal de homossexuais se beijando, na sociedade isso tá difundido em qualquer canto não vai fazer diferença ele ver isso na frente dele ou na TV.

Menina 2- Mas a TV tá dando mais liberdade pra eles fazerem isso em público.

Zé Muniz – Mas vocês acham importante a novela mostrar essas coisas assim? Mostrar essa liberdade, essa diversidade ou vocês acham que o povo está preparado para ver isso?

GL1 16- A bem dizer essa já é a realidade de nossa sociedade isso, homem com homem e mulher com mulher. Isso já tá em lei praticamente e se faz parte da TV a maioria, quem não viu um homem com homem e uma mulher com mulher se beija?

GM 13 – No jornal tava vendo ontem uma psicóloga dizendo que é normal, não tem nem como falar isso aqui né? Que é normal você ver as crianças mexendo no órgão sexual do menininho. Se você chegar e ver tua filhinha de cinco anos com outra menininha de seis, se você chegar e ver elas se tocando é uma coisa normal. Eu não acho isso normal. Esse é o meu direito entendeu? E a TV hoje em dia tá falando que tem que achar tudo isso normal é o que eu falei se tem que respeitar eles, eles também tem que respeitar a gente.

GL1 16 – Cada um tem uma opinião né?

GM 13- É, mas os homossexuais parecem que hoje em dia querem que o mundo inteiro gire em torno deles.

GL1 16 – Como um professor de filosofia disse uma vez que existe uma... como posso utilizar tal palavra? A mulher. Uma mulher. Geralmente no colégio a mulher deveria no colégio usar uma calça larga, a mulher. A mulher e o homem no colégio deviam usar roupa base, uniforme. A mulher já ela fazer uma modificação e tinha homens, piá, que ficavam simplesmente... passavam a mão. Daí

ficavam que não é pra acontecer isso no colégio. Ficar passando a mão nas alunas. Aí o professor chegou e falou pras alunas: Vocês ficaram modificando o uniforme, vocês ficaram introduzindo os piá a fazerem isso. Porque vocês deram a liberdade, no instante em que vocês deixaram a calça bem mais colada, fizeram, como se chama a...blusa em cima do umbigo e com decote. Muitas alunas eu já vi isso no colégio. Mas eu acho que devia ter um senso de liberdade. Um senso de liberdade e um limite, porque se você não quer que alguém faça isso você não pode, não pode fazer. Porque muitas pessoas criticam os homossexuais, criticam o jeito que elas se vestem, criticam o jeito que os piá se vestem, isso cria assim um conflito porque nenhum desses conscientes que tão.

Então você acha que se a menina usar roupa ousada isso dá o direito do garoto mexer com ela?

GL1 16- Não acho que propriamente de o direito, mas acho que ela está insinuando para o garoto porque ela está tentando uma sedução.

GD 16- Isso é semelhante ao reino animal, por exemplo, uma fêmea quando tá perto do cio ela começa a se aparecer para o macho, ela começa... Muitos animais fazem um rodízio e daí todo macho vem em cima da fêmea. É mais ou menos isso que acontece com o ser humano.

GM 1- Eles fazem isso mostrando partes do corpo.

Então vocês concordam que se a menina usa uma roupa mais ousada ela está pedindo pra ser desrespeitada?

GM 13 – É, depende, as vezes não é questão que ela quer se mostrar entende. Não tem como falar de todos.

GD 16- Gira em torno da moda, é um caso ou outro. Tem gente que se sente bem vestindo assim, tem gente que é acostumado, que gosta, tem gente que não gosta.

GM 13– Tem menina que não vê malícia. Ela não vê assim. Ela gosta, tá na moda, ela acha normal, entendeu? Uma sainha, uma menina que vem do sítio, ela tá acostumada a usar short, ela acha normal. Só que... Tem que ver. No colégio o ano passado, agora é proibido usar short. Tinha menina novinha lá, toda pequeninha, toda bonitinha, ela podia usar saia, ela podia usar sainha por aqui, usar top, ninguém falava nada. Agora se eu fosse com um short por aqui, todo mundo falava.